



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Lucas Guimarães Cardoso de Sá

**Atribuição de Causalidade ao Nível de Competência em Jogadores
de Futebol**

**UBERLÂNDIA
2009**

Lucas Guimarães Cardoso de Sá

**Atribuição de Causalidade ao Nível de Competência em Jogadores
de Futebol**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora: Marília Ferreira Dela Coleta
Co-orientador: José Augusto Dela Coleta

**UBERLÂNDIA
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S111a Sá, Lucas Guimarães Cardoso de, 1982-
Atribuição de causalidade ao nível de competência em jogadores de
futebol / Lucas Guimarães Cardoso de Sá. - 2009.

195 f.

Orientadora : Marília Ferreira Dela Coleta.

Co-orientador: José Augusto Dela Coleta.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Jogadores de futebol - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. I. Dela Coleta, Marília Ferreira. II. Dela Coleta, José Augusto. III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

796.33.056



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Lucas Guimarães Cardoso de Sá

Atribuição de Causalidade ao Nível de Competência em Jogadores de Futebol

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior (membro)

Prof. Dra. Maria Regina Ferreira Brandão (membro)

Prof. Dra. Marília Ferreira Dela Coleta
(orientadora)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, José Roberto, minha mãe, Meire e meu irmão, Alex, por me darem a certeza de que eu tenho um lugar para voltar, independente do que aconteça.

À minha doce e linda Bárbara, por estar comigo desde o início. Literalmente.

À Prof^a. Dr^a. Marília Ferreira Dela Coleta, por aceitar trabalhar comigo algo que eu tanto queria, por me fazer ter prazer pela pesquisa científica e por sempre ter tido paciência e organização diante dos problemas mais difíceis.

Ao Prof. Dr. José Augusto Dela Coleta pela correção de rumo indicada na banca de qualificação e pela ajuda inestimável que se seguiu, em vários momentos e durante vários meses.

Ao Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior, pelas sugestões na qualificação do projeto e por ter estado sempre disponível para ouvir e esclarecer diversas das dúvidas que me intrigaram.

À Prof^a. Dr^a Maria Regina Ferreira Brandão, pela prontidão em aceitar participar da banca de defesa e pelas importantes considerações feitas sobre o trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Áurea De Fátima Oliveira, pelas dicas imprescindíveis de estatística, que ajudaram, e muito, a aprofundar meu conhecimento na área.

Aos alunos de graduação, e grandes amigos, Arthur Siqueira de Sene, Tiago Siqueira Fernandes, Leonardo Machado do Nascimento e Mário José Bertini Silva de Jesus pela enorme ajuda na coleta de dados e pelas muitas manhãs de domingo passadas nos campos de futebol.

Aos jogadores que aceitaram participar desse estudo. Torço para que todos alcancem seus sonhos, que são sonhos de uma vida.

“Quando estou cansado, morto após um treino, sempre penso: alguém vai ter que pagar caro por esse esforço todo. Acho que os zagueiros é que vão pagar.”

“Esquecendo a modéstia, esse momento do gol eu domino com perfeição. Se não soubesse fazer isso, não teria chegado onde cheguei.”

Ronaldo, o Fenômeno

RESUMO

O modelo motivacional da atribuição de causalidade prevê que os sentimentos e expectativas gerados pelo tipo de causa utilizada pelo indivíduo para explicar o que lhe acontece pode influenciar sua motivação. Todas as causas poderiam ser classificadas de acordo com três dimensões: *locus* da causalidade, grau de estabilidade e controlabilidade. O que os estudos vêm demonstrando ao longo dos anos é que, em situações esportivas, existe a tendência a atribuir resultados positivos ou vitoriosos a causas internas, estáveis e controláveis, e resultados negativos ou de insucesso a causas externas, instáveis e incontroláveis. Assim, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar as causas atribuídas por jogadores de futebol das categorias júnior e amador adulto ao seu nível de competência e verificar sua relação com os sentimentos, expectativas e disposição para agir dos atletas. O estudo foi composto por 189 jogadores, sendo 111 atletas da categoria júnior e 78 da categoria amador adulto. Foi utilizado um roteiro de entrevista estruturado, com 47 perguntas contemplando antecedentes atribucionais, causa atribuída, dimensões da causa atribuída, sentimentos e expectativas gerados e disposições dos atletas para a ação. Os resultados indicaram que tanto jogadores adultos quanto juniores com maior nível de competência percebido fizeram atribuições mais internas, mais estáveis e igualmente controláveis, quando comparados àqueles que tiveram menor nível de competência percebido, que fizeram atribuições mais externas, mais instáveis e também pessoalmente controláveis. Os diferentes tipos de atribuição, porém, geraram consequências semelhantes, uma vez que as médias das variáveis que mediram emoções positivas, expectativas e disposições para a ação se mantiveram igualmente elevadas. Isso pode ser um indício de que o processo atribucional é utilizado pelo atleta como forma de se defender de sentimentos e expectativas negativos, que poderiam levá-lo a experimentar baixos níveis de motivação. Sendo assim, conclui-se que os jogadores de futebol dessa amostra utilizam o que a literatura da área denomina de atribuições otimistas, aquelas nas quais o que é percebido como bom é explicado de uma forma que possibilite sua manutenção e o que é ruim é explicado de forma que possa vir a ser melhorado.

Palavras-chave: causalidade, competência, motivação, futebol

ABSTRACT

The motivational model of causal attribution predicts that emotions and expectations, generated by the type of cause utilized by a person to explain what happens to himself, can influence his motivation. All causes could be classified according to three dimensions: *locus* of causality, stability and controllability. Studies have showed that in sports' situations there is a tendency to attribute positive or successful results to internal, stable and controllable causes and negative or failed results to external, unstable and uncontrollable causes. Thus, this study was developed with the aim to investigate the causes attributed by juniors and amateur adults' football players to their competence level and to verify the influence generated on their emotions, expectations and dispositions to action. The study was composed by 189 football players, being 111 juniors and 78 amateur adults. A structured interview with 47 questions about causal antecedents, causal ascriptions, causal dimensions, emotions, expectations and dispositions to action was used. The results showed that as adults as juniors with high competence level made more internal, more stable and equally personal controllable attributions, when comparing to those with low competence level, that used more external, unstable and also personal controllable causes. The different kinds of attribution, otherwise, generated similar consequences, since the means of positive emotions, expectations and dispositions to action kept equally high. This may be a clue that athletes use the attribution process as a way to defend themselves from unpleasant emotions and expectations, which could take them to undermine their motivation. Thus, the conclusion is that football players of this sample used what others studies named optimistic attributions, those in which what is perceived as good is explained in a way that keep being like this and what is perceived as bad can be better in the future.

Key words: causality; competence; motivation, football

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	O processo intrapessoal de motivação da atribuição de causalidade	64
-----------------	---	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dimensões Causais e Causas Explicativas do Sucesso e do Fracasso	59
Tabela 2	Tipos de Causas Atribuídas e Emoções Resultantes	69
Tabela 3	Tipos de Causas e Emoções Resultantes em Amostras Brasileiras	70
Tabela 4	Distribuição dos Atletas Juniores Segundo Idade, Escolaridade, Escolaridade da Mãe e do Pai, Local Onde Passou a Infância e Posição Em Que Joga	95
Tabela 5	Distribuição Dos Atletas Adultos Segundo Idade, Escolaridade, Escolaridade Da Mãe e Do Pai, Local Onde Passou a Infância e Posição Em Que Joga	97
Tabela 6	Perguntas Utilizadas Para Medir Variáveis Sócio-biográficas	100
Tabela 7	Perguntas Utilizadas Para Medir Variáveis de Antecedentes Atribucionais	101
Tabela 8	Perguntas Utilizadas Para Medir Nível de Competência Percebido e Identificar Causas Atribuídas a Ele	102
Tabela 9	Perguntas Para Medir Dimensões Da Causa Atribuída Ao Nível De Competência Percebida	103
Tabela 10	Perguntas Utilizadas Para Medir Expectativas de Nível de Competência e Profissionalismo	105
Tabela 11	Perguntas Utilizadas Para Medir Disposições Para Ação Visando Maior Nível de Competência	106
Tabela 12	Frequência, Porcentagem e Média de Nível de Competência Percebido em Jogadores Juniores de Futebol de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido	112
Tabela 13	Frequência e Porcentagem de Causas Mais Atribuídas por Jogadores Juniores de Futebol, de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido	113
Tabela 14	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Para Antecedentes Atribucionais de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido Por Jogadores Juniores de Futebol	114

Tabela 15	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Entre as Dimensões da Causa de Acordo Com o Maior ou Menor Nível de Competência Percebido Por Jogadores Juniores de Futebol	115
Tabela 16	Coeficientes de Correlação (r de Pearson) Entre o Nível de Competência Percebido e as Dimensões da Causa Atribuída por Jogadores Juniores de Futebol	116
Tabela 17	Resumo Das Análises de Regressão Simples Para as Três Dimensões Atribucionais Tendo Como Preditor o Nível de Competência Percebido e Regressão Múltipla Stepwise para a Variável Critério Nível de Competência Percebido Tendo Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais, em Jogadores da Categoria Júnior	117
Tabela 18	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Sentimentos de Jogadores Juniores de Futebol, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência	118
Tabela 19	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Expectativas, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída por Jogadores Juniores de Futebol ao Nível de Competência	120
Tabela 20	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Disposições Para a Ação, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Atletas Juniores	123
Tabela 21	Coeficientes de Correlação de Pearson (r de Pearson) Significativos Entre as Dimensões da Causa Atribuída e Antecedentes Atribucionais, Sentimentos, Expectativas e Disposições Para a Ação de Jogadores Juniores de Futebol	125
Tabela 22	Resumo Das Análises de Regressão Múltipla Stepwise Tendo como Variáveis Critério Diversos Sentimentos e Expectativas e Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais, em Atletas da Categoria Júnior	126
Tabela 23	Frequência, Porcentagem e Média de Nível de Competência Percebida, Para os Grupos de Jogadores de Futebol Amadores Adultos Com Maior e Menor Competência	128
Tabela 24	Frequência e Porcentagem de Causas Mais Atribuídas por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta, de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido	129
Tabela 25	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Para Antecedentes Atribucionais de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta	130

Tabela 26	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Entre as Dimensões da Causa, de Acordo Com o Maior ou Menor Nível de Competência Percebido por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta	131
Tabela 27	Coeficientes de Correlação (r de Pearson) Entre o Nível de Competência Percebido e as Dimensões da Causa Atribuída por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta	132
Tabela 28	Resumo Das Análises de Regressão Simples Para as Três Dimensões Atribucionais Tendo Como Preditor o Nível de Competência Percebido e Regressão Múltipla Stepwise para a Variável Critério Nível de Competência Percebido Tendo Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais, em Jogadores da Categoria Amador Adulta	133
Tabela 29	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Sentimentos de Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta, Conforme o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência	134
Tabela 30	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Expectativas, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Jogadores Amadores Adultos	137
Tabela 31	Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Disposições Para a Ação, Conforme o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Jogadores da Categoria Amador Adulta	139
Tabela 32	Coeficientes de Correlação de Pearson (r de Pearson) Significativos Entre as Dimensões da Causa Atribuída e Antecedentes Atribucionais, Sentimentos, Expectativas e Disposições Para a Ação em Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta	141
Tabela 33	Resumo Das Análises de Regressão Múltipla Stepwise Tendo Diversos Sentimentos como Variáveis Critério e Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais em Atletas da Categoria Amador Adulta	144
Tabela 34	Resumo Das Análises de Regressão Múltipla Stepwise Tendo Diversas Expectativas e Disposições Para Ação como Variáveis Critério e Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais em Atletas da Categoria Amador Adulta	145
Tabela 35	Variáveis Com Médias Significativamente Diferentes, De Acordo Com o Teste t de Student, Entre Jogadores Juniores e Adultos Que Fizeram Atribuições Internas, Estáveis e Controláveis Ao Maior Nível De Competência	147
Tabela 36	Variáveis Com Médias Significativamente Diferentes, de Acordo Com o Teste t de Student, Entre Jogadores Juniores e Adultos Que Fizeram Atribuições Mais Externas, Instáveis e Incontroláveis	149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 O FUTEBOL	25
2 A PSICOLOGIA E O ESPORTE	35
2.1 – Definição	35
2.2 – Histórico	36
2.3 – A Psicologia do Esporte no Brasil	38
2.4 – A motivação e sua relação com a atribuição de causalidade	41
3 A ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE	43
3.1 . A Percepção Social	44
3.2 . As contribuições de Fritz Heider	45
4 A TEORIA ATRIBUICIONAL DA MOTIVAÇÃO INTRAPESSOAL DE BERNARD WEINER	51
4.1 . As dimensões da causa atribuída	51
4.2 . O processo motivacional explicado pela Teoria Atribuicional	60
5 A ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE NO ESPORTE	73
6 JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS	89
6.1 . Justificativas	89
6.2 . Objetivos	91
7 MÉTODO	93
7.1 . Participantes	93
7.2 . Instrumento	98
7.3 . Procedimentos	107
8 RESULTADOS	111
8.1 . Resultados para a Amostra de Jogadores Juniores	111
8.2 . Resultados para a amostra de jogadores amadores adultos	127
8.3 . Resultados significativos quando se compara jogadores juniores e adultos	146
9 DISCUSSÃO	151

10 CONCLUSÃO	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXOS	181
ANEXO A . Roteiro de entrevista estruturado	181
ANEXO B . Termo de esclarecimentos sobre a pesquisa	185
ANEXO C . Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	187
ANEXO D . Respostas de atletas da categoria junior	189
ANEXO E . Respostas de atletas da categoria amadora adulta	193
ANEXO F . Parecer Comitê de Ética em Pesquisa	195

INTRODUÇÃO

Uma frase comumente utilizada no mundo da preparação física e dos esportes é “no pain no gain”, que poderia ser traduzido como “sem dor não há resultado” ou “sem sacrifício não há recompensa”. Tanto que uma das grandes empresas de material esportivo do mundo parece ter adotado tal expressão para guiar suas campanhas publicitárias para o futebol. Em seu endereço de internet (NikeFutebol, 2009) é possível ler o seguinte texto:

Para se tornar um jogador de futebol, não adianta apenas ter habilidade. O segredo de todos os craques está nos treinamentos, muitos treinamentos. Com os treinamentos, o seu corpo obedecerá mais rapidamente aos seus comandos, e você estará melhor preparado para controlar o jogo, seja cadenciando ou acelerando o ritmo no momento apropriado. Mas para isso acontecer, você tem que se dedicar 100% aos treinos, pois de outra maneira, os resultados não serão alcançados. 99,99% É IGUAL A 0%. RALA QUE ROLA.

Diversos de seus comerciais utilizam impactantes expressões como “Deixe tudo ou deixe o futebol”, “Rala que rola” ou “Take your game to the next level” (algo como “eleve seu jogo para um nível superior”) para ilustrar imagens de atletas acordando cedo, percorrendo longo caminho para chegar ao local do treinamento, se esforçando na preparação física, durante os treinos e reagindo com mais treino após situações de insucesso. A mensagem passada pelos comerciais parece ser a de que a única forma de obter sucesso no futebol, alcançando o “nível superior de competência”, é através do esforço.

Nada parece mais representativo do que é o processo motivacional da atribuição de causalidade, ou como o tipo de causa atribuída pode influenciar o comportamento. Levar atletas a acreditar que o esforço é a causa responsável pelo seu nível de competência e pelo consequente sucesso no futebol, tal como é feito em muitas campanhas, é uma forma de mantê-los motivados, mesmo diante das dificuldades que possam aparecer.

De acordo com a teoria motivacional de atribuição proposta por Bernard Weiner (1985), cada causa está delimitada por três dimensões: o *locus* da causalidade, que pode ser interno ou externo e diz se a causa está ou não relacionada ao indivíduo; a controlabilidade da causa, que se refere ao fato da pessoa poder ou não controlar a causa; e o grau de estabilidade da causa, que diz se a mesma é permanente ou se modifica a cada situação. As combinações dessas dimensões geram diferentes sentimentos e expectativas, que por sua vez tendem a comportamentos distintos.

O esforço é considerado interno e controlável, uma vez que está relacionado à pessoa e ela pode determinar o quanto quer se empenhar nas situações. Ainda, se visto como estável permite a manutenção de comportamentos de empenho em caso de alto nível de competência percebido e se visto como instável possibilita que mais esforço seja utilizado em caso de menor nível de competência percebido. Tais combinações levariam o atleta a manter seus sentimentos e expectativas positivas e assim terem mais disposição para persistir, treinar e continuar tentando.

O fato é que, nos últimos 30 anos, os estudos sobre o papel da atribuição de causalidade nos sentimentos, expectativas e comportamentos no esporte têm sido frequentes e agregaram importantes contribuições para o conhecimento dos fatores psicológicos que influenciam o desempenho do atleta. Recentemente, quando os resultados dos estudos passaram a mostrar que o comportamento disfuncional pode ser mudado com treinamento de atribuições mais funcionais e otimistas, a aplicação prática desse conhecimento no contexto esportivo passou a ser facilitada.

Já se sabe, por exemplo, que o esforço, por ser uma causa interna, pessoalmente controlável e flexível quanto à estabilidade, é uma das causas mais indicadas para explicar o comportamento dos atletas (Rees, Ingledew & Hardy, 2005). Um atleta que busca maior nível de competência e objetiva o profissionalismo, o sucesso no profissionalismo ou mesmo a

realização pessoal como jogador de futebol, conseguiria buscar ou mesmo alcançar seus objetivos de uma forma mais funcional se entendesse o esforço como o principal meio para isso.

Talvez a gigante empresa de material esportivo tenha até mesmo elaborado sua campanha de publicidade a partir dos conhecimentos gerados pelas pesquisas da Psicologia envolvendo o processo atribucional. E ainda que isso não tenha acontecido, os comerciais só demonstram e comprovam a importância do tipo de causa atribuída aos eventos para o desempenho do atleta.

Assim, o objetivo deste trabalho foi testar esta importante teoria da Psicologia Social, que é a atribuição de causalidade. O contexto esportivo foi escolhido porque enquanto no exterior, desde a década de 1970, diversos estudos tenham testado esta teoria em situações esportivas, no Brasil o assunto parece ainda ser novidade. Apenas dois relatos de pesquisa, de mesma autoria, foram encontrados. No futebol, mesmo sendo este considerado o “esporte nacional oficial”, parece nunca ter havido qualquer investigação a este respeito.

Todas essas dificuldades fizeram com que o estudo aqui apresentado adquirisse uma conotação exploratória e teórica, já que a falta de dados básicos de fundamentação impediu uma intervenção mais aprofundada e aplicada. Desta forma, embora ao longo do texto muito se fale de causas influenciando o desempenho de atletas, optou-se por não trabalhar com variáveis de desempenho, mas apenas com aquelas que o próprio atleta fosse capaz de mensurar. Longe de ser um desmerecimento, tudo isso serviu para que os resultados se tornassem mais valiosos.

O estudo agora apresentado focaliza as dimensões da causa atribuída por jogadores de futebol das categorias júnior e amador adulto e suas relações com os seus sentimentos, expectativas e disposição para agir e emitir comportamentos que levem a maior nível de competência no esporte.

No primeiro capítulo é apresentado o que é o futebol, seu histórico, alguns aspectos sociais do esporte e algumas das características psicológicas desejáveis no jogador de futebol. No segundo é mostrado a Psicologia do Esporte, seu histórico no mundo e no Brasil e o local no qual está situado o processo de atribuição de causas.

O terceiro capítulo é dedicado às origens dos estudos da atribuição de causalidade e o quarto a explicar o mecanismo do processo que leva uma causa a influenciar comportamentos de um indivíduo, a Teoria Motivacional da Atribuição de Causalidade, desenvolvida principalmente por Bernard Weiner. No quinto capítulo são apresentados resultados de pesquisas realizadas em todo o mundo sobre o processo atribucional no esporte.

Em seguida são colocadas as justificativas e objetivos que pautaram o estudo. O método está descrito no sétimo capítulo e os resultados no oitavo. Por fim, a discussão compõe o nono e as conclusões, juntamente com uma breve agenda de pesquisa, o décimo e último capítulo do trabalho.

1 . O FUTEBOL

O futebol de campo é uma modalidade esportiva pertencente à categoria de grandes esportes de equipe, caracterizado por um regulamento com validade internacional e disputa de campeonatos nacionais e internacionais periódicos. De acordo com Ball (1976), uma característica importante dos esportes coletivos, como é o caso do futebol, é a de permitir que um atleta com pouca competência consiga evitar a percepção de pouca competência, já que muitas vezes está amparado por companheiros de equipe com mais capacidade.

Para jogos oficiais é exigida uma estrutura formal, na qual dezessete regras precisam ser obedecidas: campo de jogo, bolas, time, uniforme, árbitro, auxiliares, tempo de partida, início e reinício da partida, bola fora de jogo, gol, impedimento, falta, tiro livre, penalti, arremesso lateral, tiro de meta e escanteio.

O campo deve ser retangular, sem obstáculos e com suas medidas e sinalizações perfeitamente estabelecidas. No centro da linha de fundo deve haver dois postes (distantes 7,32 metros entre si) e um travessão que os una a 2,44 metros do chão. Durante 90 minutos, divididos em dois tempos de 45 minutos, onze atletas de cada equipe têm o objetivo de fazer a bola cruzar esta meta, marcando o gol. Para isso precisam colaborar entre si, estabelecendo tarefas que os levem a atacar a meta adversária e impedir, por meio da oposição, que a outra equipe consiga este objetivo. Saem vitoriosas as equipes que conseguem fazer o maior e receber o menor número possível de gols (Borsari, 1989 ; Fleury, 2004).

Apesar do futebol ser o esporte mais popular do mundo, no final do século XIX tal hipótese era simplesmente impensável (Stemme, 1981). A facilidade de compreensão das ações e regras do jogo teria sido fundamental para esse enorme desenvolvimento. Também pode ter ajudado o fato de ser um esporte facilmente praticável, podendo ser jogado, de forma adaptada, por iniciantes, em inúmeros ambientes e sem custos (Borsari, 1989).

A origem desse esporte é cercada de incertezas (Stemme, 1981). De acordo com Shirts (1982) procurá-la seria como tentar encontrar pontas de um novelo que se desenrola em direções opostas. Embora historiadores tenham descoberto indícios de jogos com bola em diversas culturas antigas como China, Japão e Grécia, o futebol no formato como é conhecido hoje ainda estava longe de acontecer (Pereira, 2004). Duarte (1994) acredita que o futebol, em moldes parecidos com o atual, tenha se originado de uma divisão entre os praticantes de rúgbi, na Inglaterra.

Uma outra versão, relatada por Pereira (2004), é de que na Itália da Idade Média existia um jogo chamado *gioco del calcio*, em que 27 jogadores de cada equipe deveriam levar a bola até dois postes fincados nas extremidades da praça onde era praticado.

O *gioco del calcio* teria saído da Itália e chegado à Inglaterra no século XVII. Lá adquiriu regras diferentes e foi organizado e sistematizado. O campo passou a ter medidas exatas e arcos retangulares chamados de gol. A bola era de couro e enchida com ar. Ao ter regras claras e objetivas passou a ser praticado pela elite inglesa e com o tempo foi se tornando popular. Na cidade de Cambridge, em 1848, ficou estabelecido um código de regras comum a ser seguido.

O profissionalismo teve início em 1885 e em 1886 foi criada a International Board, entidade até hoje única responsável por mudanças nas regras quando necessário. Em 1904 surgiu a Federação Internacional de Futebol e Associação (FIFA), com a função de organizar o futebol em todo o mundo. A FIFA possui atualmente 208 membros, superando em número os 192 filiados à ONU (Organização das Nações Unidas) e os 205 ao COI (Comitê Olímpico Internacional).

No Brasil, o chamado “país do futebol”, a história “oficial” começa com Charles Miller. Paulistano, viajou à Inglaterra para estudar e lá conheceu o esporte. Ao retornar em 1894, trouxe bolas, calções, chuteiras, uniformes e as regras do jogo. Apesar de haver no país

indícios de jogos com bola muito tempo antes (até mesmo em culturas indígenas), foi Miller quem introduziu o esporte de forma sistematizada, como era jogado na Europa e praticamente como é jogado hoje em todo o mundo (Shirts, 1982).

Levine (1982) e Witter (1982) dividiram a evolução do futebol no Brasil em quatro fases distintas. A primeira (1894-1910) foi marcada pela chegada do futebol ao país e pela restrição da prática do esporte aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros. Na segunda, a fase amadora (1911-1932), o futebol se tornou símbolo de distinção social, um bem restrito à elite econômica e cultural. Houve grande divulgação pela imprensa e o jogo era marcado pela ofensividade, a busca pelo gol. Havia constantes casos de racismo, já que negros eram proibidos de defender clubes e seleção brasileira.

Essa proibição levou à clandestinidade, exemplificada pelo famoso caso do jogador Carlos Alberto, do Fluminense. Mulato, cobriu-se de pó-de-arroz para parecer branco durante uma partida contra o América, pelo Campeonato Carioca de 1914. Como esperado, durante a partida o suor descobriu a maquiagem e acabou com a simulação. Esse quadro começou a mudar somente a partir de 1923, quando o Clube de Regatas Vasco da Gama venceu o Campeonato Carioca com uma equipe integrada também por negros, mulatos e pobres. Era o início da popularização do futebol no Brasil.

No final da década de 1920 os jogadores passaram a receber frequentes subsídios financeiros, antes ou depois dos jogos. Isto, porém, era feito de forma tão desorganizada, que após diversos protestos acabou levando ao terceiro período do futebol brasileiro, o do profissionalismo (1933-1950). Sua principal característica foi a regulamentação do futebol como profissão, de acordo com as novas leis trabalhistas do governo de Getúlio Vargas, em 1933. Nele também o futebol tornou-se espetáculo de massa e surgiram os primeiros ídolos, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

O quarto período (1951-1980) foi marcado pelo reconhecimento internacional e a comercialização do futebol nacional. O vice-campeonato mundial da seleção nacional em 1950, mesmo com a derrota para o Uruguai no Rio de Janeiro, proporcionou o início da consagração do futebol brasileiro. A vitória no campeonato de 1958, na Suécia, o bicampeonato em 1962 no Chile e o tricampeonato de 1970 no México vieram comprovar isso. A partir da década de 1970, já com reconhecimento internacional, o futebol no Brasil começou a ser visto como um grande negócio.

Além das quatro etapas anteriores, Rodrigues (2004) indicou ainda um quinto momento, que tem início ainda na década de 1970 e evolui até os anos 2000. Nele houve a crescente modernização e comercialização do futebol. A quantidade de dinheiro investido aumentou gradualmente até chegar aos valores estratosféricos que se conhecem atualmente.

A negociação mais cara do Brasil se deu em 2005, quando o atacante Robinho transferiu-se do Santos Futebol Clube para o Real Madrid Club de Fútbol, da Espanha, por US\$30 milhões. No início de 2009, o Manchester City Football Club ofereceu €108 milhões para que o jogador Kaká deixasse a Associazione Calcio Milan e passasse a defender a equipe inglesa. Os meios de comunicação relataram que o jogador, no entanto, teria recusado a proposta.

Nesse período também cresceu o nível salarial dos jogadores, passou a ser padrão a saída de atletas para times do exterior e como muitas partidas passaram a ser televisionadas ao vivo, tornaram-se comuns propagandas no gramado, nas camisas, durante as transmissões da TV e em diversos outros setores envolvidos com o esporte.

Ser um jogador profissional com alto nível de competência, parece há muito tempo ser sonho comum de muitas crianças no país. No entanto, com tanto dinheiro envolvido, concretizar esse sonho passou a ser visto como uma oportunidade de levar uma vida melhor,

longe da pobreza. Muitas vezes a motivação do atleta parece estar ligada à aspiração de ascender na escala social (Ribeiro da Silva, 1972).

Para Ribeiro da Silva (1972), a preocupação financeira demonstrada é uma questão que vai além da simples sobrevivência e manutenção material. Como a carreira de um atleta é curta, ele precisa o quanto antes começar a se preocupar com a questão econômica, já que depois dos 30 anos fica cada vez mais difícil conseguir bons contratos e com 40 anos a maioria estará aposentado. Sendo assim, quanto mais cedo o atleta atingir seu alto nível de competência, mais cedo começará a ganhar dinheiro e mais conseguirá acumular, pensando no futuro.

Assim, um garoto que busca a carreira de jogador de futebol deve ser formado e preparado para chegar ao profissionalismo. Para isso, desde a infância, precisa pertencer a clubes que tenham as chamadas categorias de base. De 13 a 15 anos a categoria é chamada de infantil, entre 16 e 17 anos de juvenil e de 18 a 20 anos de júnior (Brunoro, 1997). A FIFA (Federação Internacional de Futebol e Associação) nomeia as categorias como Sub-15, Sub-17 e Sub-20, respectivamente.

Um atleta, dependendo de seu nível de desenvolvimento, pode atuar em uma categoria acima, mas jamais em uma abaixo da sua idade. A partir de 21 anos o atleta passa a ser considerado adulto e tem a obrigação de se profissionalizar. Os que não conseguem acabam muitas vezes estabelecendo vínculos não profissionais com o futebol, através da atuação em equipes amadoras.

O futebol amador possui campeonatos organizados e sob o aval das mesmas entidades que dirigem as competições profissionais. A diferença é que os atletas não possuem vínculo empregatício com clubes, embora comumente recebam “ajudas de custo”. Dependendo do atleta, os valores chegam a ser significativos.

Apesar desta alternativa, a verdade é que os jovens atletas querem mesmo é alcançar o profissionalismo. No entanto, do universo de milhares de garotos que treinam em categorias de base, poucos chegam a este nível e raros são os que conseguem grande sucesso na profissão, atingindo a condição de tranquilidade e estabilidade financeira desejada. O alto rendimento é a última de várias etapas em que muitos jovens desistiram ou foram obrigados a desistir, em um processo de extrema competitividade, exigências e pressões (Leonhardt, 2003).

O filme *Linha de Passe*, de Salles e Thomas (2008), mostra como situações como esta são frequentes ao contar a história de Dario, um jovem que sonha ser jogador profissional de futebol e com isso dar melhores condições de vida à família que vive na periferia de São Paulo. Ele passa por diversos testes, chamados peneiras, mas é constantemente reprovado e vê seu sonho cada vez mais distante, já que está próximo de não ter mais idade para atuar em equipes de base, o que reduz imensamente as chances de profissionalismo.

Para enfrentar esse processo, o jogador de futebol, além do talento natural, necessita de um conjunto de habilidades técnicas, táticas, físicas e psicológicas que são determinantes para seu alto desempenho esportivo (Fleury, 2004). Carvalhaes (1969) já afirmava que a variação no rendimento individual do jogador de futebol estava ligada às condições de saúde, preparo físico e atlético e ao estado psicológico do atleta.

A falta de habilidades psicológicas, por exemplo, sob a forma de uma incapacidade de lidar com pensamentos negativos, pode impedir um jogador de alcançar alto nível de competência e de sucesso, mesmo que tenha as demais habilidades bem desenvolvidas. No entanto, assim como podem treinar a parte técnica, a tática e a física, os atletas podem também desenvolver a capacidade psicológica (Brunoro, 1997).

De acordo com Leonhardt (2003), a preparação psicológica deveria ser trabalhada desde as categorias de base. O jogador de base é um adolescente como qualquer outro da

mesma idade e passa por um momento de transição, de desenvolvimento físico, motor, social e emocional. Acrescente-se a isso particularidades como o fato de que o jovem atleta é limitado de participar de atividades típicas de sua idade, de que muitas vezes recebe pressão dos pais para um bom desempenho ou de que em muitos casos se vê obrigado a sair de casa para morar nos clubes, sentindo a ausência do ambiente familiar.

Nesse contexto, é comum observar situações de instabilidade emocional e comportamental, medos, variações na motivação e na atenção, desorganização, agressividade, baixa tolerância à frustração, baixa auto-estima, medo de errar, perfeccionismo ou desinteresse súbito pela atividade, entre outras diversos eventos típicos da falta de maturidade (Suárez, 2008 ; Leondhardt, 2003).

O desenvolvimento das habilidades psicológicas, além das técnicas, táticas e físicas, permitem uma melhor formação do atleta e se trabalhadas desde a base, levam o jogador a aprender desde cedo a lidar melhor com as diferentes situações adversas que podem lhe ocorrer, seja durante os treinamentos, durante os jogos ou em sua vida particular. Possuir tais habilidades tornariam o jogador mais completo e menos propenso a deixar adversidades influenciarem seu desempenho em campo, aumentando consideravelmente suas chances de profissionalismo.

São diversas as habilidades psicológicas necessárias a um jogador de futebol. Carvalhaes (1971b) afirmou ser a inteligência uma das principais necessidades do atleta. Entre diversas características, o atleta inteligente saberia ter maior desenvoltura em campo, melhor desenvolvimento de jogadas, melhor exploração do próprio potencial, mais potencial para decidir uma partida e melhor posicionamento em campo, permitindo a companheiros de equipe também desenvolver melhores jogadas.

Para Ribeiro da Silva (1972), um atleta com alto nível de aptidão para o esporte necessita de uma combinação positiva de diversos fatores, como inteligência, características

de personalidade, poder criativo, capacidade de percepção, motivação, controle da ansiedade e capacidade de liderança.

Um grande jogador também sabe enfrentar períodos de crise, não teme o fracasso e a derrota, sabe lidar dignamente com substituições e passagens pelo banco de reservas e é capaz de lidar com a adaptação ao sucesso, conseguindo resistir à idolatria da torcida sem se tornar arrogante e falso, ou como dizem na gíria do futebol, “mascarado”.

Ao apontarem características psicológicas necessárias a um grande jogador de futebol, Borsari (1989) e Melo (1997) chegam a especificar quais são supostamente mais exigidas conforme a função desempenhada em campo. O argumento dos autores é de que, entre outras características, os defensores precisariam por exemplo de mais coragem, garra e liderança, os meio-campistas de sociabilidade, combatividade e persistência e atacantes de decisão, personalidade e iniciativa. Logicamente, independente da posição, todas as habilidades são importantes.

Brandão (2000a) destacou o manejo adequado do estresse como um importante aspecto da preparação psicológica em jogadores de futebol, uma vez que ele seria mediador de respostas emocionais e comportamentais dos atletas. Um estressor poderia ser visto pelo jogador como desafiador e estimulante ou como gerador de ansiedade.

Brandão, Casal, Machado, Rebustini, Agresta e Ribeiro (2004) ao comparar jogadores brasileiros e japoneses descobriram inclusive indícios de diferenças culturais nas diferentes reações perante os estressores. Descobrir como cada atleta reage diante de estressores distintos permitiria intervenções mais eficazes.

Corrêa, Alchieri, Duarte e Strey (2002) investigaram os motivos que levam jogadores de futebol a terem bom rendimento e assim como Fleury (2004), concluíram que existem diversos fatores que colaboram para a atuação de alto nível : psicológicos, de suporte social, técnicos, táticos e físicos.

A parte atribuída à psicologia envolve ter motivação, confiança, preparação mental (demonstrar competitividade, ter competência e persistência, sempre fazer o melhor, ser aplicado, dar o máximo de si) e habilidade para lidar com o “psicológico” no decorrer das partidas (aumentar a confiança a cada vantagem obtida sobre o adversário, saber lidar com a alternância no placar, estar vencendo, manter o foco na partida, eliminar distrações).

Embora não esteja relacionado diretamente aos aspectos psicológicos, vale a pena, como forma de entender mais sobre os atletas do futebol, listar as demais categorias encontradas nesse estudo.

O suporte social ao atleta envolve o contexto profissional (bom convívio com a imprensa e com a torcida, boa preparação nas categorias de base, boa estrutura do clube), o contexto social e familiar (estrutura familiar que apoie, ter bons exemplos em casa, ter boa índole e bons valores) e o contexto de grupo (todos estarem unidos, ter vínculos de amizade no grupo, ter os objetivos do grupo acima dos objetivos individuais).

Por fim, os aspectos físicos, técnicos e táticos abrangem o papel do treinador (harmonizar os setores da equipe, estabelecer objetivos e metas, aprimorar os fundamentos técnicos e táticos dos atletas, manter a disciplina, fazer os atletas assimilarem seu método de trabalho) e a preparação física (estar bem preparado fisicamente, ter velocidade, possuir um biotipo adequado às exigências do futebol, ter força física).

Carvalhaes (1972) mostra a importância da psicologia no futebol ao relatar experiências de grandes times que não alcançaram o sucesso desejado por falta de um trabalho específico voltado aos aspectos psicológicos. Acontece que um time pode estar bem preparado em aspectos técnicos, táticos e físicos, mas é incapaz de lidar com situações imprevistas, como por exemplo lesão de um atleta líder do grupo ou demissão de um treinador às vésperas de um jogo importante.

Se o fato inesperado realmente acontece, a incapacidade de enfrentamento pode levar a uma queda do rendimento ocasionada por falhas nos mesmos aspectos técnicos, táticos e físicos, que pouco antes pareciam estar bem treinados. Um psicólogo poderia fortalecer e estruturar as condições psicológicas em geral, mudando comportamentos e preparando o grupo para enfrentar melhor situações como essa e várias outras relativas à rotina de treinos e jogos.

Em 1998, poucas horas antes da final da Copa do Mundo da França, o atacante brasileiro Ronaldo teve supostamente um ataque epilético, ao qual muitos atribuíram a apatia do restante da equipe durante a partida, vencida facilmente pela seleção francesa pelo elástico placar de 3X0. A seleção brasileira provavelmente estava bem preparada em todos os aspectos técnicos, táticos e físicos, mas talvez tenha faltado uma melhor preparação psicológica para saber lidar com o problema inesperado de seu maior jogador, evitando assim a grande queda de rendimento mostrada em campo.

De acordo com Fleury (2004), ao acompanhar a evolução da preparação de atletas de futebol nas décadas de 1970, 1980 e 1990 foi possível identificar a diversidade de profissionais atuantes nos clubes, tanto em treinamentos quanto em competições. Em levantamento feito na primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2003, todos os 24 clubes contaram com técnicos, preparadores físicos e médicos. Em relação a outros profissionais, havia fisioterapeuta em 21 equipes, fisiologista em 12, nutricionista em 11 e psicólogo apenas em 2 times.

Os dados parecem mostrar que jogadores de futebol têm sido beneficiados por treinamentos técnicos, táticos e físicos bem planejados, estruturados e sistematizados. Também estão tendo acesso à evolução da medicina esportiva, fisiologia, fisioterapia e nutrição, mas ainda recebem pouca orientação e treinamento da psicologia esportiva.

2 . A PSICOLOGIA E O ESPORTE

2.1 - Definição

A Psicologia do Esporte pode ser definida como a investigação científica dos efeitos dos processos psíquicos básicos (cognição, aprendizagem, motivação, emoção), que acontecem com o ser humano, antes, durante e depois de uma atividade esportiva. Tem como funções descrever, explicar e prognosticar comportamentos, com a finalidade de realizar tarefas práticas de diagnóstico e intervenção, buscando melhor rendimento dos atletas. (Nitsch, 1986, 1989 citado por Samulski, 2008).

Para Machado (1997) é o ramo da ciência que estuda as contingências a que estão submetidos todos aqueles que se envolvem com o fenômeno esportivo, em quaisquer de suas variações: atletas e seus pais, torcidas, dirigentes, empresas, patrocinadores, treinadores, árbitros, professores, psicólogos, médicos e fisioterapeutas.

Weinberg e Gould (2001) a definem de forma parecida, como o estudo de pessoas e seus comportamentos em situações esportivas e a aplicação prática do conhecimento adquirido nesse estudo. O psicólogo do esporte deve auxiliar crianças e adultos a conseguir benefícios da prática esportiva.

Apesar de muitas vezes estar associada a atletas de elite e desempenho máximo, a Psicologia do Esporte também lida com a prática de atividades esportivas não competitivas, como por exemplo no estabelecimento de uma rotina saudável ou no processo de recuperação de indivíduos incapacitados. Analisando desta forma, ela pode estar voltada tanto para o esporte de alto rendimento quanto para a prática de atividade física regular (Rubio, 2000; Weinberg & Gould, 2001).

De acordo com Weinberg e Gould (2001), as pessoas estudam a Psicologia do Esporte com dois objetivos principais: saber como os fatores psicológicos influenciam o desempenho de uma pessoa e como o engajamento em uma atividade esportiva influencia o seu

desenvolvimento e bem-estar psicológico. Com o resultado dos estudos o psicólogo do esporte pode conduzir outras pesquisas, buscando aumentar o conhecimento da área, pode ensinar, difundindo o conhecimento ou pode ainda atuar diretamente com atletas ou equipes, ajudando a desenvolver habilidades que levem ao melhor desempenho em treinos e competições.

2.2 - Histórico

De acordo com Rubio (2000), embora a história da psicologia do esporte mais conhecida seja aquela produzida nos EUA, não significa que outros países não estivessem trabalhando nessa área ao longo dos anos. O Leste Europeu, principalmente a antiga União Soviética, desenvolveu importantes trabalhos voltados ao alto rendimento de atletas.

Para Rubio (2000) e Weinberg e Gould (2001), uma forma de entender a evolução histórica da Psicologia do Esporte é dividi-la em cinco períodos. O primeiro, entre 1895 e 1920, teve início com os estudos de Norman Triplett na última década do século XIX, nos Estados Unidos. Triplett tinha o objetivo de descobrir o motivo pelo qual ciclistas pedalavam mais rápido quando em companhia de outros ciclistas do que quando o faziam sozinhos.

Nesse começo de exploração da psicologia da prática esportiva as formas mais comuns de investigação eram as discussões, por exemplo, sobre tempo de reação e desenvolvimento da personalidade do atleta. Não havia aplicações a partir do que se descobria e poucos se especializavam no campo. Na Rússia surgiu uma referência para a área quando o Dr. Lesgaft mostrou possíveis benefícios psicológicos do exercício físico.

No segundo período, que começa por volta de 1920 e vai até 1938, quatro países se destacam: na Alemanha, em Berlim, no ano de 1920, fundamentado na Teoria da Gestalt, surge o primeiro laboratório em psicologia do esporte do mundo, desenvolvido por Carl Diem.

Nos EUA, em 1923, baseando-se na teoria da personalidade, Colin Griffith (que dedicou boa parte de sua carreira à psicologia do esporte, fazendo pesquisas de alta qualidade e buscando melhorar desempenhos) abre o primeiro curso de psicologia do esporte e dois anos mais tarde o primeiro laboratório da área nos EUA.

Na URSS, na mesma época em que foram criados os Intitutos para a Cultura Física de Moscou e Leningrado, os russos Puni e Rudik publicam artigos científicos fortemente influenciados pelos estudos de Pavlov e pela fisiologia.

No Japão, em 1924, Matsui cria o Instituto de Educação Física desenvolvendo a psicologia do esporte a partir de uma perspectiva social, em que se estudou opinião e atitude frente ao esporte e a atividade física (Sarrazin & Halliwell, 2007).

O terceiro período (1939-1965) foi aquele em que nos EUA houve grande expansão da área, com a formação de muitos professores e o desenvolvimento de pesquisas que permitiram o progresso da ciência psicológica do esporte e do exercício. Na União Soviética, estudos de controle psicofisiológicos através da ioga, desenvolvidos para o programa espacial, tiveram fundamental importância quando passaram a ser utilizados, a partir da década de 1980, como técnicas para prática esportiva.

Em 1965 surgiu a ISSP (International Society of Sport Psychology), que realizou congressos, e mais tarde, em 1970, criou o International Journal of Sport Psychology, para divulgar a área e suas informações. O italiano Ferruccio Antonelli foi o primeiro presidente da ISSP e a ele é atribuído muito do desenvolvimento da psicologia do esporte (Rubio, 2000; Sarrazin & Halliwell, 2007; Weinberg & Gould, 2001).

No quarto período (1966-1977) a psicologia do esporte tem sua consolidação e os estudos buscam entender como os fatores psicológicos influenciam o desempenho de habilidades esportivas e motoras e como o esporte influencia o desenvolvimento psicológico dos indivíduos. É a época do seu reconhecimento como uma disciplina das ciências do

esporte, após o desenvolvimento de diversas pesquisas experimentais. (Rubio, 2000; Weinberg & Gould, 2001).

Por fim, o quinto período (1978 até os dias atuais) é aquele em que a psicologia do esporte é reconhecida como profissão e ciência estruturada e no qual acontece um crescimento no interesse e no número de pesquisas, que conseqüentemente resultam em maior conhecimento (Sarrazin & Halliwell, 2007).

A década de 1980 é marcada pelo enfoque cognitivista, relacionado principalmente a pensamentos e representações mentais em atletas. Em 1985 é criada a Associação para Progresso da Psicologia do Esporte (AAASP). No ano de 1992 a estimativa era de 2700 psicólogos do esporte trabalhando em 61 países, número que embora concentrado nos EUA e Europa, apresentava crescimento em outras regiões (Rubio, 2000; Weinberg & Gould, 2001). Outra estimativa, de Samulski (2008) indica 5.000 psicólogos do esporte no mundo.

2.3 – A Psicologia do Esporte no Brasil

No Brasil, a psicologia do esporte é vista ainda como emergente. No entanto, apesar de certa controvérsia, sua história remete à década de 1950. O futebol, esporte mais organizado da época, por estar profissionalizado desde 1933, acabou sendo naturalmente adotado como o berço para as primeiras investigações em psicologia aplicada ao esporte (Rubio, 2002).

João Carvalhaes, que esteve por 19 anos no São Paulo Futebol Clube e acompanhou a seleção brasileira de futebol no seu primeiro título mundial, na Copa do Mundo de 1958 na Suécia, foi um dos primeiros a trabalhar com a psicologia esportiva no Brasil. Preocupou-se com a formação completa do atleta e com o rigor científico em seu trabalho. Aplicou testes, fez dinâmicas de grupo e entrevistas individuais, além de publicar artigos, proferir palestras e participar de congressos (Carvalhaes, 1969, 1971a ; Rubio, 2000).

Athayde Ribeiro da Silva, outro que se interessou pela área, trabalhou com a seleção brasileira de futebol que conquistou o bicampeonato mundial, no Chile, em 1962 (Rubio, 2000). O relato desta experiência, entre outras importantes considerações, estão descritas na obra “Futebol e Psicologia”, de 1964 escrita em parceria com Emílio Mira y López. Assim como João Carvalhaes, Athayde Ribeiro da Silva publicou diversos artigos científicos em renomadas revistas acadêmicas de Psicologia.

A partir da década de 1970 a atuação de psicólogos no esporte foi ampliada e embora ainda predominante no futebol, começou a alcançar outras modalidades. Em 1979 ocorreu a fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (Rubio, 2000). Nessa época não existia ainda uma psicologia do esporte e sim uma psicologia no esporte. Muitas vezes os profissionais, de diversas outras formações, aplicavam seu conhecimento em atletas com base em dados de indivíduos não-atletas. Parecia não haver a formação adequada que permitisse construir uma psicologia exclusivamente do atleta e dos esportes (Rubio, 2002).

O próprio João Carvalhaes, apesar de seu pioneirismo e importância indiscutíveis, pode ter em alguns momentos praticado uma psicologia aplicada ao esporte e não do esporte. Tal consideração pode ser ilustrada com a famosa (embora bastante controversa e incerta) história que teria ocorrido na preparação para a Copa do Mundo de Futebol de 1958, na Suécia. Carvalhaes aplicou testes psicológicos em toda a seleção brasileira e teria aconselhado o técnico Vicente Feola a não utilizar o jogador Garrincha, pois os resultados de seu teste indicaram que o atleta não tinha inteligência suficiente para disputar uma Copa do Mundo. Como se sabe, Garrincha foi um dos destaques daquele campeonato.

Caso tal fato tenha realmente ocorrido, Carvalhaes pode ter falhado ao comparar os dados de Garrincha com uma amostra de indivíduos não atletas ou limitar a avaliação a apenas uma de inúmeras variáveis passíveis de influenciar o desempenho de um atleta. A seu

favor pesa o fato de que o conhecimento de psicologia e de psicologia do esporte, na época, era bastante limitado, o que dificultava qualquer investigação.

De qualquer forma, tal fato começou a mudar no final da década de 1980, quando diversos psicólogos foram buscar formação específica e o conhecimento começou a ser construído com base em dados extraídos diretamente dos atletas (Brandão, 2000b ; Rubio, 2002). No entanto, Samulski (2008) alerta que no Brasil ainda é comum a aplicação de uma psicologia no esporte, sem o embasamento e comparação em dados de atletas, o que dificulta o estabelecimento de uma genuína Psicologia do Esporte nacional.

Mesmo com essas dificuldades, a evolução foi visível e aumentou o interesse pelo tema a ponto da imprensa esportiva passar a dar grande valor a trabalhos como os de Regina Brandão no vôlei masculino que acabou campeão olímpico em Barcelona no ano de 1992 e o de Sâmia Hallage Figueiredo, na seleção feminina de vôlei campeã olímpica em Pequim 2008.

No começo da década de 2000, a comissão técnica da seleção brasileira de futebol também contou com a presença de uma profissional da psicologia, decisão bastante elogiada na época. Além disso, muitos clubes de futebol adotaram trabalhos com psicólogos, ainda que de forma não sistemática e ainda que muitas vezes em situações de emergência.

Na área acadêmica, nomes como Kátia Rúbio, Maria Regina Ferreira Brandão, Antônio Machado, Dietmar Samulski, Antônio Carlos Simões, entre outros, têm publicado importantes artigos e livros com relatos de pesquisa e considerações sobre a Psicologia do Esporte no Brasil, que aos poucos vai conquistando e aumentando seu espaço dentro da ciência chamada Psicologia.

2.4 – A motivação e sua relação com a atribuição de causalidade

São inúmeros os temas passíveis de investigação em Psicologia do Esporte. Weinberg e Gould (2001) mostram essa variedade e indicam que dentro dela é possível estudar aspectos como características de personalidade, estresse, ansiedade, competição, cooperação, dinâmica e coesão de grupo, liderança, comunicação, mentalização, autoconfiança, metas, concentração, lesões esportivas, burnout, agressão no esporte, entre diversos outros.

Além desses, outro tema bastante estudado em Psicologia do Esporte é a motivação, que se refere ao quanto de esforço o indivíduo coloca em determinadas situações e quais delas ele procura, aproxima-se ou se sente atraído. A motivação é resultado da interação entre características intrínsecas ao indivíduo, como personalidade, necessidades, interesses, expectativas e objetivos e características extrínsecas a ele, relativas a fatores situacionais ou do ambiente, como cultura, influências sociais, estilo do técnico, das tarefas ou dos desafios (Weinberg & Gould, 2001 ; Samulski, 2008).

Conforme Almeida e Lameiras (2008), esportistas que apresentam comportamentos intrinsecamente motivados praticam a atividade para conseguir diversão, percepção de competência ou auto-realização e apresentam maior entrega e persistência a ela. Por outro lado, aqueles cujos comportamentos são extrinsecamente motivados buscam recompensas externas, como medalhas, títulos ou dinheiro, sendo mais dependentes da percepção de sucesso e podendo, diante de um insucesso, apresentar uma queda abrupta e contínua de rendimento.

Os mesmos autores fazem a ressalva de que apesar da motivação intrínseca ser mais duradoura, não é errado oferecer recompensas e incentivos externos para aumentar a motivação. Tal comportamento, em conjunto com outros que estimulem a motivação intrínseca, poderia ser utilizado para fomentar uma motivação interna e fundamentada na auto-realização e percepção de competência.

Um dos motivos responsáveis por afetar o rendimento e a participação em determinado esporte é a chamada ‘motivação para realização’, que diz respeito aos esforços do indivíduo para realizar uma tarefa, atingir limites, ultrapassar obstáculos, superar o desempenho de outras pessoas e ficar satisfeito com sua capacidade (McClelland, 1972). Um atleta com motivação para realização busca o êxito, continua tentando após um insucesso e experimenta orgulho quando atinge o sucesso (Weinberg & Gould, 2001).

Especificamente sobre o futebol, Buceta (2008) aponta fatores que levam jogadores desse esporte a terem motivação: querer realmente atuar pela equipe, ter ambição e desejo de alcançar os melhores resultados, estar disposto a lutar ao máximo para atingir os objetivos pessoais e da equipe, não se contentar com metas menores e saber superar momentos difíceis que possam aparecer.

A partir da definição de motivação surgiram diversas teorias com o objetivo de tentar explicar o que leva uma pessoa a agir e porque existem diferenças motivacionais entre indivíduos que muitas vezes precisam cumprir a mesma tarefa.

Uma delas, chamada de teoria da motivação para competência, propõe que a avaliação que uma pessoa faz sobre seu autovalor e sua competência a leva a experimentar estados afetivos ou emocionais, que por sua vez, influenciarão a motivação. Para uma outra, chamada de teoria da atribuição, o tipo de causa utilizada para explicar situações de sucesso ou insucesso do indivíduo o leva a experimentar emoções e expectativas distintas, que por sua vez influenciarão seu comportamento (Weinberg & Gould, 2001 ; Samulski, 2008).

3 . A ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE

O behaviorismo, ao demonstrar que todo indivíduo está sujeito ao controle de forças externas a ele, mudou a concepção do homem como ser totalmente livre para fazer suas escolhas (Dela Coleta,1980). A partir dessa concepção pode-se dizer que um indivíduo não age ao seu bel-prazer e sim a partir de inúmeros outros estímulos, muitos fora de seu controle pessoal.

Na verdade, os estímulos em si são menos importante se comparados à percepção que se tem deles. Esta sim é considerada determinante para o comportamento do indivíduo (Burguer,1989 citado por Noriega, Albuquerque, Alvarez, Oliveira & Coronado, 2003). Por exemplo, para um jogador de futebol que precisa atuar bem em um jogo decisivo, importa mais a percepção que ele tem do nível de cobrança da torcida que a real cobrança que ela faz ao atleta. Se ele percebe uma cobrança exagerada, pouco adiantará que na realidade ela seja menor.

A Psicologia Social desenvolveu como objetivo justamente estudar e compreender as contingências comportamentais resultantes da interação humana. Em definição de Rodrigues, Assmar e Jablonski (2002, p.21), “Psicologia Social é o estudo científico da influência recíproca entre as pessoas (interação social) e do processo cognitivo gerado por essa interação (pensamento social)”.

Uma vez sabido que os homens são de natureza gregária, são infinitos e constantes os processos e possibilidades de interação social (La Rosa, 1991). Estas possibilidades aumentam ainda mais com o fato de que não só interações propriamente ditas, mas a mera expectativa de tais interações já é significativamente influente no comportamento que será emitido (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002).

3.1 . A Percepção Social

De acordo com Rodrigues (1996), a Teoria da Gestalt com seus direcionamentos e estudos em relação à percepção exerceu grande influência na Psicologia Social, promovendo maior entendimento e melhor desenvolvimento de pesquisas que contribuíram para que muitos conceitos da Gestalt fossem transpostos para a Psicologia Social. Cognição e boa organização perceptiva (proximidade, semelhança, experiência passada, boa forma, assimilação e contraste) são exemplos dessa transposição.

A percepção social, um dos processos que mais interfere nas relações humanas, obteve grandes benefícios ao incorporar diversos conceitos da Gestalt. Foi possível descobrir que essa percepção de pessoas é baseada em princípios semelhantes aos da percepção de objetos e obedece, portanto, às leis da boa forma (Rodrigues, 1996). Porém, ao contrário da percepção de objetos, a percepção social dá ênfase para a atribuição de intenções. Outra diferença crucial é que nela, além de perceber, também é possível ser percebido (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002).

A percepção em si é um processo que segue uma trajetória que parte de uma estimulação sensorial e vai até a tomada de consciência. É algo extremamente complexo, pois no caminho está sujeito a uma série de importantes interferências cognitivas que serão determinantes para o resultado perceptivo final (Rodrigues, 1996).

Como exemplos de fatores que influem no processo perceptivo é possível citar a seletividade perceptiva (focar apenas em parte dos estímulos existentes), a experiência prévia (facilidade para perceber estímulos que já foram observados antes), o condicionamento (facilidade para perceber estímulos reforçados anteriormente), os fatores contemporâneos ao fenômeno perceptivo (estados específicos do percebido no momento e que podem causar influência na percepção, como sede, fome, cansaço, etc.) e a defesa perceptiva (bloqueio na conscientização de estímulos emocionalmente perturbadores) (Rodrigues, Assmar &

Jablonski, 2002). Além disso, valores, atitudes, tendenciosidades, interesses, estereótipos, preconceito e atribuições de causalidade também são capazes de interferir e distorcer o estímulo percebido inicialmente (Rodrigues, 1996).

Para a percepção social todas estas interferências são de extrema relevância, uma vez que permitem compreender como um indivíduo muitas vezes coloca significado nas ações de outras pessoas. Pode-se dizer que a maneira como a ação do outro é percebida, independente do seu significado real e dependente das interferências cognitivas, vai determinar o tipo de resposta que será dada. Neste processo, a atribuição de causas aos fatos observados ou vivenciados assume importante papel, destacado inicialmente por Heider (1970).

3.2 . As contribuições de Fritz Heider

Um dos autores que mais contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia Social e dos estudos de percepção social foi o austríaco Fritz Heider. De acordo com Dela Coleta e Dela Coleta (2006), suas três publicações, “Social perception and phenomenal causality” de 1944, “Attitudes and cognitive organizations” de 1946 e “The psychology of interpersonal relations” de 1958, iniciaram um interesse e uma série de estudos sobre o tema, envolvendo principalmente a percepção social e as relações interpessoais.

Os mesmos autores trouxeram ainda que Heider acreditava em uma psicologia ingênua, do senso comum, em que as explicações sobre os fenômenos poderiam ser obtidas de forma natural, sem necessidade de controle científico. Heider (1970, p.14) diz que “ embora a significação total das relações entre um homem e outro possa não ser diretamente evidente, é surpreendentemente grande a complexidade de sentimentos e ações que podem ser compreendidos imediatamente”.

Com isso, parece ficar clara a idéia trazida por Heider, de que mesmo sem a psicologia científica, o homem teria suficiente compreensão de si mesmo para explicar o que lhe ocorre.

Seria capaz inclusive de atribuir causas para explicar e justificar fatos que observa ou vivencia.

A atribuição de causas é um dos pontos principais do trabalho de Heider. Sua afirmação (1970, p.169) é que “o homem deseja conhecer as fontes de suas experiências, saber de onde vem, saber como surgem, não apenas por curiosidade intelectual, mas também porque essa atribuição lhe permite compreender o seu mundo e predizer e controlar acontecimentos referentes a ele e aos outros”.

Portanto, é possível inferir dessa afirmação que o homem não fica satisfeito em apenas observar os eventos que o cercam, ele tem necessidade de ligar os acontecimentos, buscando uma relação fixa de causa e efeito entre eles. O resultado dessa relação permite, segundo Heider (1970, p.97), “um mundo mais ou menos estável, predizível e controlável”.

A relação fixa de causa e efeito entre os acontecimentos também dá sentido às experiências pessoais e fica de tal forma marcada cognitivamente, que o indivíduo reage à realidade do ambiente baseando-se nela. Sabendo-se ainda que as ações individuais são determinadas pela maneira como as cognições sobre o mundo e os outros estão estruturadas, é possível afirmar que os processos de atribuição de causas exercem um papel fundamental no comportamento humano.

Porém, para complicar, nem sempre princípios lógicos e racionais são seguidos no processo de atribuição. Muitas vezes, o que existe é uma lógica e racionalidade pessoais (advindas da interferência de desejos, motivações e necessidades individuais no processo), que fazem todo sentido para o indivíduo mas não encontram evidências dentro da realidade, o que torna o processo bastante complexo (Dela Coleta & Dela Coleta, 2006).

De acordo com Weiner (1985), Heider foi o primeiro a propor uma análise sistemática das estruturas causais. A idéia inicial era de que a atribuição de causas ao resultado de uma ação poderia ser dirigida a duas condições: fatores do ambiente e fatores pessoais.

Os fatores ambientais são externos ao indivíduo e as causas são consideradas impessoais, como dificuldades e facilidades da tarefa, acaso e características das outras pessoas. Os fatores pessoais são internos ao sujeito e as causas são consideradas diretamente relacionadas a ele e podem ser classificados em características estáveis (habilidade e capacidade) e instáveis (esforço, empenho e intenção) (Heider, 1970).

Supondo que a força do ambiente fosse zero, a ação seria determinada apenas pelos fatores pessoais. Da mesma forma, se não houvesse influência de fatores pessoais, a ação seria exclusivamente determinada pela força do ambiente. Ocorre, porém, que não é comum a total ausência de um fator, de forma que o outro seja responsável exclusivo pela ação, sendo o mais correto pensar em uma relação entre eles.

Assim, pode-se dizer que o relacionamento entre as características estáveis da força pessoal (habilidade, capacidade) e as forças do ambiente comporiam a disposição de “ser capaz”. O indivíduo faria a atribuição de “ser capaz” ao acreditar que as forças ambientais são menores que suas forças pessoais. O contrário, com forças ambientais maiores que sua habilidade ou capacidade, o levaria à associação de “não ser capaz” (Heider, 1970).

O outro tipo de atribuição existente, que compõe o conceito de “tentar”, é dirigida aos esforços e intenções do indivíduo (características instáveis do fator pessoal). É a relação entre esforço e capacidade, ou de forma mais completa, é a possibilidade do esforço compensar a falta de capacidade (Heider, 1970).

Assim, por exemplo, um tenista com menor capacidade que seu adversário pode até vencer o jogo, mas precisará se esforçar mais que ele para superá-lo. De acordo com Heider (1970, p.131) isso é “necessário quando a pessoa tem pouco poder e a tarefa é difícil”. Se os dois tenistas fazem o mesmo esforço, aquele que vence terá mais poder e será considerado mais capaz.

Outra importante consideração sobre atribuições de causas, que pode ser lida em Weiner (1979), é de que a busca pelas causas dos eventos é mais frequente em situações de insucesso ou inesperadas para o indivíduo. Heider, no seu livro de 1958, “The psychology of interpersonal relations”, já analisava situações como esta. Na edição brasileira da obra, Heider (1970, p. 138) afirma que “às vezes, na ausência de ação ou no fracasso desta, os dados tornam muito claro se a condição que falta é o ‘ser capaz’ ou o ‘tentar’”.

No entanto, pode acontecer de necessidades ou desejos do indivíduo influenciarem a atribuição que é feita. Uma pessoa pode não admitir que não tem ou não teve capacidade de cumprir uma tarefa e dizer que só não o fez porque não quis, ou seja, não se esforçou. Aceitar a incapacidade como causa poderia prejudicar a auto-estima, enquanto mudar o tipo de atribuição para a falta de esforço seria uma forma de preservá-la. O tipo de causa atribuída exerce, portanto, papel fundamental nas emoções do indivíduo (Heider, 1970).

Nomeado por Heider de atribuição egocêntrica, esse mecanismo serviu de base para o desenvolvimento da idéia de egotismo atribucional, que seria uma tendência para atribuir atos próprios com consequência positiva a aspectos pessoais (capacidade, esforço) e atos próprios com resultado negativo à características do ambiente (dificuldade da tarefa, azar) (Snyder, Stephan & Rosenfield, 1978).

Rodrigues (1996) relata que o processo de atribuição de causalidade, a partir dessas considerações de Fritz Heider, foi um dos temas mais estudados da Psicologia Social. De acordo com Dela Coleta e Dela Coleta (2006), Jones e Davis foram os primeiros a utilizar os estudos de Heider como base para seus trabalhos. Em 1965, partindo da idéia de que um sujeito pode observar a ação de outras pessoas ou ser ele mesmo sujeito da ação, buscaram sistematizar e estabeleceram princípios sobre como um observador faz inferências e atribui intenção à ação de outras pessoas. Em 1967, Daryl Bem pareceu complementar os estudos de

Jones e Davis ao estudar as atribuições que o próprio sujeito faz às suas ações e como isso está relacionado ao seu comportamento.

Em 1967, seguindo com o desenvolvimento das idéias de Heider, Kelley buscou integrar as contribuições de Jones e Davis e Daryl Bem, e acabou estabelecendo pela primeira vez uma forma de teoria aos estudos sobre atribuição de causalidade. Com isso, novas hipóteses foram geradas e novos estudos foram desenvolvidos (Rodrigues, 1996; Dela Coleta & Dela Coleta, 2006).

Apesar do avanço conseguido, faltava ainda uma sistematização das suposições teóricas propostas para a atribuição de causalidade até então. Coube a Jones e Nisbett fazer isso, em 1972, ao esclarecer objetivamente a diferença dos processos atribucionais utilizados por sujeitos, ao observar ou participar de uma ação ou tarefa (Rodrigues, 1996; Dela Coleta & Dela Coleta, 2006).

Nesse panorama, Bernard Weiner propôs, em 1972, um modelo motivacional baseado na teoria da atribuição (Weiner, 1972). “A maneira como a pessoa explica ou atribui seu desempenho afeta suas expectativas e reações emocionais, que, por sua vez, influenciam a futura motivação para realização” (Weinberg & Gould, 2001, p.84). A teoria atribucional de Bernard Weiner, por sua importância para a Psicologia do Esporte, principalmente no âmbito da motivação esportiva, será analisada em mais detalhes no próximo capítulo.

4 . A TEORIA ATRIBUICIONAL DA MOTIVAÇÃO INTRAPESSOAL DE BERNARD WEINER

4.1 . As dimensões da causa atribuída

De acordo com Weinberg e Gould (2006) a atribuição de causalidade é um processo no qual o indivíduo busca uma explicação para o que lhe acontece. Está ligado à motivação pessoal e utiliza o seguinte esquema para entender como isso ocorre (Weiner, Frieze, Kukla, Reed, Rest & Rosenbaum, 1972) :

$$S \rightarrow \text{cognição} \rightarrow R$$

Fundamentado na psicologia cognitiva, este esquema indica que um estímulo S (a informação) passa por um sistema de crenças (cognição) no qual é filtrado, codificado e transformado em algo com significado. A resposta R (que pode ser um comportamento) é resultado dessa informação modificada que passou pela cognição. Conforme Weiner et.al. (1972, p.96), “as causas de sucesso ou fracasso são mediadoras entre o estímulo antecedente do organismo e o comportamento de realização que se segue.”

No início da década de 1970, Bernard Weiner, baseando-se nas idéias de Fritz Heider e no constructo de *locus* de controle que recentemente surgira na psicologia, propôs um novo modelo de atribuição, voltado ao sucesso e fracasso e capaz de explicar o processo motivacional (Dela Coleta & Dela Coleta, 2006). O próprio Weiner (1985) afirmou que esta teoria apresenta um forte fundamento empírico.

Weiner (1979) considerou que devido às inúmeras causas imagináveis para explicar o sucesso ou fracasso em uma tarefa, era fundamental criar um esquema de classificação ou taxonomia para elas. Para isso foi criada a primeira dimensão atribucional específica, conhecida como *locus* da causalidade, que dividida em dois pólos, trata do local onde a pessoa acredita estar a causa para um evento particular e único vivido por ela: se dentro de si (pólo

interno) ou fora de si (pólo externo). No primeiro caso, o indivíduo tem a ver, está pessoalmente ligado à causa atribuída, já no segundo ele não percebe ter qualquer relação com a explicação dada ao evento (Weiner et. al., 1972).

O *locus* da causalidade varia a cada situação, o que significa que o indivíduo, a cada causa atribuída avalia se ele está (*locus* da causalidade interno) ou não (*locus* da causalidade externo) relacionado a essa causa. Habilidade e esforço seriam exemplos de *locus* interno, enquanto características da tarefa e ajuda de outras pessoas seriam exemplos de *locus* externo (Weiner, 2000).

Com o *locus* da causalidade já definido como a primeira dimensão atribucional, Weiner et al. (1972) também fizeram a proposta de uma segunda dimensão ao notarem em seus estudos que diversas vezes as pessoas tinham a percepção de que algumas causas variavam e outras continuavam relativamente constantes ao longo do tempo. Citaram como exemplo que a habilidade, ao contrário do esforço e do humor, é normalmente percebida como algo constante, que muda pouco a cada situação ou período de tempo.

Essa segunda dimensão recebeu o nome de “grau de estabilidade da causa”, tem os pólos estável e instável e refere-se à frequência da causa. Assim, se um atleta atribui um resultado à sua habilidade, essa causa pertenceria ao pólo estável, já que é constante, vai durar, persistir, continuar com o passar do tempo. Se a causa apontada é o esforço, não se pode dizer o mesmo, visto que esforço não é duradouro, não se mantém com o tempo e pelo contrário, é temporário, podendo mudar completamente de um evento para outro. Pertence portanto ao pólo instável da dimensão (Weiner, 2000).

Estando definidas duas dimensões, Weiner et al. (1972) estabeleceram o primeiro modelo atribucional da motivação. De acordo com os autores, em tarefas de realização, quatro causas (habilidade/capacidade, esforço/empenho, dificuldade/facilidade da tarefa e

sorte/ acaso) seriam suficientes para alojar todas as respostas dadas pelos indivíduos ao explicar os motivos de seu sucesso ou fracasso.

Lembrando que cada dimensão possui dois pólos:

1. *locus* da causalidade: interno ou externo
2. grau de estabilidade da causa: estável ou instável.

As quatro causas seriam resultado da combinação das duas dimensões bipolares, da seguinte forma:

- Habilidade/Capacidade: *locus* da causalidade ***interno*** e grau de estabilidade ***estável***

A habilidade em uma tarefa é estabelecida através da percepção de sucesso ou fracasso em tarefas passadas idênticas ou ao menos semelhantes à ela (Weiner et.al., 1972). Assim, se um jogador de futebol freqüentemente faz gols em cobranças de falta ele pode dizer que tem habilidade para tal tarefa. Se tenta diversas vezes e raramente atinge o objetivo, é possível que ele perceba não ter a habilidade e que o sucesso ocorrido vez ou outra tem uma explicação causal diferente.

- Dificuldade/Facilidade da tarefa: *locus* da causalidade ***externo*** e grau de estabilidade ***estável***

A dificuldade da tarefa é inferida de normas que indicam o desempenho de outros na mesma tarefa. Se muitos obtêm sucesso esta tarefa é considerada fácil e se poucos conseguem é considerada difícil (Weiner et.al., 1972). Um goleiro que segue a norma, defendendo bolas consideradas fáceis ou não defendendo bolas difíceis, pode atribuir seu desempenho à facilidade ou dificuldade da tarefa. Porém, se foge da norma, falhando em bolas fáceis ou defendendo bolas difíceis é mais provável que sejam feitas atribuições internas e julgamentos de auto-avaliação, negativos ou positivos.

- Esforço/empenho: *locus* da causalidade **interno** e grau de estabilidade **instável**

Weiner et.al. (1972) afirmam que a atribuição de um resultado ao esforço é a mais difícil de se conseguir determinar os antecedentes. Alguns indícios podem ser tensão muscular percebida, persistência na tarefa ou modelo de desempenho (aqueles indivíduos que acreditam que o desempenho melhora com seguidas tentativas têm a percepção de que são mais esforçados). Por exemplo, um lateral que acredita que após várias tentativas pode melhorar seus cruzamentos de bola para dentro da área, acaba criando a possibilidade de atribuir seu desempenho ao esforço.

- Acaso/sorte: *locus* da causalidade **externo** e grau de estabilidade **instável**

Quanto mais aleatório ou variável o padrão dos resultados, maior a probabilidade de que o acaso seja apontado como a melhor explicação para o evento (Weiner et.al., 1972). A falta de um padrão impede que as outras causas sejam consideradas. Um atleta, por exemplo, chuta diversas bolas ao gol, acertando algumas e errando outras, na mesma proporção e de forma aleatória. Ele não pode atribuir à habilidade ou à dificuldade da tarefa, uma vez que implicam em estabilidade e nem ao esforço, porque apesar do empenho, o resultado é externo, não depende dele. Restaria, portanto, o acaso como causa explicativa.

De acordo com Weiner et. al. (1972), as variações individuais na percepção e avaliação das dimensões poderiam gerar grande influência no tipo de expectativa criada, na aspiração e em diversos outros comportamentos. Por exemplo, o grau de estabilidade teria uma forte influência no nível de aspiração, definido por Frank (1935, p.119 citado por Weiner et.al., 1972) como “o nível de desempenho futuro em uma tarefa familiar que um indivíduo, conhecendo seu desempenho passado nesta tarefa, espera experimentar”.

Isso significa que um fracasso considerado instável resultaria em possibilidade de sucesso futuro, diferentemente de quando considerado estável. Essas duas diferentes avaliações quanto ao grau de estabilidade poderiam gerar sentimentos completamente

distintos e por sua vez comportamentos também distintos, como comprometimento ou displicência com a tarefa (Weiner et. al., 1972).

Algumas considerações efetuadas por Weiner et. al. (1972) sobre este primeiro modelo atribucional da motivação:

- atribuições à variáveis instáveis, ou seja, ao esforço e à sorte, são mais freqüentes quando o resultado obtido é diferente de resultados anteriores. Por exemplo, um tenista que vence um jogo após várias derrotas pode fazer atribuições ao seu esforço ou aquele que perde após um grande número de vitórias pode atribuir à sua falta de sorte ou à sorte do adversário.
- Por outro lado, atribuições estáveis são mais efetuadas quando o resultado obtido é compatível com resultados anteriores. Quanto mais são feitas atribuições estáveis, menos as instáveis são efetuadas e vice-versa.
- Habilidade é mais provável de ser a causa atribuída quando o indivíduo obtém sucesso em uma tarefa em que a maioria das pessoas diversas vezes fracassou. Por outro lado, é menos provável de ser atribuída quando se consegue pela primeira vez êxito em uma tarefa.
- Sucesso é mais provável de ser atribuído a fatores internos que fracasso, sendo que este tem mais probabilidade de ser atribuído a fatores externos.

Em outras considerações sobre o modelo, Weiner (1979) escreve que:

- a sorte, de forma geral, não costuma ser das causas mais comumente utilizadas nas atribuições, mas parece ser comum em algumas situações específicas, como em realizações atléticas.
- habilidade e esforço, estas sim, são as causas mais comumente atribuídas aos resultados, o que leva a crer que estes dependem do que se pode fazer e do quanto se tenta fazer.

Bernard Weiner, já em 1979, destacou a subjetividade na classificação das causas (Weiner, 1979). O mesmo autor fez a ressalva de que muitas vezes o indivíduo, se acreditar na possibilidade de aprendizado, pode perceber habilidade como uma característica instável. Também pode ter a percepção de que a dificuldade da tarefa é instável ao acreditar que ela pode mudar e se tornar mais fácil ou mais difícil. De forma semelhante, é possível que o indivíduo entenda esforço como sempre constante ou a sorte como uma característica pessoal (pessoa sortuda ou azarada), o que conferiria características estáveis à estas explicações (Weiner, 1985).

De acordo com Weiner (2000), apesar de existir grande concordância entre os autores quanto aos pólos de cada dimensão nas quais as explicações causais estão alocadas, o que já dá bom suporte à teoria, é possível que de pessoa para pessoa e em diferentes situações existam variações de percepção quanto aos pólos da causa atribuída.

Dela Coleta e Dela Coleta (2006) reforçam essa ressalva de Weiner (1985) dizendo que é comum, principalmente em subpopulações de baixo nível sócio-cultural, a percepção de que o acaso, a sorte e o azar são características internas e estáveis. De forma parecida, o esforço, que é visto tradicionalmente como instável pode adquirir característica estável se entendida como uma qualidade da pessoa, como quando ela é vista como “esforçada”.

Betancourt e Weiner (1982) encontraram diferenças nas classificações das causas em diferentes países. No Chile, quando comparado a amostra dos Estados Unidos, as causas externas foram percebidas como intensamente mais externas, as estáveis como menos estáveis e as controláveis como menos controláveis.

Rodrigues (1982) alerta que não só as dimensões, mas também as próprias causas atribuídas podem variar de cultura para cultura, sendo recomendável que dados encontrados em outras culturas sejam analisados e comparados com cuidado. Além disso, a sugestão é que sejam realizadas pesquisas que gerem conhecimentos da cultura local.

Assim, indivíduos diferentes, em situações diferentes, podem colocar suas explicações causais em pólos dimensionais diferentes daqueles que a maioria dos autores concordam. Isso de forma alguma invalida a teoria, uma vez que as dimensões continuam as mesmas, mudando apenas o pólo onde as causas são alojadas.

O modelo bidimensional da teoria da atribuição, ao ser alvo de vários estudos, acabou sofrendo importantes alterações que o fizeram evoluir. Rosenbaum (1972, citado por Weiner, 1985) já havia reconhecido que uma pessoa pode aumentar ou diminuir o quanto se esforça ou o quanto é, por exemplo, preguiçosa ou tolerante (características aparentemente internas e estáveis como várias outras).

Rotulada inicialmente como intencionalidade, essa dimensão acabou dando origem à terceira dimensão atribucional chamada finalmente por Weiner (1979) de controlabilidade da causa e contendo os pólos controlável e incontrolável. Essa dimensão, portanto, diz respeito ao quanto o indivíduo que vivencia a situação pode, por vontade própria, alterar ou não a causa. Enquanto sorte e habilidade não seriam causas passíveis de mudança por vontade própria, esforço seria um exemplo de causa em que o indivíduo, se quiser, pode exercer controle (Weiner, 2000).

Uma dúvida levantada por Weiner (1985) questionava o fato das dimensões causais terem sido propostas pelos teóricos da atribuição e não por uma classificação feita pelos próprios sujeitos. A dúvida era se isso poderia de alguma forma não representar a realidade, gerando uma teoria inválida.

Diante disso, foi preciso comprovar a validade do modelo com três dimensões. Utilizando técnicas matemáticas, diversos estudos cumpriram essa tarefa e ofereceram um forte indício de que o modelo tridimensional é confiável. Outras dimensões apareceram, porém se mostraram pouco claras (Weiner, 1985).

Entre outras possíveis dimensões, estariam a já citada intencionalidade e a globalidade. Conforme Weiner (1985), a primeira seria a intenção do indivíduo em propositalmente, por exemplo, se esforçar pouco em uma tarefa ou por algum motivo preferir usar uma estratégia ruim para cumpri-la. Está altamente correlacionada com a controlabilidade, uma vez que indivíduos têm mais intenção de fazer o que acreditam poder controlar.

Porém, ocorre que é possível existir intenção e não existir controle. Um jogador de futebol pode ter a intenção de jogar em um grande clube, mas acreditar que não pode controlar isto. Indo um pouco além, em alguns casos também não é possível afirmar se houve intenção ou não por parte do indivíduo, o que cria uma controvérsia conceitual e por enquanto impede a intencionalidade de ser considerada uma dimensão causal. Diferentemente do *locus*, da estabilidade e da controlabilidade, ainda não há consenso entre os autores sobre esta dimensão (Weiner, 1985).

Já a globalidade indica que algumas causas são específicas para uma situação, enquanto outras são gerais para diversos outros contextos (Weiner, 1979, 1985). Um jogador de futebol poderia perceber um fracasso como falta de capacidade para marcar gols (causa específica) ou falta de capacidade para os esportes (causa global). Esse segundo tipo de atribuição, global, vai afetá-lo e influenciará seu desempenho em muito mais situações que o primeiro. Apesar das evidências, também não há consenso para esta dimensão, sendo necessário mais estudos para que adquira consistência.

Evidência mais significativa que a falta de consenso talvez seja o que escreve Weiner (2000), reforçando que um grande número de pesquisas encontrou e de fato comprovou o modelo com três dimensões bipolares da causa atribuída: *locus* da causalidade, grau de estabilidade e controlabilidade. Desta forma, conforme a combinação entre as três dimensões

e seus pólos, ao invés de quatro, passam a ser oito as possibilidades de causas explicativas, como pode ser visto na Tabela 1 que se segue.

Tabela 1

Dimensões Causais e Causas Explicativas do Sucesso e do Fracasso

<i>Locus da causalidade</i>	<i>Grau de estabilidade da causa</i>	<i>Grau de controlabilidade da causa</i>	<i>Causa explicativa</i>
Interno	Estável	Controlável	Esforço sistemático
Interno	Estável	Incontrolável	Capacidade, aptidão
Interno	Instável	Controlável	Esforço não-sistemático
Interno	Instável	Incontrolável	Estado de ânimo
Externo	Estável	Controlável	Ajuda sistemática
Externo	Estável	Incontrolável	Tarefa (fácil ou difícil)
Externo	Instável	Controlável	Ajuda não-sistemática
Externo	Instável	Incontrolável	Acaso, sorte

Fonte: Dela Coleta & Dela Coleta (2006)

A ideia do processo de atribuição de causas é de que ele é iniciado a cada situação distinta na qual uma explicação seja buscada pelo indivíduo. No entanto, pode haver uma tendência a utilizar as mesmas causas explicativas (consequentemente as mesmas combinações de dimensões) de forma recorrente.

Essa tendência é chamada de estilo atribucional e enquanto alguns teriam um estilo atribucional otimista, utilizando causas internas, estáveis, controláveis e globais para o sucesso e causas externas, instáveis, controláveis e específicas para o insucesso, outros teriam um estilo pessimista, com atribuições inversas para o sucesso e o insucesso. Aqueles que utilizam mais frequentemente o estilo otimista apresentariam melhor desempenho em diversas tarefas, inclusive nas esportivas (Rodrigues, 2007).

No estilo otimista, em situações de insucesso, o controle pessoal precisa ser percebido como elevado, uma vez que sua ausência pode levar a um fenômeno chamado desamparo aprendido, que se caracteriza quando a pessoa percebe não ser capaz de exercer qualquer controle sobre a situação adversa, ficando totalmente passiva e desistindo de qualquer tentativa de escape. Para Le Foll, Rascle e Higgins (2006, 2008) atribuições otimistas são funcionais e ajudam a manter a persistência do indivíduo na tarefa, enquanto atribuições pessimistas tem efeito contrário, podendo miná-la.

Com isso é possível perceber que as dimensões da causa atribuída exercem importante influência em vários aspectos da vida de uma pessoa, sendo responsável por determinar, no final do processo, parte de seu comportamento. Sendo assim, é possível dizer que estão intrinsecamente relacionadas à motivação intrapessoal.

4.2 . O processo motivacional explicado pela Teoria Atribucional

A Teoria Intrapessoal da Motivação considera que sentimentos e expectativas são resultados dos pensamentos de um indivíduo e que suas ações são derivadas dessa relação, quando cada um busca entender seu ambiente e a si mesmo. Por isso é dito tratar-se de um modelo com orientação cognitiva (Weiner, 2000).

Bernard Weiner, em artigo do ano 2000, momento em que a teoria atribucional estava completando sua terceira década de estudos ligados à motivação, psicologia social e

educacional, escreveu que para a teoria ter sobrevivido tanto tempo foi preciso que ela sempre tivesse tido forte suporte empírico e estivesse aberta a mudanças provocadas por respostas a desafios que surgiram ao longo dos anos (Weiner, 2000). Chegando ao final de sua quarta década, como pode ser visto em Weinberg & Gould (2001), ela está concretizada como umas das principais formas de se explicar o processo motivacional.

Já em 1972, Weiner et. al. davam grande destaque aos estudos sobre motivação para realização. De acordo com Atkinson (1957, citado por Weiner et. al., 1972), o comportamento de realização é o resultado de um conflito entre engajar ou evitar a tarefa. A antecipação da esperança de sucesso ou do medo do fracasso vão determinar se vale a pena cumprir a tarefa (alta motivação para realização) ou evitá-la (baixa motivação para realização). Existe, portanto, uma forte influência do componente afetivo.

Conforme Weiner et.al. (1972), baseados em Atkinson, pessoas com alta motivação para a realização, em relação àquelas com baixos níveis de motivação são mais propensas a comprometerem-se em tarefas de realização, escolhem tarefas de dificuldade média, que podem dar uma dimensão real do desempenho (indivíduos com baixos níveis de motivação tendem a escolher tarefas fáceis ou difíceis demais e isso não permite identificar o verdadeiro desempenho possível de ser alcançado), esforçam-se mais e persistem mais frente ao fracasso.

Romero-García (1999) também fez considerações sobre a motivação social de realização, um impulso que as pessoas teriam para perseguir e alcançar as metas que se propõem. De acordo com este autor, a motivação de realização envolve superação e desenvolvimento pessoal através do crescimento psicológico, um processo em que o indivíduo constroi uma realidade individual e social cada vez mais complexa para si mesmo, levando-o a mudanças positivas como ser humano.

Para o mesmo autor, indivíduos com altos níveis de motivação para realização buscam engajar-se em tarefas nas quais podem assumir a responsabilidade pela solução de problemas;

desejam que as soluções das tarefas sejam resultado de habilidade e esforço e não de casualidade, sorte ou outros fatores que fujam ao controle pessoal; desejam receber constante avaliação sobre seu progresso, visando corrigir os erros; mantêm metas relevantes para si, independente da importância dada por outras pessoas; buscam cumprir objetivos e conseguir sucesso.

Weiner et. al. (1972), embora não tenham tido o objetivo de refutar o modelo de Atkinson, acabaram mostrando outros aspectos da motivação e criando uma teoria atribucional da motivação. Nela, a alta motivação de realização é a capacidade para experimentar sucesso como resultado de fatores internos, especialmente esforço, que está sob controle pessoal e pode ser aumentado se necessário.

Romero-García (1999) também fez importantes considerações sobre a alta motivação de realização, afirmando que haveria um baixo ou mesmo inexistente potencial motivador em caso de resultado atribuído a fontes externas. Se por outro lado a atribuição é direcionada a fatores internos, é alto o potencial motivador tanto em eventos percebidos como sucesso quanto naqueles vistos como fracasso. No primeiro caso a internalidade estimularia a pessoa a buscar objetivos maiores, já que ela perceberia ser portadora de grande capacidade. No segundo ela faria com que o indivíduo se sentisse insatisfeito com os resultados, gerando a ideia de que para superar a insatisfação a saída seria assumir a responsabilidade, identificar falhas pessoais na execução da tarefa e implementar comportamentos que superem tais falhas. Para o autor, causas atribuídas a fatores internos e modificáveis, independente se ao sucesso ou fracasso, apresentariam a mesma dinâmica motivacional.

Como pode ser visto na Figura 1 a seguir, o processo motivacional tem início quando, após o resultado percebido de um evento ou situação, é feita avaliação se ele foi positivo ou negativo. Ocorre então uma reação emocional pouco específica baseada nessa avaliação que foi feita. Essas emoções, positivas ou negativas, são denominadas “dependentes do resultado-

independentes da atribuição” e determinadas apenas pelo fato de o indivíduo ter conseguido ou não alcançar a meta desejada, não havendo relação com a causa do resultado.

Nesse momento, o sentimento associado ao sucesso é a felicidade, enquanto a frustração e a tristeza estão ligados ao insucesso. Ressaltando, nesta etapa os sentimentos são dependentes do resultado e não do tipo de atribuição causal efetuada (Weiner, 1985).

Logo em seguida, a partir dessas emoções mais gerais, que não exigiram muito trabalho cognitivo, o indivíduo busca uma causa para explicar ou determinar porque o resultado ocorreu. A tentativa é de responder às perguntas “Por que isso aconteceu? Qual foi a causa desse resultado?” (Weiner, 2000).

Conforme relata Weiner (1985), inúmeros antecedentes influenciam o tipo de causa dada pelo indivíduo ao evento, não sendo possível sequer estabelecer um lista com todos eles. Como exemplos podem ser citadas a história passada de sucesso e fracasso, normas sociais, percepção do desempenho de outras pessoas na mesma tarefa, maior probabilidade de atribuir bons resultados que maus resultados para si, etc (Weiner, 2000).

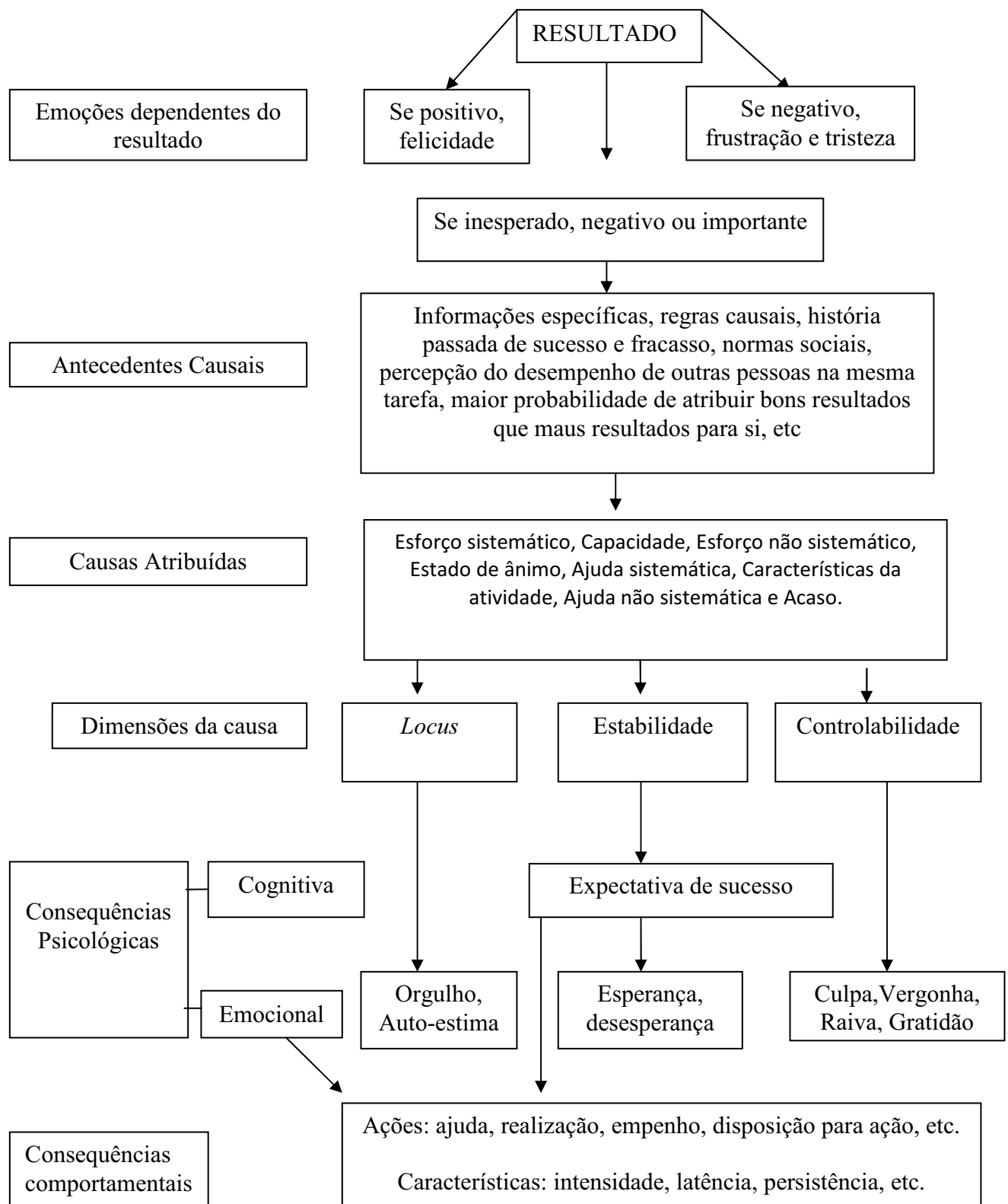


Figura 1: O processo intrapessoal de motivação da atribuição de causalidade. Adaptado de “Intrapersonal and Interpersonal Theories of Motivation from an Attributional Perspective, de B. Weiner, 2000. *Educational Psychology Review*, 12(1), p.3.

Segundo o mesmo autor, por questões de limitação cognitiva, essa busca não é feita em todas as situações e é mais provável que ocorra naquelas em que o resultado é negativo, inesperado ou importante. Assim, se um tenista espera vencer um jogo e vence, é menor a probabilidade de que tente descobrir por que motivo venceu.

Kelley (1972) esclarece situações como essa ao propor o conceito de esquemas causais, que seriam modelos cognitivos de explicação que as pessoas formariam após aprender através de experiências pessoais que alguns tipos distintos de causas geram efeitos específicos. Cada pessoa criaria e armazenaria na memória diversos desses esquemas, utilizando-os prontamente, mas somente quando necessário e de acordo com exigências específicas da situação.

Seguindo o processo mostrado na Figura 1, ao responder ‘por que’ aquele resultado ocorreu, uma causa é então selecionada. De acordo com Weiner (1985), a não ser casos muito especiais, todas as razões fornecidas pelos indivíduos para situações de sucesso ou fracasso poderiam ser classificadas em oito causas: esforço sistemático, capacidade, esforço não sistemático, estado de ânimo, ajuda sistemática, características da atividade, ajuda não sistemática e acaso.

Contudo, de acordo com Weiner (1985) não é a causa em si, mas suas dimensões as responsáveis pelos aspectos motivacionais. Por isso, para que a consequência motivacional das causas atribuídas seja entendida, é preciso que as diferenças qualitativas entre essas oito causas seja transformada em diferenças quantitativas e para que isso a causa deve ser analisada de acordo com o quanto há de estabilidade, controlabilidade e locus da causalidade em cada explicação causal (Weiner,2000).

Nesse processo, as dimensões causais acabam trazendo consequências psicológicas importantes para o indivíduo, e é sabendo disso que se torna possível verificar que elas têm

grande influência em dois aspectos determinantes da motivação: expectativas e emoções (Weiner, 1985, 2000).

Mudanças na expectativa parecem estar muito ligadas à dimensão de estabilidade da causa. Assim, se as causas são percebidas como passíveis de mudança, a expectativa passa a ser de que o resultado avaliado pode não ocorrer da mesma forma novamente. De modo semelhante, se ocorre a percepção de que não ocorrerá mudanças em relação à causa, o mesmo resultado avaliado passa a ser sempre esperado no futuro. Isto oferece suporte às evidências de que a estabilidade está ligada às grandes expectativas de sucesso após uma meta atingida e às baixas expectativas de sucesso após um fracasso (Weiner, 1979, 1985).

No entanto, o mesmo Weiner (1985) faz a ressalva de que as expectativas não são suficientes para explicar os aspectos motivacionais da atribuição, visto que não são determinantes únicas da ação. Isso pode ser comprovado com a observação de que muitas expectativas acabam não se transformando em ação real.

As atribuições causais seriam fundamentais também para determinar as reações emocionais que vêm do comportamento do indivíduo. Um mesmo tipo de causa atribuída ao sucesso e ao fracasso pode gerar reações emocionais opostas, o que por sua vez pode acabar gerando comportamentos totalmente distintos e determinar se um indivíduo se mantém ou não engajado em um comportamento (Weiner, 1985).

Por exemplo, se um nadador atribui seu bom desempenho na piscina à grande habilidade que possui, vai se sentir competente e ficará mais motivado a seguir praticando o esporte. Se habilidade também for a causa atribuída ao fracasso - nesse caso a falta dela - ele vai se sentir sempre incompetente e terá menos motivação para continuar nadando. É a mesma causa gerando reações afetivas distintas e comportamentos opostos.

Como já foi escrito, a causa atribuída ao resultado percebido de um evento ou situação não é capaz de gerar por si mesma reações emocionais em um indivíduo. As

dimensões dessa causa atribuída é que são as responsáveis por tal efeito. Cada uma delas teria sentimentos específicos comumente associados. Por exemplo, na dimensão do *locus* da causalidade, orgulho e auto-estima positivos são experimentados quando a atribuição ao sucesso é a si mesmo. Os mesmos sentimentos, porém negativos, ocorrem quando o fracasso, da mesma forma, é atribuído internamente.

Na dimensão controlabilidade, o sentimento de raiva é resultado da percepção de que a situação está sob o controle de outros; a culpa ocorre em situações na qual a pessoa atribui a si a responsabilidade pelo que aconteceu; e a vergonha, ao contrário da culpa, ocorre quando a pessoa tem a percepção de que não consegue ter controle sobre a situação (Weiner, 1985,2000).

Por último, em relação à dimensão da estabilidade, é sabido que ela está intrinsecamente ligada a expectativas futuras de sucesso ou fracasso. Sendo assim, podem ocorrer sentimentos de esperança se um evento positivo é atribuído a causas estáveis ou de desesperança quando um acontecimento negativo também é atribuído a causas estáveis (Weiner, 1985).

Apesar disso, Weiner (1985) alerta que, embora prevalentes, essas ligações entre as dimensões causais e as emoções podem não acontecer todas às vezes. É possível, por exemplo, que um atleta sinta-se responsável por um mau resultado em que poderia exercer controle e nem por isso sinta culpa, sentimento que esperado em situações como essa. Pode ser ainda que o mesmo atleta sinta culpa sem ter a percepção de que é responsável pelo mau resultado. Isso permite concluir que a emoção pode ser válida e verdadeira mesmo que a dimensão causal que seria sua antecedente não a corrobore.

A maioria dos teóricos com orientação cognitiva acredita na experiência emocional como uma seqüência temporal envolvendo cognições de complexidade crescente. Se primeiro, no início da seqüência, as emoções são gerais, como feliz ou triste, logo em seguida,

depois de estabelecidas as causas, elas passam a ser mais específicas e conhecidas como “dependentes da atribuição”. Estas duas etapas, geral e específica, são independentes, ou seja, a segunda não é causada pela primeira e sim apenas temporalmente subsequente a ela (Weiner, 1985).

Por exemplo, suponha-se que o tenista Gustavo Kuerten, ao vencer pela primeira vez o Aberto de Tennis da França, em 1997, percebeu que obteve sucesso. Primeiramente isso gerou no atleta um sentimento geral de felicidade por ter atingido o objetivo. Em seguida ele pode ter buscado uma explicação para o sucesso. Acreditando que esta atribuição tenha sido ao esforço, ao trabalho duro, é provável que ele tenha então experimentado um sentimento mais específico, como o orgulho. Além disso, é provável que a crença de que o esforço leva ao sucesso tenha elevado as expectativas de sucesso futuro e gerado o comportamento (ação) de continuar se esforçando para obter novos sucessos. Esse exemplo mostra o que Weiner (1985) indica ser um incremento cognitivo gerando emoções diferenciadas: quanto mais profunda a avaliação cognitiva que é feita da situação, mais possível se torna identificar os sentimentos específicos ligados à ela.

De acordo com Weiner, Russell e Lerman (1978), já nesta época existia uma literatura psicológica mostrando a ligação entre atribuição de causas e afeto. Até então acreditava-se que as atribuições internas aumentavam a magnitude dos sentimentos pessoais, enquanto a atribuição a fatores externos faria justamente o contrário, preservando o indivíduo de entrar em contato com emoções. Ainda nesse início, conforme a teoria de Atkinson (1964, citado por Weiner et. al., 1978), existiriam dois sentimentos frente à percepção de sucesso ou fracasso, com o orgulho acompanhando o sucesso e a vergonha o fracasso.

No entanto, diante de novos estudos, descobriu-se que as diferentes atribuições de causa ao evento permitem a geração de diferentes sentimentos (além de orgulho e vergonha), como competência, surpresa, segurança, medo, gratidão, entre outros (Weiner et. al., 1978).

Dessa forma, a teoria atribucional das emoções tornou flexível a relação entre percepção de sucesso e fracasso e os sentimentos gerados.

Sendo assim, Weiner et. al. (1978) investigaram os sentimentos mais associados aos tipos de atribuições diante do sucesso e fracasso. Listaram inúmeros adjetivos e solicitaram que as pessoas, diante de uma situação hipotética de sucesso e fracasso em contexto acadêmico, atribuísem uma causa à situação e dissessem os principais sentimentos resultantes desse tipo específico de atribuição. O resumo dos resultados estão colocados na Tabela 2.

Tabela 2

Tipos de Causas Atribuídas e Emoções Resultantes

Fator Causal	Emoções de sucesso	Emoções fracasso
Capacidade	Competente/ Confiante	Incompetente
Esforço instável	Excitado	Culpa/ vergonha
Esforço estável	Descansado/ Relaxado	Vergonha
Ajuda	Gratidão	Raiva
Acaso	Surpreso	Surpreso
Habilidade	Vitorioso	Resignado

Fonte: Dela Coleta e Godoy (1986)

Conforme Dela Coleta e Dela (2006) e Dela Coleta e Godoy (1986), outros estudos, realizados em diferentes locais e culturas, encontraram resultados semelhantes aos realizados nos Estados Unidos por Weiner et. al. (1978), inclusive no Brasil, em achados de Dela Coleta e Godoy (1983;1984;1986 citados por Dela Coleta e Dela Coleta, 2006) (Tabela 3)

Tabela 3

Tipos de Causa e Reações Emocionais em Amostras Brasileiras

CAUSA	SUCESSO	FRACASSO
Esforço estável	Recompensado, realizado, orgulhoso	Decepcionado, arrependido, conformedo
Esforço instável	Aliviado, surpreso	Arrependido, frustrado, desanimado
Capacidade	Orgulhoso, realizado, recompensado	Incapaz, decepcionado, frustrado
Estado de ânimo	Tranquilo, confiante	Deprimido, angustiado, revoltado
Ajuda estável	Realizado, agradecido	Revoltado, decepcionado
Ajuda instável	Incapaz, agradecido, surpreso, inseguro	Raiva, decepcionado, deprimido
Natureza da tarefa	Realizado, orgulhoso, aliviado	Surpreso, frustrado
Acaso	Surpreso, espantado, aliviado	Surpreso, decepcionado, frustrado

 Fonte: Dela Coleta e Dela Coleta (2006)

É importante ressaltar que, do modo como foram descritas, as expectativas de sucesso somadas às emoções tais como orgulho, culpa, vergonha etc., são consideradas determinantes da ação. Sendo assim, o comportamento depende tanto de pensamentos quanto de sentimentos e expectativas (Weiner, 1985).

Para ilustrar essa situação, baseado em exemplo de Weiner (2000, p.6), vamos supor que um jovem atleta, após jogar futebol em alguns clubes pequenos, acredite que atualmente possui pouca competência como jogador de futebol. A atribuição que faz para essa situação atual é o fato de perceber ter pouca habilidade para este esporte. Habilidade, como foi visto, muito provavelmente será considerada uma causa interna, estável e incontrolável.

Desta maneira, o jovem atleta pode sofrer um decréscimo de sua auto-estima (mediada pela causalidade pessoal), vai ter pouca expectativa de atuar por um grande clube (mediada pela estabilidade da causa) e vai se sentir incapaz, decepcionado ou frustrado (devido ao fato de não poder controlar a situação). Em termos de consequência comportamental, a previsão que se pode fazer deste caso é que o atleta vai em breve abandonar a carreira de jogador de futebol. É possível ver, portanto, que um comportamento não ocorre sem um conjunto de pensamentos, sentimentos e expectativas que o preceda.

Acontece, porém, que existe uma propensão das pessoas em atribuírem o sucesso a fatores internos, estáveis e controláveis e o insucesso a fatores externos, instáveis, sem relação com o controle pessoal por ter acontecido, mas passíveis de controle pessoal futuro. Essa tendência, conhecida em inglês como *self-serving bias* e em português como egotismo atribucional, é uma forma que a pessoa encontra para proteger seus sentimentos, expectativas e consequentemente o comportamento, mantendo-se motivada em caso de insucesso ou aumentando a motivação em caso de sucesso. (Weiner, 1985,2000).

Quando um jogador de futebol, por exemplo, não utiliza atribuições otimistas ou o egotismo atribucional, pode experimentar comportamentos de falta de motivação e pouco engajamento nas tarefas, tendo baixo rendimento no esporte. Nesse caso, o psicólogo pode orientar o treinador a utilizar uma técnica conhecida como retreinamento atribucional.

De acordo com Försterling (1985), ela começou a ser utilizada na psicologia clínica ainda na década de 1960 e avançou por outras áreas com o passar do tempo. A suposição central da técnica é que, quando são identificados comportamentos considerados indesejáveis, causados por atribuições desfavoráveis, o indivíduo pode ser treinado e levado a trocar estas atribuições, que geram queda na motivação, por outras mais favoráveis, que levam a incremento nos níveis de motivação.

5. ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE NO ESPORTE

Desde a década de 1970, diversos autores vêm estudando os processos atribucionais aplicados ao esporte. Rejeski e Brawley (1983) analisaram as pesquisas realizadas nessa época e avaliaram que a maior parte envolveu estudantes universitários e situações esportivas simuladas, nas quais os sujeitos eram levados a se imaginarem no papel de esportistas ou executarem tarefas motoras apenas semelhantes a algum esporte.

Além disso, as pesquisas ainda utilizavam o modelo bidimensional de Weiner (1972), ignorando as modificações que ele e seus colegas vinham fazendo e que culminaram no modelo tridimensional publicado em 1979. Também não havia precisão nas medidas e consequentemente nos resultados, sendo que muitas vezes as classificações eram feitas pelo pesquisador e não pelo atribuidor, que poderia não concordar com a percepção do investigador.

Mesmo sem lidar diretamente com o processo da atribuição de causalidade, Ball (1976) contribuiu significativamente para o assunto ao escrever que diante do fracasso em situações esportivas um atleta pode reagir ao menos de duas maneiras. Na primeira delas ele pode até se defender e se eximir publicamente de ligação com a causa do insucesso, mas a mantém internamente, o que gera grandes danos à identidade. Na segunda maneira, em uma tendência egoísta de auto proteção, o esportista não se identifica internamente com a causa do ocorrido, o que produz danos mínimos e leva a um ajustamento e preservação da identidade.

Roberts e Pascuzzi (1979) pesquisaram as atribuições ao resultado de situações esportivas simuladas efetuadas por 346 estudantes universitários. Foi perguntado a cada um deles os motivos pelos quais tais resultados ocorreram. Os mais citados foram habilidade, esforço, sorte, dificuldade da tarefa, trabalho de equipe, fatores psicológicos, treino, instabilidade da habilidade, responsabilidade do treinador e responsabilidade dos juízes. Desses, habilidade foi a mais utilizada.

Scanlan e Passer (1980) investigaram as causas atribuídas ao resultado de vitória ou derrota nas partidas por 160 crianças praticantes de futebol. O resultados apontaram que jogadores vencedores julgaram que fatores internos como habilidade e esforço foram determinantes mais importantes para o resultado da partida que aqueles que perderam os jogos.

Yukelson, Weinberg, West e Jackson (1981) realizaram dois estudos com o objetivo de investigar como as atribuições podem influenciar o desempenho. No primeiro, realizado com 189 estudantes universitários, a tarefa de desempenho escolhida foi lançar bolas de tênis em um alvo. Um dos resultados indicou que sujeitos que receberam instruções de que a tarefa dependia de esforço apresentaram melhor desempenho, em comparação com aqueles que receberam a orientação de que dependia de habilidade.

Além disso, descobriu-se que, após metade dos arremessos, sujeitos que receberam indicação de que estavam atrás da média dos outros jogadores passaram a ter um desempenho significativamente melhor que aqueles que receberam indicação de que estavam a frente. Assim, parece que se a dificuldade da tarefa aumenta, cresce o esforço e conseqüentemente melhora o desempenho.

O segundo estudo foi realizado com 185 universitários, sendo que foram selecionados e participaram efetivamente apenas os 40 com maiores níveis de realização e os 40 com os mais baixos níveis de realização. A tarefa executada foi a mesma do primeiro estudo. Os resultados indicaram que aqueles com maior nível de realização tiveram melhor desempenho que aqueles com baixos níveis de realização. Além disso, como no primeiro experimento, também tiveram melhor desempenho quando receberam indicação de que estavam atrás da média dos outros jogadores.

A partir de meados da década de 1980, as pesquisas passaram a ser feitas com situações esportivas reais, mesmo que muitas vezes os participantes não fossem realmente

atletas, mas praticantes de algum esporte. Ainda assim, tal avanço foi extremamente importante para que o processo atribucional fosse entendido realmente em contexto esportivo. Nessa época, começou a ser utilizado o modelo tridimensional de Weiner (1979).

Além disso, outro direcionamento relevante nas pesquisas desta época foram os esforços para se criar um instrumento capaz de medir as dimensões da causa atribuída ao resultado de uma tarefa realizada. De acordo com Russell (1982), esse procedimento permitiria ao próprio sujeito classificar as dimensões da causa atribuída por ele. Isto, por sua vez, desobrigaria o pesquisador de ter que fazer suas próprias interpretações da causa (o que até então era comum) e evitaria o risco delas serem diferentes daquelas que os indivíduos fariam, o que caracterizaria o chamado “erro fundamental do pesquisador da atribuição”.

Pois foi para evitar ou diminuir o risco do “erro fundamental do pesquisador da atribuição” que o próprio Russell (1982) desenvolveu a escala CDS (Causal Dimension Scale). Os resultados de sua aplicação em situações acadêmicas simuladas indicaram que estudantes atribuíram o sucesso a causas mais internas, estáveis e controláveis que o fracasso.

Com o objetivo de corrigir alguns erros encontrados posteriormente nessa primeira versão, McAuley, Duncan e Russell (1992) elaboraram um aperfeiçoamento e criaram a CDS-II. Entre os erros encontrados estava a baixa consistência interna na dimensão controlabilidade (McAuley, 1985), que na segunda versão foi dividida em controlabilidade pessoal e por outras pessoas.

Utilizando a CDS, McAuley e Gross (1983) estudaram as atribuições de 62 estudantes praticantes de tênis de mesa. Os resultados apresentaram diferenças significativas entre vencedores e perdedores para as três dimensões: *locus* da causalidade ($p<0,05$), grau de estabilidade ($p<0,02$) e controlabilidade ($p<0,01$). As atribuições feitas por vencedores das partidas foram mais internas, estáveis e controláveis que aquelas feitas por perdedores.

McAuley, Russell e Gross (1983) investigaram as consequências afetivas de perder ou ganhar jogos em 62 estudantes praticantes de tênis de mesa. Os resultados indicaram que os vencedores das partidas se mostraram mais satisfeitos, orgulhosos, confiantes e agradecidos após os jogos que os perdedores. Estes, por sua vez, mostraram maiores sentimentos de raiva, depressão, incompetência e surpresa que os ganhadores das partidas.

Mark, Mutrie, Brooks e Harris (1984) desenvolveram seu estudo baseados em resultados de pesquisas anteriores indicando que atletas vitoriosos tendem a fazer atribuições mais internas, estáveis e controláveis. Esse fato, chamado pelos autores de “self-serving bias”, é equivalente ao egotismo atribucional, uma tendência a atribuir os atos com consequência positiva às características pessoais e atos com consequência negativa aos fatores externos. Resumindo, a pessoa se responsabiliza apenas pelos bons e não pelos maus resultados. Presumivelmente isso teria a função de aumentar ou proteger a auto-estima.

Participaram 59 jogadores de squash, que responderam a Causal Dimension Scale (CDS). Os resultados mostraram que os vencedores dos jogos, em relação aos perdedores, fizeram atribuições significativamente mais estáveis ($p < 0,001$) e marginalmente mais controláveis ($p < 0,07$). Não foi encontrada diferença significativa em relação ao *locus* da causalidade, com vencedores e perdedores fazendo atribuições mais internas.

Como os resultados não confirmaram os estudos existentes até então, foi conduzida uma nova pesquisa, dessa vez com outros 26 jogadores de squash. Os resultados apontaram que os vencedores das partidas, em relação aos perdedores, fizeram atribuições significativamente mais estáveis ($p < 0,02$) e controláveis ($p < 0,02$). Novamente não foram encontradas diferenças em relação à causalidade, com vencedores e perdedores fazendo da mesma forma atribuições mais internas.

McAuley (1985) investigou diferenças na atribuição ao sucesso e fracasso em diversas tarefas executadas por 52 ginastas durante uma competição. Foram realizadas duas

investigações: uma a partir da auto-avaliação da própria atleta em relação ao seu sucesso ou fracasso na tarefa e outra a partir da análise de sucesso e fracasso medida através de dados e índices objetivos, independentes de qualquer avaliação das ginastas. Os resultados demonstraram que, de forma geral e independente se conforme a auto-avaliação da atleta ou de dados objetivos, as causas atribuídas ao sucesso são mais internas, estáveis e controláveis que as atribuídas ao fracasso, confirmando a tendência ao egotismo.

Nesse estudo também foram realizadas análises de regressão e descobriu-se que o nível de sucesso percebido pelas próprias atletas foi capaz de influenciar o *locus* da causalidade, a estabilidade e a controlabilidade da causa. Por sua vez, essas três dimensões juntas também foram capazes de explicar quantidades significativas da variância do nível de sucesso percebido.

As pesquisas realizadas a partir do final da década de 1980 começaram a apresentar resultados que sugeriam ligação entre o tipo de causa atribuída aos eventos esportivos e as reações emocionais, expectativas e comportamentos dos esportistas. Os estudos também apontavam que não eram as causas em si as responsáveis por essa ligação e sim os tipos de combinação entre as três dimensões dessas causas (*locus* da causalidade, estabilidade e controlabilidade). Tudo isso estava de acordo com o que Weiner (1985) havia indicado.

Rudisill e Singer (1988) investigaram a influência das dimensões da causa atribuída a uma determinada tarefa na persistência, expectativas e desempenho de 30 estudantes, selecionados em aulas de educação física. A tarefa foi manipulada de forma a levar obrigatoriamente ao insucesso. Os participantes foram divididos em três grupos, sendo o primeiro orientado de que a tarefa dependia de causas controláveis e instáveis, o segundo de que dependia de causas incontroláveis e estáveis e o terceiro não recebeu qualquer orientação. Os resultados mostraram que aqueles que utilizaram causas controláveis e instáveis para explicar o insucesso tiveram mais persistência e melhor desempenho que aqueles que

utilizaram causas estáveis e incontroláveis. Não houve diferença significativa nas expectativas.

Rudisill (1989) manipulou uma tarefa cumprida 332 estudantes, de forma que todos obtiveram insucesso. Os atletas foram então divididos em três grupos, sendo que o primeiro deles recebeu orientação de que a tarefa dependia de fatores internos, controláveis e instáveis, outro de que dependia de causas internas, incontroláveis e estáveis e o terceiro não recebeu orientações atribucionais. Os resultados indicaram que o primeiro grupo citado teve maiores expectativas, maior persistência e melhor desempenho que o segundo.

A partir da década de 1990 e até o final dos anos 2000, os estudos continuaram a investigar o resultado das dimensões da causa nas, emoções, expectativas e comportamentos dos atletas, passando, porém, a investigar mais frequentemente verdadeiros atletas.

Weiss, McAuley, Ebbeck e Wiese (1990) investigaram a percepção de sucesso e a relação entre atribuição de causalidade e auto-estima em 131 crianças participantes de um programa de incentivo à prática esportiva. Foram usadas duas medidas distintas de auto-estima: a física (relacionada à percepção de habilidade para o esporte) e a social (relacionada à popularidade com pessoas iguais).

Os resultados mostraram que crianças com níveis mais elevados de percepção de sucesso e de auto-estima (tanto física como social), fazem atribuições do tipo mais internas, estáveis e controláveis, enquanto aquelas com menor nível de percepção de sucesso e auto-estima (física ou social) fazem atribuições do tipo menos internas, estáveis e controláveis.

A partir da metade da década as pesquisas continuaram a investigar as dimensões da causa e suas consequências na emoção dos atletas, mas também começaram a tratar continuamente das expectativas e avançaram ao estudo dos comportamentos dos esportistas.

Santamaria e Furst (1994) investigaram as dimensões da causa atribuída por atletas de elite de corridas de longa distância ao melhor e ao pior resultado de suas carreiras. Descobriu-

se que os melhores resultados são atribuídos a causas mais internas e controláveis quando comparados às atribuições efetuadas aos piores resultados. Não foi encontrada diferença significativa em relação ao grau de estabilidade. Para os autores, o resultado é um indício da existência do egotismo atribucional.

Fullin e Mills (1995) escreveram que o tipo de explicação dada por um indivíduo à percepção de sucesso ou insucesso em um evento esportivo fará com que ele se sinta bem ou mal, o que por sua vez poderá influenciar suas expectativas e seu comportamento no futuro. De acordo com os autores, atletas habilidosos com histórico de sucesso costumam fazer atribuições internas e estáveis, exceto quando experimentam um caso de insucesso e tendem a fazer atribuições externas e instáveis. Fazendo assim, parecem proteger sua auto-estima, o que mantém elevados os níveis de expectativa e os comportamentos que levam ao sucesso.

Com aqueles que fazem atribuições estáveis ao insucesso pode ocorrer uma condição conhecida como desamparo aprendido, uma síndrome de déficit cognitivo e motivacional, que leva a reações emocionais negativas, baixas expectativas e desengajamento nos comportamentos relacionados à situação. Nesse caso, atribuições instáveis podem ser mais adaptativas, já que isso permite que as falhas sejam modificadas.

A forma mais comum de investigação da influência dos tipos de atribuição no comportamento dos atletas se deu através do chamado “retreinamento atribucional. Conforme Försterling (1985), tal técnica começou a ser utilizada na psicologia clínica ainda na década de 1960 e avançou por outras áreas com o passar do tempo.

A suposição central do retreinamento atribucional é que muitos comportamentos, sentimentos e cognições são resultado das atribuições de causalidade que a pessoa faz aos resultados de sucesso ou insucesso de eventos ou comportamentos nos quais se engajou. Quando são identificados comportamentos considerados indesejáveis, causados por

atribuições desfavoráveis, o indivíduo é levado a trocar estas atribuições que geram queda na motivação por outras mais favoráveis e que levam a comportamentos mais motivados.

Orbach, Singer e Murphey (1997) utilizaram a técnica em 60 jogadores de basquete, divididos em três grupos distintos: o primeiro recebeu instruções de que cumprir determinada tarefa dependia de fatores controláveis e instáveis, o segundo de que dependia de fatores incontroláveis e estáveis e o terceiro não recebeu qualquer tipo de instrução. A tarefa foi manipulada de forma a ser impossível cumpri-la com sucesso. Não foram encontradas diferenças entre os grupos antes das instruções, mas os resultados apontaram que, após as orientações, o primeiro grupo passou a fazer atribuições menos estáveis e mais controláveis que os demais participantes. Também melhoraram seu próprio desempenho na tarefa e tiveram desempenho melhor que os integrantes dos demais grupos.

Miserandino (1998) testou o retreinamento atribucional em uma equipe de 11 jogadores de basquete, que foram divididos em dois grupos que deveriam cumprir séries de 25 arremessos: um não recebeu qualquer instrução e o outro foi encorajado a atribuir o desempenho ao esforço. Antes das instruções os grupos não apresentaram diferenças no desempenho dos arremessos e no tipo de causa atribuída. Os resultados indicaram que os atletas orientados a atribuir o desempenho ao esforço passaram a utilizar mais causas relacionadas ao esforço para explicar seu desempenho e a acertar mais arremessos. O grupo de jogadores que não recebeu instruções entre as séries de arremessos continuou utilizando os mesmos tipos de causa e apresentando o mesmo desempenho nos arremessos.

Orbach, Singer e Price (1999) estudaram a técnica de retreinamento atribucional em 35 jogadores de tênis. Um grupo recebeu instruções de que a tarefa proposta dependia de causas controláveis e instáveis, outro de que dependia de causas incontroláveis e estáveis e o terceiro grupo não recebeu nenhuma orientação atribucional. Antes das instruções foram medidas as atribuições, expectativas e sentimentos dos atletas e não houve diferenças

significativas entre os grupos. Nova mensuração foi feita após três semanas e os resultados indicaram que o grupo que recebeu orientação voltada para a controlabilidade pessoal e a instabilidade da causa passou a fazer atribuições menos estáveis e mais pessoalmente controláveis que os demais grupos. Além disso, também passaram a ter maiores expectativas de melhor desempenho no futuro e maiores sentimentos de esperança e coragem.

Martin-Krumm, Sarrazin, Peterson e Famose (2003) investigaram 278 praticantes de basquete e descobriram que aqueles que utilizam atribuições consideradas otimistas, voltadas à instabilidade e à controlabilidade pessoal diante de situações de insucesso, tiveram melhora no desempenho, menor queda na expectativa e menor taxa de estresse, quando comparados àqueles que utilizaram atribuições estáveis e incontroláveis para explicar o insucesso.

Benck (2002), no que parece ser o primeiro trabalho brasileiro a investigar as atribuições causais no esporte, criou e aplicou uma versão brasileira da CDS-II em 201 atletas, sendo 49 de judô, 50 de natação, 51 de basquete e 51 de ginástica. Os resultados indicaram que atletas com maior percepção de sucesso na carreira esportiva fazem atribuições mais internas, estáveis e controláveis que aqueles com percepção de fracasso. A mesma autora (2006) desenvolveu um novo instrumento, baseado na CDS-II, chamado EBAC (Escala Brasileira de Atribuição Causal) e a utilizou para avaliar efeitos do retreinamento atribucional em jovens ginastas.

Ventura e Sousa (2003) investigaram as atribuições efetuadas por 100 corredores portugueses de alto-rendimento em situações de sucesso e fracasso. Utilizaram uma versão portuguesa da CDS-II, de McAuley, Duncan e Russell (1992) e os resultados indicaram que atletas atribuem as situações de sucesso a causas mais internas, estáveis e controláveis pessoalmente, enquanto situações de fracasso são atribuídas a causas mais externas, instáveis e fora de controle pessoal. Os autores salientam que os achados reforçam a idéia de que o

egotismo atribucional influencia o processo de atribuição causal e são uma evidência de que os esportistas se preocupam com a preservação das emoções ligadas à auto-estima.

Rees, Ingledew e Hardy (2005) escreveram que as pesquisas sobre atribuição no esporte iniciaram-se na década de 1970, tiveram seu auge na de 1980, mas parecem ter diminuído significativamente após esse período. Conforme os autores, o assunto é importante e deveria ser retomado. Com essa intenção e a de estimular novas pesquisas, fizeram uma avaliação sobre a condição da teoria e pesquisa da atribuição de causalidade no esporte até então e sugeriram novos direcionamentos.

Avaliaram a importância de se estudar mais as atribuições ao fracasso que ao sucesso, já que atribuições à situações negativas ou inesperadas são mais comuns. Dentro desse tipo de investigação sugeriram que outros tipos de informação deveriam ser acessadas e usadas, como consistência (verificar situação semelhante e positiva em outros momentos), distintividade (verificar aspectos positivos da situação) e consenso (verificar se outros passaram por situação semelhante e superaram).

Sugeriram também que, embora a atribuição à falta de esforço seja a principal recomendação diante do insucesso, muitas vezes outras podem e devem ser usadas. Se a pessoa acredita que se esforçou ao máximo durante uma luta de boxe, por exemplo, mas não venceu e recebe uma indicação de que não se esforçou, o efeito pode ser negativo. Nesse caso, um tipo de atribuição semelhante ao esforço, mas com efeitos mais benéficos, poderia ser de que foi usada uma estratégia incorreta. Contudo, o melhor método seria avaliar cada caso e usar alguma informação questionadora das atribuições incorretas.

Sobre as dimensões atribucionais de Bernard Weiner, os mesmos autores indicaram que seria importante pesquisar e testar outras dimensões além do *locus* da causalidade, do grau de estabilidade e da controlabilidade. Globalidade e universalidade seriam algumas das possibilidades. Ainda sobre as dimensões tradicionais ressaltaram que a controlabilidade é a

mais importante delas, seguida pela estabilidade. O *locus* da causalidade seria até mesmo irrelevante aos estudos da atribuição de causalidade no esporte, uma vez que ela está relacionada à controlabilidade e essa dimensão é a que deve ser a preocupação central das pesquisas.

Outras considerações sobre possibilidades de investigação indicadas apontam que estudos longitudinais podem revelar importantes informações sobre o funcionamento das atribuições com o passar do tempo; que as dimensões são mais importantes que as causas em si, mas os participantes das pesquisas geralmente têm dificuldade para compreendê-las e por isso cabe ao pesquisador descobrir e usar métodos de investigação no qual tal dificuldade não interfira nas respostas; que o egotismo atribucional parece ocorrer somente imediatamente após o evento avaliado, mas que com o passar do tempo ele tende a desaparecer; e que a pessoa que dá instruções atribucionais ao atleta deve oferecê-la prontamente, antes que outras fontes sociais interfiram e levem a atribuições disfuncionais.

Por fim, os autores sugerem também que novos estudos quantitativos e qualitativos deveriam focar o que a controlabilidade, associada à estabilidade, globalidade e universalidade, provoca nas emoções, expectativas e desempenho dos atletas. Após a publicação dessa avaliação surgiram outras importantes pesquisas sobre o assunto.

Le Foll, Rascle e Higgins (2006) pesquisaram a influência de atribuições-estado e estilo atribucional na persistência de 110 estudantes que nunca haviam praticado golfe, mas deveriam cumprir tarefas relacionadas à esse esporte. Tais tarefas foram manipuladas de forma que o insucesso era o único resultado possível. Os autores definiram atribuição-estado como aquela em que o indivíduo atribui uma causa à uma situação específica e em um momento específico do tempo. Já o estilo atribucional seria a tendência a fazer determinado tipo de atribuição em múltiplos contextos e em diversos momentos.

Utilizando instrumentos distintos, descobriu-se que ao contrário do estilo atribucional, a atribuição-estado não influenciou a persistência dos participantes do estudo. O estilo atribucional voltado para causas externas, incontroláveis e estáveis mostrou-se disfuncional para a persistência dos participantes na tarefa, diante do insucesso. Aqueles que apresentaram este tipo de atribuição tiveram índices de persistência significativamente menores que aqueles que apresentaram qualquer outro tipo.

Conforme concluem os autores, um estilo atribucional otimista, voltado para atribuições mais internas, controláveis e instáveis diante de situações de insucesso, faria as pessoas terem maior persistência. Outra importante descoberta do estudo foi o fato do controle pessoal ser a dimensão que exerceu maior influência na persistência dos indivíduos.

Rasclé, Le Foll e Higgins (2008) estudaram as consequências de diferentes instruções atribucionais na expectativa e no comportamento de 41 golfistas iniciantes, que foram divididos em três grupos e deveriam fazer seis tentativas de atingir o buraco com apenas uma tacada. Após a primeira tentativa foram medidas as expectativas e as dimensões da causa e não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos.

Após a segunda tacada um grupo recebeu instruções de que causas internas, controláveis e instáveis eram responsáveis pelo desempenho na tarefa; o segundo grupo que o desempenho dependia de causas externas, incontroláveis e estáveis e o terceiro não recebeu qualquer instrução.

Os resultados indicaram que o grupo que recebeu instruções de que o desempenho dependia de causas internas, controláveis e instáveis passou a atribuir o resultado das tacadas a causas mais internas, passou a ter maiores expectativas de sucesso e a treinar mais durante os intervalos entre as tacadas “oficiais”.

Já o grupo que foi orientado através de causas externas, incontroláveis e estáveis passou a utilizar causas significativamente mais externas, incontroláveis e estáveis para

explicar o resultado de suas tacadas e apresentou decréscimo nas expectativas e no tempo de treinamento entre os intervalos das tacadas válidas para o estudo. A conclusão dos autores é de que até mesmo com uma única instrução é possível modificar as atribuições causais dos atletas.

Le Foll, Rasclé e Higgins (2008) investigaram a influência de instruções atribucionais funcionais e disfuncionais nas atribuições de causalidade, expectativas de sucesso, emoções e persistência em 30 estudantes iniciantes em golfe. Eles cumpriram uma série de tacadas com o objetivo acertar o buraco em uma única tentativa, ou seja, a tarefa era manipulada de forma a ser impossível executá-la com sucesso, uma vez que todos os participantes nunca haviam tido contato com o esporte. Assim, a percepção de todos foi de que a tarefa foi cumprida com insucesso.

Após a primeira série, um grupo recebeu instruções, consideradas funcionais, de que a tarefa dependia de causas internas, controláveis e instáveis. Outro grupo recebeu instruções consideradas disfuncionais, de que cumprir a tarefa dependia de causas externas, incontroláveis e estáveis e um terceiro grupo não recebeu qualquer instrução.

Os resultados revelaram que as instruções atribucionais foram capazes de modificar as atribuições, expectativas, emoções e persistência dos participantes. Aqueles que antes das instruções apresentavam atribuições disfuncionais e receberam instruções funcionais passaram a apresentar melhores atribuições, expectativas e mais persistência. Para os que já apresentavam atribuições funcionais não houve incremento significativo das atribuições, expectativas e persistência.

Para aqueles que apresentavam atribuições funcionais e receberam instruções disfuncionais houve piora significativas nas atribuições, expectativas, afetos positivos e persistência. Por outro lado, não houve piora nessas variáveis para aqueles que já faziam atribuições disfuncionais. Outro resultado importante desse estudo foi que as instruções

funcionais produziram um efeito muito mais moderado no incremento das variáveis quando comparadas ao grande efeito que as instruções disfuncionais produziram na deterioração das mesmas variáveis.

Gordon (2008) investigou a influência de estilos atribucionais pessimistas e otimistas no desempenho de 20 jogadores de futebol e 18 jogadoras de basquete. Para compor o estilo atribucional foram utilizadas as dimensões *locus* da causalidade, grau de estabilidade e globalidade da causa. Para medir o desempenho no futebol foram utilizadas a quantidade de faltas, chutes a gol, gols, passes tentados e passes completados; no basquete, a quantidade de faltas, de bolas entregues ao adversário, de bolas roubadas do adversário, de lances livres, rebotes e arremessos de dois e três pontos.

Jogadores de futebol foram mais otimistas (fazendo atribuições internas, estáveis e globais para resultados positivos) que pessimistas (fazendo atribuições internas, estáveis e globais para resultados negativos). Nessa amostra, atribuições pessimistas estiveram negativamente e atribuições otimistas positivamente correlacionadas ao bom desempenho nos passes tentados e completos. Durante uma partida terminada em derrota (mas não nas terminadas em vitória), pessimistas completaram significativamente menos passes que otimistas.

Pessimistas e otimistas chutaram mais durante partidas que terminaram em derrota, mas otimistas chutaram marginalmente mais que pessimistas ($p < 0,07$) e tiveram um desempenho constante tanto durante partidas que terminaram em derrota quanto aquelas que terminaram em vitória. Nas partidas terminadas em derrota, pessimistas tiveram uma redução significativa no nível de motivação. Além disso, o estilo atribucional otimista explicou 59% da variância no desempenho dos passes completos

Em jogadoras de basquete, ao contrário do previsto, otimistas pegaram menos rebotes e cometeram mais faltas que pessimistas. Além disso, o otimismo esteve negativamente

relacionado ao número de rebotes defensivos e o pessimismo positivamente relacionado ao número de arremessos de dois pontos. A explicação do autor é que a amostra pode ter sido composta de pessimistas defensivos, que são aqueles que ao esperar resultados negativos acabam se esforçando para evitá-los, ou seja, acabam incrementando o desempenho.

Sousa, Rosado e Cabrita (2008) buscaram descobrir as dimensões das causas atribuídas por 125 jogadores de futebol portugueses aos jogos em que avaliaram ter tido sua melhor e sua pior atuação. Os resultados indicaram que as causas atribuídas ao melhor desempenho já conseguido foram mais internas, estáveis e pessoalmente controláveis que aquelas atribuídas à pior atuação.

Além disso, foram comparadas as dimensões das causas atribuídas pelos atletas, de acordo com o nível do campeonato disputado. Os resultados mostraram que jogadores que atuam em divisões superiores, quando comparados a jogadores de duas divisões inferiores, utilizaram causas mais instáveis para explicar seu pior desempenho na carreira. Também utilizaram causas menos internas e controláveis para explicar tanto a melhor quanto a pior atuação que já tiveram.

É possível observar, portanto, que a partir da segunda metade da década de 2000, voltaram a aparecer estudos frequentes sobre a atribuição de causalidade em contexto esportivo ou ao menos em tarefas esportivas. Como proposto por Rees, Ingledew e Hardy (2005), o interesse no assunto parece ter voltado a ocorrer com mais intensidade, o que tem trazido perspectivas de novas e importantes contribuições para a psicologia do esporte.

6 . JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

6.1 . Justificativas

A Psicologia do Esporte é uma área da psicologia relativamente nova. Embora os primeiros estudos sejam datados do início do século passado, foram desenvolvidos de forma mais efetiva somente a partir de 1970 e ainda assim em ritmo menos acelerado que muitas outras áreas. Sabendo que o Brasil detém apenas 1% das publicações em Psicologia do Esporte no mundo (Rubio, 2000), é importante que novos estudos sejam promovidos e que novos conhecimentos e possibilidades de intervenção sejam gerados.

Os primeiros trabalhos em Psicologia Social, publicados entre 1890 e 1920, curiosamente estavam relacionados ao esporte. O experimento pioneiro relativo a fenômenos psicossociais, conduzido por Norman Triplett em 1898, consistia em verificar o desempenho de ciclistas nas condições de isolamento e em conjunto (Rodrigues, 1996).

No entanto, apesar dessa união histórica, a contribuição da Psicologia Social para o esporte parece ainda não ser tão explorada quanto poderia ser, principalmente no Brasil, onde são escassos os trabalhos com essa orientação teórica. Além disso, muitas das pesquisas que foram feitas deixaram lacunas que só poderão ser sanadas com a replicação e o desenvolvimento de mais investigações, que gerem novos conhecimentos e novas lacunas que abram campo para novas pesquisas e assim sucessivamente.

A maior parte dos estudos sobre o processo atribucional no esporte foram desenvolvidos em outros países, o que significa que o conhecimento existente pode não ser adequado aos atletas brasileiros, ou seja, considerando as diferenças culturais, os resultados dos estudos estrangeiros podem não representar necessariamente suas cognições, atitudes e comportamentos. Sendo assim, existe a necessidade de compreender diversos aspectos psicológicos de atletas nacionais.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, praticado por quase todas as culturas, povos e sociedades (Stemme, 1981). De acordo com Ribeiro da Silva (1972), é a atividade esportiva preponderante no Brasil e por isso merecedora do máximo de atenção. Brandão (2000a) afirma que ela move interesses financeiros e recebe uma grande quantidade de atenção da mídia, além de levar vantagens econômicas, popularidade e prestígio aos atletas de elite. No Brasil, é visto como uma riqueza nacional, responsável pela movimentação de milhares de dólares (Mira y López & Ribeiro Da Silva, 1964).

Entre os diversos elementos que podem levar um jogador de futebol a alcançar ou não seus objetivos estão os fatores psicológicos. Assim, torna-se importante estudar esses aspectos tanto em atletas que estão buscando oportunidades de profissionalismo quanto naqueles que já tentaram e não obtiveram o sucesso esperado. É importante que a psicologia não fique limitada ao estudo de atletas profissionais, mas se preocupe também com a situação daqueles que praticam o esporte de forma amadora.

Apesar de toda importância, não são tantos e muitas vezes são antigos os registros de estudos de psicologia no futebol. Já os estudos de atribuição de causalidade nessa modalidade são inexistentes. Benck (2002 , 2006) trabalhou o tema com atletas de voleibol, handebol, judô, natação, ginástica artística, ginástica rítmica, saltos ornamentais, tênis, squash, atletismo e nado sincronizado, mas o futebol não entrou nesse rol de esportes contemplados.

Desta forma, é possível perceber que existe uma lacuna no conhecimento, tanto da Psicologia Social quanto da Psicologia do Esporte, tanto do processo de atribuição de causas quanto do próprio futebol. Portanto, essa pesquisa pretendeu colaborar para a evolução desses conhecimentos, preenchendo uma pequena parte dessa lacuna e esperando que ela crie outras curiosidades e assim sirva como estímulo para mais e mais investigações.

Com isso, espera-se que sejam estabelecidas bases para o desenvolvimento de aplicações práticas do conhecimento, como por exemplo o retreinamento das atribuições de

causalidade, que Benck (2006) cita como sendo uma técnica promissora para ser trabalhada com atletas, tendo já apresentado resultados satisfatórios. Também é esperado que jogadores de futebol sejam ensinados e aprendam a lidar melhor com seus pensamentos, sentimentos, expectativas e comportamentos em relação ao futebol. Essa tarefa, executada pelo psicólogo, justifica seu trabalho com atletas de esportes individuais ou em clubes de esportes coletivo, em conjunto com uma equipe multidisciplinar.

6.2 . Objetivos

Objetivos gerais

Investigar as causas atribuídas por jogadores de futebol das categorias júnior e amador adulto à sua percepção de nível de competência e a influência delas nos seus sentimentos, expectativas e disposição para agir.

Objetivos específicos

Os objetivos específicos foram os mesmos para as amostras de atletas juniores e adultos:

- Verificar o tipo de competência percebido pelos atletas, ou seja, quantos acreditam ter maior e quantos acreditam ter menor nível de competência.
- Medir o nível dos dois tipos de competência percebido pelos jogadores.
- Identificar as causas atribuídas a cada um dos dois tipos de competência percebida.
- Medir as dimensões da causa atribuída por jogadores com ‘maior’ e ‘menor’ competência.
- Verificar o tipo de combinação dimensional da causa atribuída à ‘maior’ e à ‘menor’ competência percebida.
- Investigar as diferenças existentes nos sentimentos, expectativas e disposições para ação, de acordo com o tipo de combinação dimensional da causa atribuída.

- Investigar a correlação entre cada uma das três dimensões causais (*locus* da causalidade, grau de estabilidade e controlabilidade) e antecedentes atribucionais, sentimentos, expectativas e disposições para ação.
- Verificar o quanto o nível de competência percebido explica a variância total de cada uma das três dimensões da causa atribuída e o quanto cada dimensão da causa atribuída explica a variância total do nível de competência percebido, dos sentimentos, das expectativas e das disposições para a ação.
- Comparar todas as variáveis do estudo entre as categorias de juniores e adultos, de acordo com os tipos de causa atribuída.

7. MÉTODO

7.1 . Participantes

O estudo foi realizado com jogadores amadores de futebol de campo, ou seja, atletas que no momento da entrevista não possuíam qualquer vínculo empregatício oficial com clubes ou associações de futebol. No entanto, mesmo atletas amadores, em competições amadoras, necessitam de um registro oficial de inscrição que os habilite a jogar. Nessa condição, é comum que atletas adultos, mesmo não recebendo salários fixos, ganhem uma gratificação em dinheiro para atuar pelas equipes.

Desta forma, para participar da pesquisa, todos deveriam estar registrados em um clube com o aval de entidades oficiais de administração do futebol, como ligas ou federações municipais, estaduais ou nacionais. O atleta também deveria estar em atividade, disputando algum campeonato e concordar voluntariamente em participar da pesquisa.

Os treinamentos de atletas amadores juniores são realizados em diferentes frequências, de acordo com o funcionamento dos clubes. Nesta amostra foram entrevistados jogadores que treinavam desde uma, duas ou três vezes por semana até aqueles que tinham treinos diários. Para atletas amadores adultos, essa frequência diminui drasticamente, havendo treinamentos no máximo duas vezes por semana, sendo frequente apenas um por semana e comum sequer haver treinos. Ambas as categorias costumam fazer um jogo por semana, normalmente nos finais de semana.

O estudo foi composto por 189 jogadores, sendo 111 atletas da categoria júnior, que admite atletas com até 20 anos de idade e 78 da categoria adulta, em que não há limite de idade.

A amostra de juniores foi composta por 111 jogadores, todos atuando em três das equipes que disputaram a fase semi-final do “Campeonato Mineiro da Categoria Básica Junior temporada 2008”, nome oficial dado ao campeonato organizado pela Federação Mineira de

Futebol (FMF) e em nove das equipes que disputaram o “Campeonato de Futebol Junior de Uberlândia-2008”, nome oficial dado ao campeonato promovido pela Liga Uberlandense de Futebol (LUF).

A média de idade foi de 18,23 anos ($DP= 1,21$) e como mostra a tabela 4, embora a maioria (47,7%) tenha concluído o ensino médio, grande parte sequer o fez (44,1%) e a minoria (8,1%) ainda continua os estudos, fazendo algum curso de nível superior. Daqueles que souberam responder, 51% disseram que sua mãe não concluiu o ensino médio e 62% apontaram que seu pai também não o fez.

A maior parte dos atletas juniores (76,58%) afirma ter passado a infância em cidades grandes, enquanto outros 18,02% dizem ter vivido em cidades pequenas e apenas 5,41% na roça. De 111 atletas, 39,64% jogam posicionados na defesa (inclui as posições de goleiro, zagueiro e lateral), 36,04% jogam na posição de meio-campo (inclui as posições conhecidas como volante e meia) e 24,32% são atacantes (inclui as posições de atacante ou centroavante).

Tabela 4

Distribuição dos Atletas Juniores Segundo Idade, Escolaridade, Escolaridade da Mãe e do Pai, Local Onde Passou a Infância e Posição Em Que Joga.

Variável	Classe	n
Idade	Menos de 18	24
	18	39
	19	33
	20	15
Escolaridade	Fundamental incompleto	5
	Fundamental completo	12
	Médio incompleto	32
	Médio completo	53
	Superior incompleto	09
Escolaridade da mãe	Fundamental incompleto	20
	Fundamental completo	28
	Médio incompleto	05
	Médio completo	43
	Superior incompleto	08
	Sem resposta	07
Escolaridade do pai	Fundamental incompleto	40
	Fundamental completo	13
	Médio incompleto	09
	Médio completo	32
	Superior	06
	Sem resposta	11
Local onde passou a infância	Cidade grande	85
	Cidade pequena	20
	Roça	06
Posição em que joga	Defesa	44
	Meio-campo	40
	Ataque	27

n=111

A amostra de jogadores da categoria adulta contou com 78 atletas, todos atuando em equipes que disputaram o “Campeonato de Futebol Amador de Uberlândia”, nome oficial dado ao campeonato organizado pela Liga Uberlandense de Futebol (LUF). Tal campeonato conta com três divisões, sendo que participaram do estudo, atletas de sete clubes da 1ª Divisão, nove da 2ª Divisão e dois da 3ª Divisão.

A média de idade desta amostra foi de 26,36 anos (DP= 5,22) e como mostra a Tabela 5, a maior parte dos jogadores tem até 25 anos. A maioria (48,7%) estudou até o ensino médio e 17,9% está cursando ou cursou nível superior. Daqueles que souberam responder, 61,4% disseram que sua mãe não concluiu o ensino médio e 65,2% apontaram que seu pai também não o fez.

A maior parte dos atletas adultos (58,4%) afirma ter passado a infância em cidades grandes, outros 36,4% dizem ter vivido em cidades pequenas e apenas 5,2% na roça. De 78 atletas, 41% jogam posicionados na defesa (inclui as posições de goleiro, zagueiro e lateral), 35,9% jogam na posição de meio-campo (inclui as posições conhecidas como volante e meia) e 23,1% são atacantes (inclui as posições de atacante ou centroavante).

Tabela 5

Distribuição Dos Atletas Adultos Segundo Idade, Escolaridade, Escolaridade Da Mãe e Do Pai, Local Onde Passou a Infância e Posição Em Que Joga.

Variável	Classe	n
Idade	Até 25	42
	26-30	17
	31-35	14
	Acima de 35	05
Escolaridade	Fundamental incompleto	04
	Fundamental completo	11
	Médio incompleto	11
	Médio completo	38
	Superior incompleto	14
Escolaridade da mãe	Fundamental incompleto	28
	Fundamental completo	11
	Médio incompleto	04
	Médio completo	17
	Superior	10
	Sem resposta	08
Escolaridade do pai	Fundamental incompleto	32
	Fundamental completo	12
	Médio incompleto	01
	Médio completo	20
	Superior	04
	Sem resposta	09
Local onde passou a infância	Cidade grande	45
	Cidade pequena	28
	Roça	04
	Sem resposta	01
Posição em que joga	Defesa	32
	Meio-campo	28
	Ataque	18

$n = 78$

7.2. Instrumento

De acordo com King (1995), uma entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador usa um roteiro com perguntas a serem feitas em uma ordem específica, evitando assim, qualquer tendenciosidade nas respostas, caso existam diferentes entrevistadores. A maioria das questões é fechada e usa uma escala numérica e/ou uma caixinha para assinalar as respostas. A ênfase está em obter informações facilmente quantificáveis, embora possam ser usadas algumas perguntas com respostas abertas. A entrevista raramente é gravada e normalmente o pesquisador assinala manualmente as respostas do entrevistado. Este tipo de entrevista é usada onde existe a necessidade de testar hipóteses formais e o desejo de que os dados coletados sejam facilmente quantificados

Para investigar o nível de competência percebido e o processo de atribuição de causas a ele em jogadores de futebol, optou-se por utilizar um instrumento que seguisse esse modelo. Embora desde a década de 1980 existam pesquisas que visam o desenvolvimento de escalas que possam medir as atribuições de causas, parece haver nelas uma limitação à mensuração apenas das dimensões causais.

De acordo com Weiner (2000), a atribuição de causas por um indivíduo é um processo amplo em que antecedentes influenciam as dimensões causais e estas por sua vez trazem consequências aos seus sentimentos, expectativas e comportamentos. As escalas construídas até o momento parecem não abranger todo o processo proposto por Weiner e ao medir apenas as dimensões causais, deixam de contemplar a dinâmica da atribuição de causas.

Desta forma, foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada (ANEXO A) que pudesse considerar todas as etapas da sequência atribucional. Foram elaboradas 47 perguntas, divididas em sete grupos de variáveis. É importante ressaltar que os grupos foram formados visando somente facilitar o entendimento e o estudo do processo. Não houve

intenção de que suas variáveis formassem um construto e medissem a mesma idéia. Cada questão é independente e forma uma variável distinta.

Ao elaborar o roteiro da entrevista utilizado, houve uma preocupação constante com o estereótipo do senso-comum de que jogadores de futebol são atletas com pouca escolaridade e baixo nível cultural. De acordo com Pasquali (1999), ao construir qualquer instrumento o pesquisador deve ter cuidado e estar atento a diversos critérios para que os itens sejam adequados ao estudo. Entre eles está o “critério da clareza”, ou seja, a preocupação com a compreensão das frases. Seria preciso utilizar uma linguagem acessível a todos os estratos da população pesquisada, com frases curtas, expressões simples e que não gerem dúvida. Em outras palavras, deve-se buscar o linguajar típico da população alvo.

Com esse embasamento procurou-se formular cada uma das questões da maneira mais simples e clara possível, de forma que todos os atletas pudessem compreendê-las e respondê-las de forma correta e exata, independente de seu nível cultural ou de escolaridade.

Com exceção das variáveis sócio-biográficas e da causa atribuída à auto-percepção do nível de competência, todas as perguntas deveriam ser respondidas em uma escala numérica entre um e dez, sendo 1(um) o menor e 10 (dez) o maior nível possível de resposta.

Os dados sócio-biográficos foram compostos por cinco variáveis, visando conhecer algumas características dos atletas (Tabela 6).

Tabela 6

Perguntas Utilizadas Para Medir Variáveis Sócio-biográficas

Nome da Variável	Pergunta
Idade	1. Idade?
Tempo de estudo	2. Você estudou até qual série?
Tempo de estudo de sua mãe	3. Sua mãe estudou até qual série?
Tempo de estudo de seu pai	4. Seu pai estudou até qual série?
Local onde passou a infância	5. Onde passou a infância? () na roça () em cidades pequenas () em cidades grandes
Função desempenhada em campo	6. Você joga principalmente em qual posição? () Defesa () Meio-campo () Ataque

Ao segundo grupo de variáveis foi dado o nome de ‘Antecedentes Atribucionais’ e o objetivo de investigar algumas das inúmeras informações que poderiam influenciar a atribuição de causas e o estabelecimento de suas dimensões. Segundo Weiner (2000), crenças, normas sociais, experiências anteriores, estereótipos, entre outros, são algumas das informações capazes de exercer influência sobre o tipo de atribuição que o indivíduo faz. Foram elaboradas seis perguntas que deveriam ser respondidas em uma escala de 1 a 10 (Tabela 7).

Tabela 7

Perguntas Utilizadas Para Medir Variáveis De Antecedentes Atribuicionais

Nome da variável	Pergunta
Respeito à profissão	01.De 1 a 10, o quanto você acredita que a profissão de jogador de futebol é respeitada?
Avaliação externa do nível de competência	02. Que nota você acha que as outras pessoas te dão como jogador de futebol?
Dedicação ao futebol	03.De 1 a 10, o quanto você se dedica ao futebol?
Avaliação do melhor time em que já jogou	04. Que nota você dá para o melhor time em que você já jogou?
Avaliação do pior time em que já jogou	05. Que nota você dá para o pior time em que você já jogou?
Avaliação do time em que joga atualmente	06. Que nota você dá para o time em que você joga atualmente?

No terceiro grupo, nomeado ‘Atribuição de causa ao nível de competência percebido’, o atleta deveria primeiramente fazer uma auto-avaliação, entre 1 e 10, do seu nível de competência e em seguida atribuir uma causa, e apenas a principal, que explicasse essa percepção (Tabela 8).

Tabela 8

Perguntas Utilizadas Para Medir Nível de Competência Percebido e Identificar Causas Atribuídas à Ele

Nome da variável	Pergunta
Nível de competência percebido	07. Que nota você dá para você mesmo como jogador de futebol?
Causa atribuída	08. Escreva a principal causa, o principal motivo que explica essa nota que você deu para você na questão anterior? (porque você tem essa nota como jogador de futebol ?

As questões seguintes foram elaboradas com o objetivo de medir as três dimensões causais: *locus* da causalidade, estabilidade e controle. Contudo, em indicações de McAuley, Duncan e Russell (1992), Benck (2006) e Rascle, Le Foll e Higgins (2008), a dimensão controlabilidade tem sido dividida em ‘controle pessoal’ e ‘controle por outras pessoas’. Assim, foram elaboradas duas perguntas para esta dimensão e ao todo este quarto grupo de variáveis, chamado de ‘Dimensões Causais’, foi composto por quatro perguntas, respondidas em uma escala de 1 a 10 (Tabela 9).

Tabela 9

Perguntas Para Medir Dimensões Da Causa Atribuída Ao Nível De Competência Percebida

Nome da variável	Pergunta
<i>Locus</i> da causalidade	09. De 1 a 10, o quanto esta causa está relacionada a você (tem a ver com você) ?
Grau de estabilidade	10. De 1 a 10, o quanto você acredita que esta causa vai continuar ocorrendo no futuro?
Controle pessoal	11. De 1 a 10, o quanto você acha que pode controlar (pode tomar conta) desta causa?
Controle por outras pessoas	12. De 1 a 10, o quanto você acha que as outras pessoas podem controlar (podem tomar conta) desta causa?

Conforme achados de Weiner, Russell e Lerman (1978) e Dela Coleta e Godoy (1986) sobre como dimensões causais influenciam os sentimentos dos atletas, foram listadas vinte e cinco emoções comumente associadas aos tipos de causas atribuídas a um evento por um sujeito: competente, confiante, vitorioso, recompensado, realizado, orgulhoso, conformado, aliviado, arrependido, frustrado, desanimado, capaz, tranquilo, deprimido, angustiado, revoltado, seguro, com raiva, surpreso, agradecido, relaxado, cansado, motivado, envergonhado, culpado.

Todas elas compuseram o quinto grupo de variáveis, chamado “Sentimentos”, e deveriam ser respondidas em uma escala de 1 a 10. A pergunta utilizada foi: “sabendo que você é um jogador nota X pelo motivo Y, o quanto você se sente (nome do sentimento) como jogador de futebol?”. Tais procedimentos foram baseados em McAuley, Russell e Gross (1983).

O sexto grupo de variáveis, ‘Expectativas’, foi baseado nos mesmos procedimentos adotados por Rudisill (1989) e composto por sete perguntas ligadas a expectativas sobre o nível de competência no futuro e expectativas sobre o profissionalismo (Tabela 10).

Por fim, o sétimo grupo, ‘Disposição para ação’, foi composto por quatro variáveis visando investigar o quanto o indivíduo estaria disposto a mudar ou executar novos comportamentos com o objetivo de ser um jogador de futebol com maior nível de competência (Tabela 11).

Tabela 10

Perguntas Utilizadas Para Medir Expectativas de Nível de Competência e Profissionalismo

Nome da variável	Pergunta
Expectativa de nível de competência em 1 mês	38. Se você fosse responder daqui a um mês , que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?
Expectativa de nível de competência em 1 ano	39. Se você fosse responder daqui a um ano , que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?
Expectativa de nível de competência em 5 anos	40. Se você fosse responder daqui a cinco anos , que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?
Expectativa de profissionalismo	41. De 1 a 10, o quanto você acredita que um dia poderá ser jogador profissional de futebol?
Não aceitação da impossibilidade de profissionalismo	42. De 1 a 10, o quanto você vai achar ruim se nunca chegar a ser um jogador profissional de futebol?
Expectativa de sucesso no profissionalismo	43. De 1 a 10, o quanto você acredita que um dia poderá ser um jogador profissional de futebol e ter sucesso?
Não aceitação da impossibilidade de sucesso no profissionalismo	44. De 1 a 10, o quanto você vai achar ruim se nunca chegar a ser um jogador de futebol profissional e ter sucesso?

Tabela 11

Perguntas Utilizadas Para Medir Disposições Para Ação Visando Maior Nível de Competência

Nome da variável	Pergunta
Disposição ao esforço	45. De 1 a 10, quantas vezes mais você está disposto a se esforçar para ser um grande jogador de futebol?
Disposição ao aumento do tempo de treino	46. Se fosse preciso aumentar o tempo de treinamento para você se tornar um grande jogador de futebol, o quanto (de 1 a 10) você estaria disposto a aumentar?
Disposição para diminuir tempo de lazer	47. De 1 a 10, o quanto você abriria mão das horas de diversão (de festas, de lazer, de convívio em família) para se tornar um grande jogador de futebol de futebol?
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	48. De 1 a 10, o quanto você aceitaria que o treinador fosse mais exigente para você se tornar um grande jogador de futebol?

7.3. Procedimentos

O primeiro procedimento adotado, relativo a coleta de dados, foi verificar através dos meios de comunicação o calendário de competições de futebol do ano de 2008. A partir disso buscou-se as páginas de internet das instituições responsáveis por organizar os campeonatos: Federação Mineira de Futebol- FMF (<http://www.fmfnet.com.br>) e Liga Uberlandense de Futebol (<http://www.lufamador.com.br>).

Nesses endereços de internet está publicamente divulgada a relação completa dos clubes filiados, contendo seus nomes completos, os nomes dos seus presidentes, endereço e telefone de contato. Para alguns ainda estão divulgadas informações como data de fundação, endereço da página na internet, endereço de correio eletrônico e nome do estádio em que joga.

Com essas informações foi possível estabelecer contato telefônico, em que o pesquisador se apresentou e explicou que o motivo da ligação era um pedido de autorização para realizar uma pesquisa no clube. O tema, objetivos e procedimentos eram explicados e quando solicitado, mais informações eram dadas (ANEXO B). A todos os dirigentes foi oferecida uma cópia impressa deste anexo, caso fosse necessário formalizar o pedido. No entanto, nenhum deles achou necessário e todos deram a autorização baseados nas informações passadas por telefone.

Apenas dois clubes se recusaram a autorizar as entrevistas, alegando que os jogadores deveriam pensar apenas no jogo que estava por vir e a entrevista poderia tirar sua concentração. Daqueles que cederam a autorização, cada um estabeleceu com o pesquisador o local, dia e horário que julgou mais adequado, de forma a não prejudicar o trabalho da equipe ou a concentração para as partidas. A maioria solicitou que as entrevistas fossem realizadas cerca de uma hora antes dos jogos, quando os atletas estivessem chegando ou logo após o final do jogo, dentro do vestiário, enquanto eles estivessem se arrumando para ir embora.

Uma equipe pediu para que as entrevistas fossem realizadas antes de um treinamento e outra que fossem feitas no alojamento que servia de concentração para a equipe.

Na maioria das vezes um dirigente ou o treinador fez a apresentação do pesquisador aos atletas e quando isso não ocorreu ele mesmo se apresentou e inicialmente explicou os objetivos da pesquisa e o conteúdo do questionário. Depois, cada jogador foi informado sobre a liberdade de escolher participar ou não, sobre o sigilo dos dados coletados, sobre a entrevista não ter qualquer custo e a possibilidade de desistência a qualquer instante, sem prejuízo algum. Foi oferecida a possibilidade de obter esclarecimentos a qualquer momento, mesmo que isso afetasse a vontade de continuar participando do estudo.

Em seguida foi indagado aos atletas se estavam suficientemente esclarecidos e quem gostaria de colaborar com o estudo. Àqueles que aceitaram foi entregue o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ANEXO C), que deveria ser lido e assinado antes de começar a entrevista. O pesquisador então fazia oralmente as perguntas e anotava as respostas em folhas individuais, levando um tempo entre cinco e dez minutos para preencher todas as questões.

Ao terminar, era perguntado aos participantes se eles desejavam fazer alguma pergunta ou comentário e em seguida depositava-se a folha de resposta em local seguro e apropriado. Por fim, agradecia-se a disponibilidade e colaboração do atleta e do clube.

Para a análise dos dados, todas as respostas foram transformadas em códigos numéricos, digitadas em uma planilha da versão 15 do programa de computador ‘Statistical Package for the Social Sciences -SPSS for Windows’, e a seguir analisadas estatisticamente. Esse procedimento foi adotado inclusive para a única pergunta aberta da entrevista, na qual o jogador deveria dar um motivo que explicasse ou justificasse seu nível de competência percebido. Para transformar dados qualitativos em quantitativos foram seguidas orientações de Bardin (1970) sobre a formação de categorias.

Neste caso, para a análise dessas respostas (Anexos D e E), contou-se com a colaboração de dois juízes, pesquisadores doutores e conhecedores da teoria do processo de atribuição de causalidade, que analisaram quais respostas explicavam o maior e quais justificavam o menor nível de competência percebido. Através desta análise os participantes foram divididos em dois grupos: maior e menor competência percebida.

Em seguida foram investigadas as causas atribuídas a cada um deles. Para isso foi utilizado o modelo motivacional da atribuição de causalidade de Weiner (1985), em que todas as respostas utilizadas por um indivíduo para justificar um evento ocorrido poderiam ser agrupadas em oito categorias. Baseados nisso, os juízes fizeram a análise temática das respostas e em comum acordo agruparam as semelhantes, criando categorias que explicavam o maior ou menor nível de competência percebido.

Com todas as respostas passíveis de análise quantitativa, na etapa seguinte foram aplicados os testes estatísticos necessários ao cumprimento dos objetivos do estudo. A análise descritiva, através de cálculo de frequência, foi usado para verificar quantos jogadores acreditam ter maior e quantos acreditam ter menor nível de competência e quantos utilizam cada uma das causas identificadas para explicar cada um desses dois tipos de competência.

A análise descritiva do cálculo das médias e desvios padrão, somado ao teste *t* de Student de análise de diferença entre duas médias, foi efetuado para medir e comparar o nível de cada um dos dois tipos de competência percebido pelos jogadores e as dimensões da causa atribuída por eles.

O mesmo procedimento foi utilizado para investigar as diferenças existentes nas médias dos sentimentos, expectativas e disposições para ação, de acordo com o tipo de combinação dimensional da causa atribuída ao nível de competência e para comparar todas as variáveis do estudo entre as categorias junior e adulta.

A análise correlacional, através do Coeficiente de Correlação Produto-Momento de Pearson, foi empregada para investigar a relação entre antecedentes atribucionais, nível de competência percebido, sentimentos, expectativas, disposições para ação e cada uma das três dimensões causais: *locus* da causalidade, grau de estabilidade e controlabilidade. Esta mesma prova foi usada para verificar as relações dentre as variáveis de expectativas e dentre as disposições para agir.

Por fim, foram realizadas análises de regressão simples para verificar o quanto o nível de competência percebido explica a variância total de cada uma das três dimensões da causa atribuída e análises de regressão múltipla para verificar o quanto cada dimensão da causa atribuída explica a variância total do nível de competência percebido, dos sentimentos, das expectativas e das disposições para a ação.

8.RESULTADOS

8.1 - Resultados para a Amostra de Jogadores Juniores

A partir das respostas dadas por jogadores de futebol à questão na qual se solicitava uma causa que justificasse o nível de competência percebido, os 111 atletas foram divididos em dois grupos: maior percepção de competência e menor percepção de competência. O primeiro, que para facilitar a compreensão do texto será chamado de ‘maior competência’, ficou com um total de 51 participantes ou 45,95% da amostra. O segundo grupo, chamado a partir de agora de ‘menor competência’, conteve os outros 60 atletas ou 54,05% da amostra (Tabela 12). O teste Qui-quadrado não indicou diferença significativa entre eles ($\chi^2 = 0,73$; $p = n.s.$), ou seja, os grupos não diferem em relação ao número de sujeitos.

A partir dessa classificação, sabendo que os grupos não são numericamente diferentes, foi medido o nível de competência para cada um e verificado se havia diferença significativa entre eles. Para isso foi calculada a média da questão 07, variável ‘nível de competência percebido’.

Os resultados, de acordo com o teste t de Student, indicaram que a média do nível de competência do grupo ‘maior competência’ ($M = 8,51$, $DP = 1,47$) é significativamente maior ($t = 5,17$, $p < 0,001$) que a do grupo com menor competência percebida ($M = 7,23$, $DP = 1,12$). Isto mostra que os grupos são realmente diferentes em relação ao nível de competência.

Tabela 12

Frequência, Porcentagem e Média de Nível de Competência Percebido em Jogadores Juniores de Futebol de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido

Variáveis	Maior competência	Menor competência	Total
Frequência	51	60	111
Porcentagem	45,95	54,05	100
Média de nível de competência percebido	8,51	7,23	
Desvio padrão	1,47	1,12	

Nesta amostra, como mostra a Tabela 13, atletas com maior nível de competência percebido atribuem esse fato a duas causas: habilidade geral (ou característica específica) que possuem e esforço que dispendem em treinos ou jogos. Apesar da diferença de frequência apresentada, o teste Qui-quadrado indicou que ela não é significativa ($\chi^2 = 2,37$; $p = \text{n.s.}$), ou seja, estatisticamente não existe uma causa que seja mais frequentemente atribuída que a outra.

Por outro lado, o menor nível de competência percebido é justificado por três fatores: a falta de habilidade geral ou característica específica, a falta de esforço e fatores externos (Tabela 13). O teste Qui-quadrado apontou diferenças significativas em relação à essas frequências ($\chi^2 = 18,90$; $p < 0,001$).

Para identificar onde estavam, foi usado o Teste Binomial Para Duas Proporções, com o qual foi possível verificar que a habilidade é significativamente mais atribuída que o esforço ($Z = 3,47$; $p < 0,001$) e que fatores externos ($Z = 5,82$; $p < 0,001$) e que o esforço é mais atribuído do que os fatores externos ($Z = 2,06$; $p < 0,05$). Sendo assim, é possível dizer que as

causas para explicar o menor nível de competência não possuem frequências iguais, existindo causas mais comumente atribuídas que outras. Nesta amostra, a falta habilidade foi a causa mais atribuída, seguida de falta de esforço e falta de estrutura.

Tabela 13

Frequência e Porcentagem de Causas Mais Atribuídas por Jogadores Juniores de Futebol, de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido

Causas atribuídas	Maior competência		Menor Competência		Total
	<i>f</i>	(%)	<i>f</i>	(%)	
Habilidade	20	(39,2)	35	(58,3)	55
Esforço	31	(60,8)	17	(28,3)	48
Fator externo	-	-	08	(13,3)	08
Total	51	(100)	60	(100)	111

Os ‘antecedentes atribucionais’ são as inúmeras características e experiências próprias vividas pelo indivíduo e responsáveis por influenciar o tipo de causa explicativa que é dada diante de uma situação de sucesso ou insucesso. A Tabela 14 apresenta as médias das variáveis que mediram alguns antecedentes neste estudo. Como pode ser observado, o teste t de Student não indicou qualquer diferença significativa entre as médias dos grupos ‘maior’ e ‘menor’ competência. Esse resultado permite supor que tanto atletas com maior competência percebida quanto aqueles com menor competência percebida têm antecedentes semelhantes, ao menos nas variáveis investigadas neste estudo.

Tabela 14

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Para Antecedentes Atribucionais de Acordo Com o Tipo de Competência Percebido Por Jogadores Juniores de Futebol

Antecedentes atribucionais	Maior competência		Menor competência		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Respeito à profissão	8,33	(1,62)	7,82	(1,66)	1,65	(n.s.)
Avaliação externa	7,08	(1,31)	7,08	(1,21)	- 0,20	(n.s.)
Dedicação à profissão	8,80	(1,80)	8,75	(1,86)	0,15	(n.s.)
Avaliação do melhor time em que já atuou	8,88	(1,44)	8,93	(1,23)	- 0,20	(n.s.)
Avaliação do pior time em que já atuou	3,82	(2,19)	3,87	(1,70)	- 0,11	(n.s.)
Avaliação do time em que joga atualmente	8,04	(2,00)	7,73	(1,95)	0,81	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Nas variáveis que objetivavam medir as dimensões da causa atribuída, foram encontradas diferenças significativas entre as médias dos grupos “maior competência” e “menor competência” em ‘locus da causalidade’ ($t = 2,94$; $p < 0,01$) e ‘grau de estabilidade’ ($t = 4,95$; $p < 0,001$). Atletas com maior nível de competência percebido fizeram atribuições em média mais internas e estáveis quando comparados àqueles com menor nível, que fizeram comparativamente, atribuições mais externas e instáveis (Tabela 15).

Já a diferença entre os grupos para a variável ‘controle pessoal’ apresentou um valor $t = 1,90$, com um valor de $p = 0,06$. Embora próximo ao valor de $p < 0,05$, padrão convencionalmente adotado como índice de significância, o resultado mostra que atletas com “menor competência” fazem atribuições igualmente controláveis àqueles com “maior

competência”. Não houve diferença sequer próxima de significativa entre os grupos, em relação à variável ‘controle por outras pessoas’ (Tabela 15).

Tabela 15

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Entre as Dimensões da Causa de Acordo Com o Maior ou Menor Nível de Competência Percebido Por Jogadores Juniores de Futebol

Dimensão da Causa	Maior competência		Menor competência		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
<i>Locus</i> da causalidade	8,35	(1,35)	7,43	(1,92)	2,94	(0,004)
Grau de estabilidade	8,12	(2,07)	5,83	(2,80)	4,95	(0,001)
Controle pessoal	7,94	(1,51)	7,25	(2,19)	1,90	(n.s.)
Controle por outros	6,33	(2,29)	6,32	(2,51)	0,04	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Como indicado na Tabela 16, o coeficiente de correlação de Pearson apontou correlações positivas significativas entre o nível de competência percebido e as dimensões *locus* da causalidade, grau de estabilidade e controle pessoal. Os resultados mostraram que quanto maior o nível de competência percebido, mais internas, estáveis e controláveis foram as causas atribuídas. Na mesma tabela é possível ver que quanto mais internas, mais estáveis e controláveis foram as causas. E por fim, quanto mais estáveis, também mais pessoalmente controláveis elas foram percebidas.

Tabela 16

Coeficientes de Correlação (r de Pearson) Entre o Nível de Competência Percebido e as Dimensões da Causa Atribuída por Jogadores Juniores de Futebol

	Nível de competência	<i>Locus</i> da causalidade	Grau de estabilidade
<i>Locus</i> da causalidade	0,19*	-	-
Grau de estabilidade	0,30**	0,36***	-
Controle pessoal	0,33***	0,48***	0,30***

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

Na Tabela 17 é possível ver, através dos resultados das análises de regressão simples efetuadas, que o nível de competência percebido é preditor das três dimensões atribucionais. Conseguiu prever 4% da variância do *locus* da causalidade ($R^2=0,04$; $F(1, 109) = 4,03$; $p < 0,05$; $\beta=0,19$), 9% do grau de estabilidade ($R^2=0,09$; $F(1, 109) = 10,66$; $p < 0,01$; $\beta=0,30$) e 11% do controle pessoal ($R^2=0,11$; $F(1, 109) = 13,09$; $p < 0,001$; $\beta=0,33$).

Na mesma tabela, através da regressão múltipla *stepwise*, é possível observar que o nível de competência percebido é previsto por duas das dimensões atribucionais ($R^2=0,15$; $F(2, 108) = 9,73$; $p < 0,001$). O grau de estabilidade contribuiu com 4% da predição ($R^2=0,04$; $F(1, 108) = 5,80$; $p < 0,05$; $\beta=0,22$) e o controle pessoal com 11% ($R^2=0,11$; $F(1, 109) = 13,09$; $p < 0,001$; $\beta=0,26$).

Tabela 17

Resumo Das Análises de Regressão Simples Para as Três Dimensões Atribucionais Tendo Como Preditor o Nível de Competência Percebido e Regressão Múltipla Stepwise para a Variável Critério Nível de Competência Percebido Tendo Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais, em Jogadores da Categoria Júnior

Variável Critério	Preditor (es)	R ²	β	R ² do modelo
Locus da Causalidade	Nível de competência percebido	0,04*	0,19	
Grau de Estabilidade		0,09**	0,30	
Controle pessoal		0,11***	0,33	
Nível de competência percebido	Grau de estabilidade	0,04	0,22*	0,15***
	Controle pessoal	0,11	0,26***	

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

A mensuração das reações emocionais dos atletas, a partir dos dois tipos de combinação das dimensões da causa atribuída, apontou que em ambos, sentimentos com conotação positiva apresentaram maiores médias e ocuparam toda a parte superior da Tabela 18, enquanto aqueles com conotação negativa tiveram médias baixas e estão alocados na sua parte inferior.

Tabela 18

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Sentimentos de Jogadores Juniores de Futebol, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência

Sentimentos	Maior competência (Causa Interna- Estável-Controlável)		Menor competência (Causa Externa- Instável-Controlável)		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Confiante	9,14	(1,31)	9,13	(1,15)	0,02	(n.s.)
Agradecido	9,12	(1,46)	8,03	(2,10)	3,19	(0,002)
Capaz	9,10	(1,85)	8,90	(1,14)	0,69	(n.s.)
Motivado	9,02	(1,60)	8,12	(2,14)	2,47	(0,010)
Vitorioso	8,67	(1,52)	8,30	(1,61)	1,23	(n.s.)
Tranquilo	8,67	(1,73)	8,68	(1,53)	-0,05	(n.s.)
Seguro	8,67	(1,62)	8,28	(1,80)	1,17	(n.s.)
Competente	8,61	(1,26)	8,42	(1,28)	0,78	(n.s.)
Realizado	7,84	(2,18)	7,23	(2,49)	1,36	(n.s.)
Recompensado	7,39	(2,11)	6,40	(2,43)	2,27	(0,020)
Orgulhoso	7,22	(2,46)	7,47	(2,48)	-0,53	(n.s.)
Surpreso	6,96	(2,15)	6,05	(2,57)	2,00	(0,048)
Aliviado	6,94	(2,13)	6,65	(2,55)	0,64	(n.s.)
Relaxado	6,47	(3,40)	4,98	(3,09)	2,41	(0,020)
Conformado	6,41	(2,69)	6,52	(2,71)	-0,20	(n.s.)
Cansado	5,18	(3,22)	5,48	(2,90)	-0,53	(n.s.)
Com raiva	5,12	(3,33)	4,40	(3,07)	1,18	(n.s.)
Arrependido	4,33	(3,10)	3,71	(2,80)	1,10	(n.s.)
Frustrado	3,92	(2,64)	3,78	(2,89)	0,26	(n.s.)
Envergonhado	3,57	(2,89)	3,17	(2,58)	0,78	(n.s.)
Revoltado	3,49	(2,74)	3,83	(3,19)	-0,60	(n.s.)
Angustiado	3,27	(2,51)	3,82	(2,68)	-1,09	(n.s.)
Culpado	3,16	(2,34)	3,42	(2,71)	-0,53	(n.s.)
Deprimido	3,12	(2,43)	3,53	(2,97)	-0,85	(n.s.)
Desanimado	3,06	(2,59)	3,35	(2,64)	-0,58	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Como exemplo, para atribuições internas, estáveis e controláveis à “maior competência”, os sentimentos com maiores médias foram confiante, agradecido e capaz. Para atribuições externas, instáveis e controláveis à “menor competência” foram confiante, capaz e tranquilo.

Por sua vez, os sentimentos com menores médias para atribuições internas, estáveis e controláveis à “maior competência” foram desanimado, deprimido e culpado. Para atribuições externas, instáveis e controláveis à “menor competência” foram envergonhado, desanimado e culpado.

Uma outra observação a ser feita é que, em termos absolutos, as médias dos sentimentos positivos foram mais elevadas e dos sentimentos negativos menos elevadas para aqueles que fizeram atribuições internas, estáveis e controláveis à “maior competência”, em comparação com aqueles que fizeram atribuições externas, instáveis e controláveis à “menor competência”.

No entanto, através do teste t de Student, foram encontradas diferenças significativas em apenas cinco dos vinte e cinco sentimentos listados no roteiro de entrevista. Jogadores de futebol que atribuíram a causa de sua maior competência a fatores internos, estáveis e controláveis apresentaram maiores médias e disseram se sentir significativamente mais agradecidos, motivados, recompensados, surpresos e relaxados que aqueles que atribuíram sua menor competência a fatores externos, instáveis e controláveis (Tabela 18).

Observando a tabela 19 é possível ver que, em relação às expectativas de competência futura e profissionalismo, os atletas que fizeram atribuições internas, estáveis e controláveis à “maior competência” apresentaram médias mais elevadas que aqueles que fizeram atribuições externas, instáveis e controláveis à “menor competência”. Além disso, apresentaram médias menores quando questionados sobre o quanto se importariam caso as expectativas de profissionalismo não viessem a se concretizar.

Tabela 19

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Expectativas, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída por Jogadores Juniores de Futebol ao Nível de Competência

Expectativas	Maior competência (Causa Interna- Estável-Controlável)		Menor competência (Causa Externa- Instável-Controlável)		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Expectativa de nível competência em 1 mês	8,61	(1,04)	8,25	(1,14)	1,71	(n.s.)
Expectativa de nível competência em 1 ano	8,94	(1,41)	8,87	(1,44)	0,28	(n.s.)
Expectativa de nível competência em 5 anos	9,00	(1,72)	8,65	(1,86)	1,02	(n.s.)
Expectativa de profissionalismo	7,37	(2,89)	6,70	(2,87)	1,23	(n.s.)
Não aceitação da impossibilidade de profissionalismo	6,06	(3,63)	6,23	(3,34)	- 0,26	(n.s.)
Expectativa de sucesso no profissionalismo	7,22	(2,61)	6,40	(2,66)	1,62	(n.s.)
Não aceitação da impossibilidade de sucesso no profissionalismo	5,57	(3,21)	6,03	(3,29)	- 0,75	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Acontece, porém, que o teste *t* de Student apontou que nenhuma dessas diferenças é significativa, ou seja, é possível dizer que as expectativas dos futebolistas dessa amostra são as mesmas, independente do nível de competência. Assim, analisando as médias (Tabela 19), ambos os grupos parecem sustentar expectativas de que serão jogadores com alto nível de competência em 1 mês, 1 ano e 5 anos.

E mais que isso, ao utilizar o coeficiente de correlação de Pearson, foi possível verificar que quanto maior a expectativa de nível de competência em 1 mês, maior a mesma expectativa em 1 ano ($r = 0,62$; $p < 0,001$) e em 5 anos ($r = 0,52$; $p < 0,001$). Da mesma forma, quanto maior a expectativa de competência em 1 ano, maior em 5 anos ($r = 0,73$; $p < 0,001$).

Quanto ao profissionalismo, como apresenta a Tabela 19, os atletas parecem nutrir expectativas razoavelmente altas. Apesar de médias um pouco menores, o mesmo acontece em relação a expectativas de sucesso no profissionalismo. Já quando questionados sobre o quanto se importariam caso não chegassem a ser profissionais, os atletas apresentaram médias relativamente baixas, principalmente para uma provável impossibilidade de sucesso como profissional, mas também com a de profissionalismo em si.

Somado a isso, os resultados do coeficiente de correlação de Pearson indicaram que quanto maior a expectativa de profissionalismo no futebol, maior a expectativa de que seja com sucesso ($r = 0,69$; $p < 0,001$) e que quanto mais o jogador espera ser profissional, mais ele acredita que ficará desapontado se não vier a ser ($r = 0,21$; $p < 0,05$).

Em relação à disposição para ação, na Tabela 20 é possível observar que, com exceção da variável “disposição para aceitar mais exigência do treinador”, atletas que fizeram atribuições do tipo internas, estáveis e controláveis à “maior competência” tiveram médias mais elevadas que aqueles que fizeram atribuições do tipo externas, instáveis e controláveis para a “menor competência”. No entanto, o teste t de Student indicou que nenhuma dessas diferenças é significativa.

Utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson e foram encontradas correlações significativas entre todas as variáveis que medem disposições para ação. Os resultados indicaram que quanto mais os jogadores estão dispostos a se esforçarem, mais estão dispostos a aumentar o tempo de treino ($r = 0,45$; $p < 0,001$), a diminuir o tempo de lazer ($r = 0,61$;

$p < 0,001$) e a aceitarem que o treinador seja mais exigente com eles ($r = 0,25$; $p < 0,01$).

Mostraram também que, quanto mais dispostos estão para aumentar o tempo de treino, mais dispostos também a diminuir o tempo de lazer ($r = 0,61$; $p < 0,001$) e a aceitarem mais exigência do treinador ($r = 0,22$; $p < 0,05$). Por fim, quanto mais dispostos a diminuir o tempo de lazer, mais dispostos estão para aceitar que o treinador exija mais deles ($r = 0,26$; $p < 0,01$).

Tabela 20

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Disposições Para a Ação, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Atletas Juniores

Disposições para a ação	Maior competência (Causa Interna- Estável-Controlável)		Menor competência (Causa Externa- Instável-Controlável)		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Disposição ao esforço	9,41	(1,56)	9,07	(2,16)	0,94	(n.s.)
Disposição ao aumento do tempo de treino	8,94	(2,26)	8,90	(1,90)	0,11	(n.s.)
Disposição para diminuir o tempo de lazer	9,24	(1,63)	8,92	(1,30)	1,14	(n.s.)
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	9,35	(1,66)	9,39	(1,16)	-0,14	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

A tabela 21 mostra as correlações significativas entre cada dimensão atribucional e variáveis dos sentimentos e expectativas de jogadores juniores de futebol. Nesta amostra não foram encontradas correlações significativas entre dimensões da causa e disposição para ação.

O coeficiente de correlação de Pearson indicou que quanto mais interna a causa atribuída maior a expectativa de competência em 5 anos e maior a expectativa de profissionalismo e sucesso no profissionalismo. Mostrou também que quanto mais estável a causa, maiores os sentimentos de segurança e relaxamento.

E ainda, quanto mais pessoalmente controlável ela é percebida, maiores os sentimentos de competência, confiança, capacidade, segurança e maiores as expectativas de nível de competência em 1 mês, de profissionalismo e de sucesso no profissionalismo (Tabela 21).

Foram realizadas análises de regressão para identificar a influência das dimensões causais em todas as variáveis nas quais foram encontradas correlações significativas. Como listadas na Tabela 22, os resultados indicaram que apenas a dimensão controle pessoal prediz os sentimentos de competência ($R^2 = 0,08$; $F (1, 109) = 9,14$; $p < 0,01$; $\beta = 0,28$) ; confiança ($R^2 = 0,05$; $F (1, 109) = 6,21$; $p < 0,05$; $\beta = 0,23$) ; capacidade ($R^2 = 0,05$; $F (1, 109) = 5,91$; $p < 0,05$; $\beta = 0,23$) e segurança ($R^2 = 0,05$; $F (1, 109) = 5,44$; $p < 0,05$; $\beta = 0,22$). O sentimento de relaxamento é explicado pela dimensão estabilidade ($R^2 = 0,05$; $F (1, 109) = 5,25$; $p < 0,05$; $\beta = 0,21$).

Em relação às expectativas, o controle pessoal explica a expectativa de nível de competência em 1 mês ($R^2 = 0,04$; $F (1, 109) = 4,70$; $p < 0,05$; $\beta = 0,20$) e a expectativa de profissionalismo ($R^2 = 0,09$; $F (1, 109) = 10,81$; $p < 0,001$; $\beta = 0,30$). O *locus* da causalidade explica a expectativa de nível de competência em 5 anos ($R^2 = 0,05$; $F (1, 109) = 6,22$; $p < 0,05$; $\beta = 0,23$) e a expectativa de sucesso no profissionalismo ($R^2 = 0,06$; $F (1, 109) = 6,80$; $p < 0,01$; $\beta = 0,24$) (Tabela 23).

Tabela 21

Coeficientes de Correlação de Pearson (r de Pearson) Significativos Entre as Dimensões da Causa Atribuída e Antecedentes Atribuicionais, Sentimentos, Expectativas e Disposições Para a Ação de Jogadores Juniores de Futebol

Variáveis	Locus da causalidade	Grau de estabilidade	Controle Pessoal
Sentimento: competente	-	-	0,28**
Sentimento: confiante	-	-	0,23*
Sentimento: capaz	-	-	0,23*
Sentimento: seguro	-	0,22*	0,22*
Sentimento: relaxado	-	0,22*	-
Expectativa de nível de competência em 1 mês	-	-	0,20*
Expectativa de nível de competência em 5 anos	0,23*	-	-
Expectativa de profissionalismo	0,23*	-	0,30***
Expectativa de sucesso no profissionalismo	0,24*	-	0,20*

* p< 0,05 ** p<0,01 ***p<0,001

Tabela 22

Resumo Das Análises de Regressão Múltipla Stepwise Tendo como Variáveis Critério Diversos Sentimentos e Expectativas e Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais, em Atletas da Categoria Junior

Variável Critério	Preditor	R ²	β	R ² do modelo
Competente	Controle pessoal	0,08**	0,28	0,08**
Confiante	Controle pessoal	0,05*	0,23	0,05*
Capaz	Controle pessoal	0,05*	0,23	0,05*
Seguro	Controle pessoal	0,05*	0,22	0,05*
Relaxado	Grau de estabilidade	0,05*	0,21	0,05*
Expectativa de nível de competência em 1 mês	Controle pessoal	0,04*	0,20	0,04*
Expectativa de nível de competência em 5 anos	<i>Locus</i> da causalidade	0,05*	0,23	0,05*
Expectativa de profissionalismo	Controle pessoal	0,09***	0,30	0,09***
Expectativa de sucesso no profissionalismo	<i>Locus</i> da causalidade	0,06**	0,24	0,06**

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

8.2 Resultados para a amostra de jogadores amadores adultos

Os procedimentos para obtenção dos resultados referentes aos jogadores da categoria amador adulto foram os mesmos adotados na amostra de juniores. Foi analisada a resposta dada à questão 8, na qual se solicitava uma causa para justificar o nível de competência percebido. Os 78 atletas dessa categoria também foram divididos e classificados em maior e menor nível de competência percebido. O primeiro grupo, “maior competência”, ficou com um total de 48 participantes (61,5% da amostra), enquanto o segundo, “menor competência”, conteve os outros 30 atletas (38,5%) da amostra (Tabela 23).

O teste Qui-quadrado indicou diferença significativa entre os grupos ($\chi^2 = 4,15$; $p < 0,05$), ou seja, é diferente o número de participantes entre os grupos. Nesta amostra, há mais jogadores que acreditam ter ‘maior competência’ que atletas que acreditam ter ‘menor competência’.

Com os dois grupos definidos, foi medido o nível de competência de cada um e verificado se havia diferença significativa entre eles. Para isso foi calculada a média dos escores da questão 7, variável ‘nível de competência percebido’. Como mostra a Tabela 24, os resultados indicaram que a média do grupo com maior competência ($M = 8,63$; $DP = 1,28$) é significativamente maior ($t = 4,94$, $p < 0,001$) que a do grupo com menor competência percebida ($M = 7,17$; $DP = 1,26$). Como esperado, isso mostra que os grupos são realmente diferentes em relação ao nível de competência percebido.

Tabela 23

Frequência, Porcentagem e Média de Nível de Competência Percebida, Para os Grupos de Jogadores de Futebol Amadores Adultos Com Maior e Menor Competência

Variáveis	Maior competência	Menor competência	Total
Frequência	48	30	78
Porcentagem	61,50	38,50	100
Média de nível de competência percebido	8,63	7,17	
Desvio padrão	1,28	1,26	

A Tabela 24 mostra as causas utilizadas para explicar os níveis de competência percebidos. Atletas com ‘maior competência’ fazem atribuições a dois fatores: habilidade geral ou característica específica que possuem e esforço que dispendem em treinos ou jogos. Ou seja, são bons porque têm capacidade ou porque se empenham.

Como as frequências das duas causas foram exatamente iguais, não houve necessidade de aplicar o teste Qui-quadrado. Nesta amostra, esforço e habilidade foram causas igualmente utilizadas por jogadores da categoria amador adulta para explicar o maior nível de competência percebido.

Já a “menor competência” foi explicada por três motivos: falta de esforço, falta de uma habilidade geral ou característica específica e fatores externos. O teste Qui-quadrado não indicou diferenças significativas entre eles ($\chi^2 = 0,60$; $p = \text{n.s.}$). Desta forma, é possível dizer que as causas para explicar o menor nível de competência não possuem frequências diferentes, ou seja, os grupos são uniformes e não existem causas mais comumente atribuídas que outras. Falta de habilidade, de esforço e fatores externos foram igualmente utilizadas para explicar o menor nível de competência.

Tabela 24

Frequência e Porcentagem de Causas Mais Atribuídas por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta, de Acordo Com o Nível de Competência Percebido

Causas	Maior competência		Menor competência		Total
	f	(%)	f	(%)	
Habilidade	24	(50,0)	09	(28,3)	33
Esforço	24	(50,0)	12	(58,3)	36
Fatores externos	-	-	09	(13,3)	09
Total	48	(100)	30	(100)	78

A Tabela 25 mostra que, em relação às variáveis que buscaram medir alguns antecedentes atribucionais, foram encontradas diferenças significativas entre o quanto os jogadores acreditam que outras pessoas avaliam seu nível de competência ($t = 2,62$; $p < 0,05$) e no quanto se dedicam ao futebol ($t = 2,70$; $p < 0,01$). Atletas com ‘maior competência’ acreditam que são mais dedicados ao esporte e que outras pessoas os vêem como mais competentes, quando comparados àqueles que se veem com ‘menor competência’. O teste t de Student não apontou diferenças significativas nas demais variáveis.

Tabela 25

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença Entre as Médias Para Antecedentes Atribuicionais, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta

Antecedentes atribuicionais	Maior competência		Menor competência		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Respeito à profissão	7,83	(1,97)	7,23	(2,31)	1,22	(n.s.)
Avaliação externa	7,54	(1,44)	6,70	(1,34)	2,62	(0,010)
Dedicação à profissão	8,08	(2,18)	6,63	(2,38)	2,70	(0,009)
Avaliação do melhor time em que já atuou	9,08	(1,14)	9,10	(1,75)	- 0,05	(n.s.)
Avaliação do pior time em que já atuou	3,56	(1,83)	3,17	(1,64)	0,99	(n.s.)
Avaliação do time em que joga atualmente	9,08	(1,03)	8,63	(1,99)	1,31	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Nas dimensões das causas atribuídas foram encontradas diferenças significativas, entre os grupos com maior e menor nível de competência percebido, nas variáveis *locus* da causalidade ($t = 2,99$; $p < 0,01$) e grau de estabilidade da causa ($t = 3,07$; $p < 0,01$). Atletas com ‘maior competência’ fizeram atribuições mais internas e estáveis que aqueles com menor nível de competência percebida, que fizeram comparativamente, atribuições mais externas e instáveis (Tabela 26).

Já a diferença entre os grupos para a variável ‘controle pessoal’ apresentou $t = 1,83$, com $p = 0,072$. Desta forma, não é possível afirmar que as médias dos grupos são diferentes, mesmo que o valor de p tenha ficado próximo de 0,05, convencionalmente adotado como significativo. Assim, atletas com maior nível de competência percebido não diferem em

relação às atribuições pessoalmente controláveis, quando comparados àqueles com menor nível de competência percebido.

Tabela 26

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias Entre as Dimensões da Causa, de Acordo Com o Maior ou Menor Nível de Competência Percebido por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta

Dimensão da causa	Maior competência		Menor competência		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
<i>Locus</i> da causalidade	8,36	(1,47)	7,17	(2,04)	2,99	(0,004)
Grau de estabilidade	7,83	(1,72)	6,37	(2,46)	3,07	(0,003)
Controle pessoal	8,00	(1,38)	7,27	(2,15)	1,83	(n.s.)
Controle por outros	6,43	(2,27)	5,83	(2,84)	0,96	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

O coeficiente de correlação de Pearson apontou correlações significativas entre o nível de competência percebido e as dimensões grau de estabilidade e controle pessoal. Conforme os resultados mostrados na Tabela 27, quanto maior o nível de competência percebido, mais estáveis e controláveis foram as causas atribuídas. Ao contrário de atletas juniores, futebolistas da categoria amador adulta não apresentaram correlações significativas entre nível de competência percebido e *locus* da causalidade.

Apesar disso, outras correlações significativas relacionadas ao *locus* da causalidade foram encontradas: quanto mais internas as causas, mais estáveis e controláveis elas foram percebidas. Da mesma maneira, quanto mais estáveis, mais controláveis foram as causas atribuídas.

Tabela 27

Coeficientes de Correlação (r de Pearson) Entre o Nível de Competência Percebido e as Dimensões da Causa Atribuída por Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta

	Nível de competência	<i>Locus</i> da causalidade	Grau de estabilidade
<i>Locus</i> da causalidade	n.s.	-	-
Grau de estabilidade	0,33**	0,30**	-
Controle pessoal	0,24*	0,24*	0,23*

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Na Tabela 28 é possível ver, através dos resultados das regressões simples efetuadas, que o nível de competência percebido é preditor significativo de duas dimensões atribucionais. Explica 11% da variância total da variável critério “grau de estabilidade” ($R^2=0,11$; $F(1, 76) = 9,06$; $p < 0,01$; $\beta=0,33$) e 6% do “controle pessoal” ($R^2=0,06$; $F(1, 76) = 4,76$; $p < 0,05$; $\beta=0,24$).

Na mesma tabela, através da regressão múltipla *stepwise*, é possível observar que o nível de competência percebido é previsto apenas pelo grau de estabilidade da causa, responsável por explicar 11% da variância total da variável critério ($R^2=0,11$; $F(1, 76) = 9,06$; $p < 0,01$; $\beta=0,33$).

Tabela 28

Resumo Das Análises de Regressão Simples Para as Três Dimensões Atribucionais Tendo Como Preditor o Nível de Competência Percebido e Regressão Múltipla Stepwise para a Variável Critério Nível de Competência Percebido Tendo Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais, em Jogadores da Categoria Amador Adulta

Variável Critério	Preditor	R ²	β	R ² do modelo
Grau de Estabilidade	Nível de competência percebido	0,11**	0,33	
Controle pessoal		0,06*	0,24	
Nível de competência percebido	Grau de estabilidade	0,11**	0,32	0,11**

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

Na Tabela 29 é possível verificar que independente do nível de competência, sentimentos com conotação positiva apresentaram maiores médias e ocuparam a parte superior da tabela, enquanto aqueles com conotação negativa tiveram médias menores e se alocaram na sua parte inferior. Como exemplo, para atribuições internas, estáveis e controláveis à maior competência, os sentimentos com maiores médias foram confiante, capaz e vitorioso. Para atribuições externas, instáveis e controláveis à menor competência foram capaz, tranquilo e seguro.

Tabela 29

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Sentimentos de Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta, Conforme o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência

Sentimentos	Maior Competência (Causa Interna- Estável-Controlável)		Menor Competência (Causa Externa- Instável-Controlável)		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Confiante	9,35	(0,97)	8,33	(1,18)	1,45	(n.s.)
Capaz	9,10	(1,24)	9,50	(0,86)	- 1,66	(n.s.)
Vitorioso	8,94	(1,59)	8,70	(1,29)	- 0,72	(n.s.)
Tranquilo	8,88	(1,79)	9,17	(1,34)	- 0,82	(n.s.)
Competente	8,81	(1,23)	8,33	(1,18)	1,71	(n.s.)
Seguro	8,58	(1,89)	8,97	(1,16)	- 0,99	(n.s.)
Agradecido	8,44	(2,25)	8,59	(2,16)	- 0,29	(n.s.)
Motivado	8,42	(2,14)	8,93	(1,66)	- 1,19	(n.s.)
Realizado	7,54	(2,40)	7,20	(2,14)	0,65	(n.s.)
Orgulhoso	7,35	(2,82)	8,70	(1,98)	- 2,28	(0,020)
Recompensado	7,29	(2,22)	7,43	(1,94)	- 0,30	(n.s.)
Conformado	7,25	(2,29)	6,60	(2,40)	1,18	(n.s.)
Aliviado	7,02	(2,24)	7,07	(2,26)	- 0,09	(n.s.)
Relaxado	6,17	(3,33)	5,77	(3,40)	0,51	(n.s.)
Surpreso	6,04	(2,60)	5,63	(2,65)	0,67	(n.s.)
Arrependido	4,73	(3,50)	4,00	(2,26)	0,92	(n.s.)
Cansado	4,67	(3,14)	5,27	(2,72)	- 0,89	(n.s.)
Deprimido	3,90	(2,95)	2,50	(2,01)	2,27	(0,030)
Angustiado	3,81	(2,69)	2,27	(1,87)	2,75	(0,007)
Com raiva	3,77	(2,95)	3,20	(2,67)	0,88	(n.s.)
Frustrado	3,69	(2,87)	2,63	(1,96)	1,76	(n.s.)
Desanimado	3,27	(3,08)	2,57	(2,36)	1,07	(n.s.)
Culpado	3,23	(2,98)	2,40	(2,76)	1,25	(n.s.)
Envergonhado	3,15	(2,63)	1,97	(2,20)	2,04	(0,040)
Revoltado	3,13	(2,60)	2,23	(2,22)	1,61	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Por sua vez, os sentimentos com menores médias para atribuições internas, estáveis e controláveis à maior competência foram revoltado, envergonhado e culpado. Para atribuições externas, instáveis e controláveis à menor competência foram envergonhado, revoltado e culpado.

Observando novamente a Tabela 29 é possível ver que atribuições do tipo externa-instável-controlável à “menor competência” têm muitos dos sentimentos positivos com médias maiores e a maioria dos sentimentos negativos com médias menores, se comparadas com o tipo interna-estável-controlável ao maior nível de competência.

No entanto, o teste t de Student indicou que dos 25 sentimentos listados no roteiro de entrevista e medidos a partir das dimensões da causa atribuída, apenas quatro apresentaram diferenças significativas. Aqueles atletas que fizeram atribuições do tipo interna-estável-controlável à “maior competência”, parecem se sentir significativamente menos orgulhosos que aqueles que fizeram atribuições do tipo externa-instável-controlável à “menor competência”. Os resultados indicaram também que parecem se sentir mais deprimidos, angustiados e envergonhados (Tabela 29).

De forma geral, conforme mostra a Tabela 30, jogadores que fizeram atribuições a causas do tipo interna-estável-controlável à “maior competência” apresentaram médias mais elevadas em relação às expectativas de competência futura e profissionalismo que aqueles que fizeram atribuições a causas do tipo externa-instável-controlável para a “menor competência”. Além disso, apresentaram menor média quando questionados sobre o quanto se importariam caso não viessem a ser profissionais, e maior média sobre o quanto se importariam se não alcançassem o sucesso em caso de profissionalismo.

Acontece, porém, que o teste t de Student indicou que nenhuma dessas diferenças é significativa. Desta forma, as expectativas dos futebolistas dessa amostra parecem as mesmas, independente do nível de competência percebido. Analisando as médias da tabela 30, ambos

os grupos parecem sustentar expectativas de que serão jogadores com elevado nível de competência em 1 mês, mas parecem acreditar numa diminuição desse nível em 1 ano e mais ainda em 5 anos.

Mais que isso, ao utilizar o coeficiente de correlação de Pearson, foram encontradas correlações positivas entre as expectativas de nível de competência futuras. Quanto menor a expectativa de nível de competência em 1 mês, menor a mesma expectativa em 1 ano ($r = 0,41$; $p < 0,001$) e em 5 anos ($r = 0,36$; $p < 0,001$). Da mesma forma, quanto menor a expectativa de competência em 1 ano, menor em 5 anos ($r = 0,78$; $p < 0,001$).

Somado a isso, os atletas dessa amostra parecem nutrir expectativas consideravelmente baixas quanto ao profissionalismo. O mesmo acontece em relação a expectativas de sucesso no profissionalismo, que apresenta médias ainda menores. Por sua vez, quando questionados sobre o quanto se importariam caso realmente nunca chegassem ao profissionalismo e ao sucesso como profissional, foram também apresentadas médias bastante baixas (Tabela 30).

E mais, os coeficientes de correlação de Pearson indicaram correlação positiva apontando que quanto menos o jogador espera ser profissional, menos ele espera que seja com sucesso ($r = 0,81$; $p < 0,001$). Também que quanto menor sua expectativa de profissionalismo, menos ele acredita que ficará desapontado caso isso não ocorra ($r = 0,43$; $p < 0,001$) e que quanto menor a expectativa de sucesso no profissionalismo, menor o desapontamento caso isso não ocorra ($r = 0,40$; $p < 0,001$).

Tabela 30

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Expectativas, de Acordo Com o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Jogadores Amadores Adultos

Expectativas	Maior competência (Causa Interna- Estável-Controlável)		Menor competência (Causa Externa Instável-Controlável)		t	(p)
	M	(DP)	M	(DP)		
Expectativa de competência em 1 mês	8,42	(1,85)	8,37	(1,35)	0,14	(n.s.)
Expectativa de competência em 1 ano	7,88	(2,05)	7,80	(2,16)	0,15	(n.s.)
Expectativa de competência em 5 anos	6,85	(2,45)	6,77	(2,50)	0,15	(n.s.)
Expectativa de profissionalismo	4,77	(3,54)	3,47	(3,20)	1,68	(n.s.)
Não aceitação da impossibilidade de profissionalismo	4,42	(3,26)	4,80	(3,80)	- 0,46	(n.s.)
Expectativa de sucesso no profissionalismo	4,40	(3,32)	3,40	(2,95)	1,38	(n.s.)
Não aceitação da impossibilidade de sucesso no profissionalismo	4,33	(3,38)	3,93	(3,29)	0,52	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Na Tabela 31 é mostrado que, com exceção da variável “disposição para aceitar mais exigência do treinador”, atletas que fizeram atribuições a causas internas, estáveis e controláveis ao maior nível de competência obtiveram médias mais elevadas em relação às disposições para ação, quando comparados àqueles que utilizaram o tipo externa-instável-controlável para justificar a percepção de menor nível. O teste t de Student, porém, também indicou que nenhuma dessas diferenças é significativa. Assim, jogadores de futebol têm a mesma disposição para agir e adquirir novos comportamentos, independente do menor ou maior nível de competência.

Houve correlações significativas entre todas as variáveis que medem disposições para ação em jogadores de futebol da categoria adulta. Os resultados apontaram que, quanto mais o jogador está disposto a se esforçar, mais está disposto a aumentar o tempo de treino ($r = 0,59$; $p < 0,001$), a diminuir o tempo de lazer ($r = 0,43$; $p < 0,001$) e a aceitar que o treinador seja mais exigente com ele ($r = 0,43$; $p < 0,001$).

Os dados mostraram também que, quanto maior a disposição para aumentar o tempo de treino, maior a disposição para diminuir o tempo de lazer ($r = 0,69$; $p < 0,001$) e a aceitar mais exigência do treinador ($r = 0,65$; $p < 0,001$). Por fim, quanto mais disposto a diminuir o tempo de lazer, mais disposto a aceitar que o treinador seja mais exigente ($r = 0,50$; $p < 0,001$).

Tabela 31

Média, Desvio Padrão e Análise da Diferença de Médias de Disposições Para a Ação, Conforme o Tipo de Causa Atribuída ao Nível de Competência por Jogadores da Categoria Amador Adulta

Disposições para a ação	Maior competência (Causa Interna- Estável-Controlável)		Menor competência (Causa Externa- Instável-Controlável)		<i>t</i>	<i>(p)</i>
	<i>M</i>	<i>(DP)</i>	<i>M</i>	<i>(DP)</i>		
Disposição ao esforço	7,65	(3,42)	7,47	(3,08)	0,24	(n.s.)
Disposição ao aumento do tempo de treino	8,02	(2,84)	7,97	(2,67)	0,08	(n.s.)
Disposição para diminuir o tempo de lazer	8,06	(2,54)	7,00	(2,96)	1,63	(n.s.)
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	8,08	(2,80)	8,23	(2,34)	- 0,25	(n.s.)

Nota: n.s.= não significativo

Na Tabela 32 estão listadas as variáveis relativas a sentimentos, expectativas ou disposições para ação que se correlacionaram significativamente com alguma das três dimensões causais: *locus* da causalidade, grau de estabilidade e controlabilidade pessoal.

O coeficiente de correlação de Pearson indicou que quanto mais interna a causa atribuída pelo futebolista, maiores os sentimentos de alívio e surpresa e maior sua disposição para diminuir o tempo de lazer.

Quanto mais estável a causa é percebida maiores os sentimentos de competência, vitória, alívio, segurança, surpresa e motivação. Maiores também as expectativas de nível de competência em 1 ano, de profissionalismo, de sucesso no profissionalismo e mais o jogador

parece disposto a se esforçar, a aumentar o tempo de treino, a diminuir o tempo de lazer e a aceitar que o treinador seja mais exigente com ele.

Por fim, quanto mais pessoalmente controlável a causa é percebida pelo atleta, maior seu sentimento de capacidade, menor seu sentimento de cansaço, maiores suas expectativas de nível de competência em 1 mês, 1 ano e 5 anos e maior sua disposição para aceitar que o treinador seja mais exigente com ele.

Tabela 32

Coefficientes de Correlação de Pearson (r de Pearson) Significativos Entre as Dimensões da Causa Atribuída e Antecedentes Atribuicionais, Sentimentos, Expectativas e Disposições Para a Ação em Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta

Variáveis	Locus da causalidade	Grau de estabilidade	Controle pessoal
Sentimento: competente	-	0,35**	-
Sentimento: vitorioso	-	0,31**	-
Sentimento: aliviado	0,27*	0,30**	-
Sentimento: capaz	-	-	0,37***
Sentimento: seguro	-	0,25*	-
Sentimento: surpreso	0,28*	0,30**	-
Sentimento: cansado	-	-	-0,36***
Sentimento: motivado	-	0,26*	-
Expectativa de nível de competência em 1 mês	-	-	0,34**
Expectativa de nível de competência em 1 ano	-	0,25*	0,29**
Expectativa de nível de competência em 5 anos	-	-	0,33**
Expectativa de profissionalismo	-	0,28*	-
Expectativa de sucesso no profissionalismo	-	0,29**	-

(tabela continua)

Tabela 32 (continuação)

Coefficientes de Correlação de Pearson (r de Pearson) Significativos Entre as Dimensões da Causa Atribuída e Antecedentes Atribuicionais, Sentimentos, Expectativas e Disposições Para a Ação em Jogadores de Futebol da Categoria Amador Adulta

Variáveis	Locus da causalidade	Grau de estabilidade	Controle pessoal
Disposição ao aumento do tempo de treino	-	0,36***	-
Disposição para diminuir tempo de lazer	0,28*	0,30**	-
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	-	0,25*	0,23*

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

A partir das correlações significativas apresentadas na Tabela 32 foram realizadas análises de regressão para verificar o quanto as dimensões atribucionais explicam sentimentos, expectativas e disposições para ação em jogadores de futebol da categoria amador adulta.

Em relação às emoções, como mostra a Tabela 33, o grau de estabilidade explica os sentimentos: competente ($R^2 = 0,12$; $F (1, 76) = 10,31$; $p < 0,01$; $\beta = 0,35$) ; vitorioso ($R^2 = 0,10$; $F (1, 76) = 8,04$; $p < 0,01$; $\beta = 0,31$); aliviado ($R^2 = 0,09$; $F (1, 76) = 7,10$; $p < 0,01$; $\beta = 0,30$) ; seguro ($R^2 = 0,06$; $F (1, 76) = 4,98$; $p < 0,05$; $\beta = 0,25$) e motivado ($R^2 = 0,07$; $F (1, 76) = 5,60$; $p < 0,05$; $\beta = 0,26$). Já o controle pessoal explica o sentimento “capaz” ($R^2 = 0,14$; $F (1, 76) = 11,84$; $p < 0,001$; $\beta = 0,37$).

O sentimento “surpreso” tem 19% de sua variância explicada pelas três dimensões atribucionais ($R^2 = 0,19$; $F (3, 74) = 5,81$; $p < 0,001$). O grau de estabilidade é responsável

por 8% da predição ($R^2 = 0,08$; $F (1, 76) = 7,10$; $p < 0,01$; $\beta = 0,28$), o controle pessoal por 5% ($R^2 = 0,05$; $F (1, 75) = 4,10$; $p < 0,05$; $\beta = - 0,27$) e o *locus* da causalidade por 6% ($R^2 = 0,06$; $F (1, 74) = 5,29$; $p < 0,05$; $\beta = 0,26$).

O sentimento “cansado” é explicado por duas dimensões atribucionais ($R^2 = 0,19$; $F (2, 75) = 8,93$; $p < 0,001$): o controle pessoal ($R^2 = 0,13$; $F (1, 76) = 11,12$; $p < 0,001$; $\beta = - 0,42$) e o *locus* da causalidade ($R^2 = 0,06$; $F (1, 75) = 6,00$; $p < 0,05$; $\beta = 0,26$).

Quanto às expectativas e disposições para a ação, a Tabela 34 mostra que a dimensão controle pessoal prediz 12% da expectativa de nível de competência em 1 mês ($R^2 = 0,12$; $F (1, 76) = 10,07$; $p < 0,01$; $\beta = 0,34$) , 9% da expectativa de nível de competência em 1 ano ($R^2 = 0,09$; $F (1, 76) = 7,08$; $p < 0,01$; $\beta = 0,29$) e 11% da expectativa de nível de competência em 5 anos ($R^2 = 0,11$; $F (1, 76) = 9,10$; $p < 0,01$; $\beta = 0,33$).

Já o grau de estabilidade explica 8% da variância total da expectativa de profissionalismo ($R^2 = 0,08$; $F (1, 76) = 6,40$; $p < 0,05$; $\beta = 0,28$) e também 8% da variância total da expectativa de sucesso no profissionalismo ($R^2 = 0,08$; $F (1, 76) = 6,73$; $p < 0,05$; $\beta = 0,28$).

O grau de estabilidade também explica 13% da variância total da disposição para aumentar o tempo de treino ($R^2 = 0,13$; $F (1, 76) = 11,52$; $p < 0,001$; $\beta = 0,36$), 9% da disposição para diminuir o tempo de lazer ($R^2 = 0,09$; $F (1, 76) = 7,70$; $p < 0,01$; $\beta = 0,30$) e 6% da disposição para aceitar mais exigência do treinador ($R^2 = 0,06$; $F (1, 76) = 5,06$; $p < 0,05$; $\beta = 0,25$).

Tabela 33

Resumo Das Análises de Regressão Múltipla Stepwise Tendo Diversos Sentimentos como Variáveis Critério e Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais em Atletas da Categoria Amador Adulta

Variável Critério	Preditor(es)	R ²	β	R ² do modelo
Competente	Grau de estabilidade	0,12**	0,35	0,12**
Vitorioso	Grau de estabilidade	0,10**	0,31	0,10**
Aliviado	Grau de estabilidade	0,09**	0,29	0,09**
Capaz	Controle pessoal	0,14***	0,37	0,14***
Seguro	Grau de estabilidade	0,06*	0,25	0,06*
Surpreso	Grau de estabilidade	0,08**	0,28	0,19***
	Controle pessoal	0,05*	-0,27	
	Locus da Causalidade	0,06*	0,26	
Cansado	Controle pessoal	0,13***	-0,42	0,19***
	Locus da causalidade	0,06*	0,26	
Motivado	Grau de estabilidade	0,07*	0,26	0,07*

Nota: * p< 0,05 ** p<0,01 ***p<0,001

Tabela 34

Resumo Das Análises de Regressão Múltipla Stepwise Tendo Diversas Expectativas e Disposições Para Ação como Variáveis Critério e Como Preditores as Três Dimensões Atribucionais em Atletas da Categoria Amador Adulta

Variável Critério	Preditor	R ²	β	R ² do modelo
Expectativa de nível de competência em 1 mês	Controle pessoal	0,12**	0,34	0,12**
Expectativa de nível de competência em 1 ano	Controle pessoal	0,09**	0,29	0,09**
Expectativa de nível de competência em 5 anos	Controle pessoal	0,11**	0,33	0,11**
Expectativa de profissionalismo	Grau de estabilidade	0,08*	0,28	0,08*
Expectativa de sucesso no profissionalismo	Grau de estabilidade	0,08*	0,28	0,08*
Disposição ao aumento do tempo de treino	Grau de estabilidade	0,13***	0,36	0,13***
Disposição para diminuir tempo de lazer	Grau de estabilidade	0,09**	0,30	0,09**
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	Grau de estabilidade	0,06*	0,25	0,06*

Nota: * p< 0,05 ** p<0,01 ***p<0,001

8.3. Resultados significativos quando são comparados jogadores juniores e adultos

Todas as variáveis do estudo foram comparadas entre as categorias juniores e adulta, divididas de acordo com os dois tipos de combinação das dimensões da causa atribuída. Desta forma, o que a tabela 35 mostra são as variáveis em que houve diferenças significativas entre jogadores juniores e adultos que fizeram atribuições internas, estáveis e controláveis à maior percepção de competência. Em relação aos sentimentos, foi encontrada diferença significativa apenas na variável ‘raiva’. Atletas juniores tiveram média mais elevada nessa variável que adultos.

Quanto às variáveis de expectativa e disposição para ação, houve diferenças significativas entre juniores e adultos na maior parte delas. De forma geral, o que a tabela 35 mostra é que jogadores juniores tiveram médias mais elevadas nessas variáveis que atletas adultos, ou seja, parecem ter maiores expectativas e mais disposição para agir visando maiores níveis de competência.

Especificamente, jogadores juniores de futebol que fizeram atribuições internas, estáveis e controláveis à “maior competência” parecem ter mais expectativas de que serão mais competentes em um e em cinco anos, de que serão profissionais e profissionais de sucesso e também parecem se importar mais caso não cheguem a alcançar o profissionalismo. Além disso, também parecem mais dispostos a se esforçarem mais, a diminuir o tempo de lazer e a aceitar que o treinador seja mais exigente com eles caso isso leve a um nível mais elevado de competência (Tabela 35).

Tabela 35

Variáveis com médias significativamente diferentes, de acordo com o teste t de Student, entre jogadores juniores e adultos que fizeram atribuições internas, estáveis e controláveis ao maior nível de competência

Variáveis	Juniões		Adultos		t	(p)
	M	(DP)	M	(DP)		
Sentimento: raiva	5,12	(3,34)	3,77	(2,95)	2,12	(0,037)
Expectativa de competência em 1 ano	8,94	(1,41)	7,88	(2,05)	3,00	(0,004)
Expectativa de competência em 5 anos	9,00	(1,72)	6,85	(2,45)	5,02	(0,001)
Expectativa de profissionalismo	7,37	(2,89)	4,77	(3,54)	3,99	(0,001)
Não aceitação da impossibilidade de profissionalismo	6,06	(3,63)	4,42	(3,26)	2,36	(0,020)
Expectativa de sucesso no profissionalismo	7,22	(2,61)	4,40	(3,32)	4,67	(0,001)
Disposição ao esforço	9,41	(1,56)	7,65	(3,42)	3,27	(0,002)
Disposição para diminuir o tempo de lazer	9,24	(1,63)	8,06	(2,54)	2,72	(0,008)
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	9,35	(1,66)	8,08	(2,80)	2,72	(0,008)

Na Tabela 36 estão representadas as variáveis em que houve diferenças significativas entre jogadores de futebol das categorias júnior e adulta que fizeram atribuições externas, instáveis e controláveis ao menor nível de competência percebido. A primeira da lista, “dedicação ao futebol”, teve média significativamente mais elevada para jogadores juniores que para adultos, o que permite supor que eles acreditam ter mais dedicação ao esporte que os da categoria adulta.

Jogadores adultos, quando comparados a juniores, apresentaram médias mais elevadas em sentimentos com conotação positiva e menos elevadas naqueles com conotação negativa. Parecem se sentir mais recompensados, orgulhosos, capazes e seguros e menos frustrados, deprimidos, angustiados, revoltados e envergonhados (Tabela 36).

Também foram encontradas diferenças significativas na maior parte das variáveis ligadas a expectativas e disposições para agir. De forma geral, jogadores juniores tiveram médias mais elevadas nessas variáveis que atletas adultos, o que indica maiores expectativas e maior disposição para buscar um alto nível de competência.

Ainda como mostra a Tabela 36, atletas juniores parecem ter maiores expectativas de que serão mais competentes em 1 e em 5 anos, de que serão profissionais e profissionais de sucesso e também parecem se importar mais caso não cheguem a alcançar o sucesso no profissionalismo. Além disso, parecem mais dispostos a se esforçar mais, a diminuir o tempo de lazer e a aceitar que o treinador seja mais exigente com eles que jogadores adultos.

Tabela 36

Variáveis Com Médias Significativamente Diferentes, de Acordo Com o Teste t de Student, Entre Jogadores Juniores e Adultos Que Fizeram Atribuições Externas, Instáveis e Controláveis Ao Nível de Competência

Variáveis	Juniões		Adultos		t	(p)
	M	(DP)	M	(DP)		
Dedicação ao futebol	8,75	(1,86)	6,63	(2,38)	4,63	(0,001)
Sentimento:recompensado	6,40	(2,44)	7,43	(1,94)	- 2,02	(0,046)
Sentimento: orgulhoso	7,47	(2,48)	8,70	(1,98)	- 2,37	(0,020)
Sentimento: frustrado	3,78	(2,89)	2,93	(1,96)	2,22	(0,029)
Sentimento: capaz	8,90	(1,14)	9,50	(0,86)	- 2,78	(0,007)
Sentimento: deprimido	3,53	(2,67)	2,50	(2,01)	2,05	(0,044)
Sentimento: angustiado	3,82	(2,68)	2,27	(1,87)	3,18	(0,002)
Sentimento: revoltado	3,83	(3,19)	2,23	(2,22)	2,76	(0,007)
Sentimento: seguro	8,28	(1,80)	8,97	(1,16)	- 2,17	(0,033)
Sentimento:envergonhado	3,17	(2,58)	1,97	(2,20)	2,30	(0,025)
Expectativa de competência em 1 ano	8,87	(1,44)	7,80	(2,16)	2,45	(0,019)
Expectativa de competência em 5 anos	8,65	(1,86)	6,77	(2,50)	3,65	(0,001)
Expectativa de profissionalismo	6,70	(2,87)	3,47	(3,20)	4,84	(0,001)
Expectativa de sucesso no profissionalismo	6,40	(2,66)	3,40	(2,95)	4,86	(0,001)

(tabela continua)

Tabela 36 (continuação)

Variáveis Com Médias Significativamente Diferentes, de Acordo Com o Teste t de Student, Entre Jogadores Juniores e Adultos Que Fizeram Atribuições Mais Externas, Instáveis e Controláveis Ao Nível de Competência

Variáveis	Juniões		Adultos		<i>t</i>	(<i>p</i>)
	<i>M</i>	(<i>DP</i>)	<i>M</i>	(<i>DP</i>)		
Não aceitação da impossibilidade de sucesso no profissionalismo	6,03	(3,29)	3,93	(3,29)	2,85	(0,005)
Disposição ao esforço	9,07	(2,16)	7,47	(3,08)	2,55	(0,014)
Disposição para diminuir o tempo de lazer	8,92	(1,30)	7,00	(2,96)	3,38	(0,002)
Disposição para aceitar mais exigência do treinador	9,39	(1,16)	8,23	(2,34)	2,55	(0,015)

9. DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 189 jogadores de futebol, sendo 111 da categoria júnior e 78 da categoria amador adulta. Um primeiro fato que chamou a atenção foi que desse total, apenas 48,15% conseguiu completar o ensino médio e só 12,17 % continua estudando, cursando o ensino superior e buscando uma formação melhor. Mais preocupante ainda é observar que outros 39,68% sequer terminou o ensino médio, formação considerada mínima nos dias de hoje.

Esse resultado está longe de ser novidade ou surpresa. Suárez (2008) relata que em média 50% dos jovens jogadores de futebol abandonam seus estudos para se dedicarem ao esporte. Quanto maior o nível de escolaridade, menor a quantidade de atletas presente. Outros tantos continuam estudando, mas com a crença de que certamente irão alcançar o profissionalismo acabam demonstrando pouco empenho e interesse nas aulas.

Muitas vezes o próprio ambiente onde o atleta está inserido acaba pressionando para que ele escolha entre o futebol e os estudos. Daqueles que optam pelo futebol, poucos são os que conseguem chegar ao futebol profissional e menos ainda os que conseguem o sucesso e a estabilidade financeira desejadas. Sendo assim, o que acontece é que a maioria acaba sem clube e sem emprego no futebol. Como não terminaram ou se dedicaram pouco aos estudos, também não estão preparados para trabalhar, não têm outra formação profissional e acabam tendo grande dificuldade de se adequarem ao mercado de trabalho, o que gera grande frustração e muitas vezes sintomas de depressão (Suárez, 2008).

Seria importante que os clubes encontrassem meios de estimular, ou ao menos não desencorajar, o estudo dos atletas. Quanto ao papel da Psicologia, talvez ela possa buscar meios de educá-los, no sentido de desenvolver suas habilidades psicológicas, preparando-os para lidar e enfrentar tanto os momentos de sucesso quanto situações de insucesso.

Dentro dessa perspectiva foi desenvolvido o presente estudo. Entender as causas que jogadores de futebol acreditam ser responsáveis por seu maior ou menor nível de competência no futebol (o que de certa forma equivale à sua percepção de sucesso ou insucesso no esporte), pode ajudar a elaborar uma preparação mais adequada e específica para os atletas.

Neste estudo a amostra de juniores teve tantos jogadores que acreditam ter grande nível de competência quantos que acreditam ter um nível menor de competência. Já para a amostra de atletas adultos, foi significativamente maior o número de atletas que se perceberam com maior nível de competência.

Uma possível explicação para tal diferença, embasada pelas atribuições de causa que se seguiram, é que embora muitos atletas juniores acreditem ter potencial, muitos outros têm a crença de que são jovens, não estão totalmente formados e ainda têm muito a aprender, avaliando-se por isso com um nível mais baixo de competência. Já atletas da categoria adulta têm possibilidade de fazer uma avaliação mais definitiva da sua carreira e diante disso a maioria acredita ter elevado nível de competência. A maior parte parece acreditar, portanto, que são bons jogadores, mesmo atuando em equipes amadoras e com pouco reconhecimento.

Os grupos “maior” e “menor” nível de competência percebido foram assim divididos através de uma análise temática das respostas dos atletas à pergunta em que deveriam justificar ou explicar a nota dada a si mesmos como jogadores de futebol. Após essa divisão foi testado e verificado que, tanto em juniores quanto em adultos, os atletas com maior nível de competência percebido dão a si mesmos uma nota significativamente superior àquela dada por jogadores que creem ter menor nível de competência. Como era esperado, jogadores com “maior competência” acreditam serem jogadores melhores, quando comparados àqueles com “menor competência”.

As causas utilizadas tanto por jogadores juniores quanto adultos para explicar a “maior competência” foram habilidade (presença de características positivas gerais ou específicas) e

esforço (dispendido durante treinos, jogos ou no dia-a-dia, na vida pessoal). Resumindo, é como se dissessem que são bons porque têm alguma capacidade ou porque se empenham.

Já a “menor competência” foi justificada por atletas juniores e adultos através de três fatores: falta de habilidade (ausência geral ou específica de características positivas), falta de esforço ou fatores externos que interferem e impedem que os jogadores alcancem um maior nível de competência.

Roberts e Pascuzzi (1979) relataram que esforço e principalmente habilidade eram algumas das causas mais utilizadas em contexto esportivo, tanto que Scanlan e Passer (1980) e Yukelson, Weinberg, West e Jackson (1981) trabalharam com as duas causas em seus estudos. Já as causas externas, como apareceu neste estudo para justificar a “menor competência”, não foi relatada em pesquisas anteriores. Provavelmente porque este tipo de investigação, apenas com as causas, foi deixada de lado quando descobriu-se que as suas dimensões são mediadores (entre percepção da situação e comportamento) mais importantes que a causa em si.

Apesar das causas terem sido semelhantes, existiram diferenças cruciais na percepção de atletas juniores e adultos. Para os mais jovens as respostas relativas à falta de habilidade ou de características positivas estiveram relacionadas à pouca idade dos atletas, que por serem muito novos ainda não estão formados, têm muito a aprender. A crença parece ter sido de que as habilidades que faltam virão naturalmente, com o tempo. Para jogadores adultos estão mais relacionadas a uma real limitação e mesmo falta de habilidade geral ou de características específicas que atrapalham seu desempenho nas atividades futebolísticas.

Já a falta de esforço parece ser para os mais jovens uma atribuição à carga de treinamento a que são submetidos: treinam muito pouco ou sequer treinam, não por falta de vontade, mas porque é assim que funciona seu clube e todas as equipes da categoria júnior. Parece também existir a crença de que precisam treinar mais e mais para serem mais

competentes, mas o clube não proporciona treinamento suficiente. Para os jogadores adultos, a falta de esforço figura como uma real falta de empenho pessoal nas atividades necessárias a um nível maior de competência.

Por fim, para atletas da categoria júnior, a atribuição a fatores externos aparentemente está relacionada à falta de estrutura do time e refere-se a dificuldades (geralmente financeiras) que o clube enfrenta e que leva à impossibilidade de investir em aspectos que dariam um maior nível de competência ao atleta, como por exemplo, bons equipamentos e locais para treino ou equipe de profissionais qualificados.

Em outras palavras, o jogador acredita que não é bom porque a equipe em que joga não lhe dá condições. Difere-se da atribuição à falta de esforço anterior porque naquele caso a falta de treinos não representa falta de estrutura, mas o modo normal de funcionamento de todos os clubes da categoria júnior. Neste caso, há percepção de que em outras equipes a estrutura é diferente e em muitas delas, melhor.

Para atletas adultos, os fatores externos estão relacionados a características particulares da categoria amadora, especificamente ao fato de que jogar o futebol amador não gera renda mensal fixa, sendo preciso ter outro trabalho, o que impossibilita dedicação exclusiva ao esporte e faz com que sobre pouco ou nenhum tempo para treinamentos. Devido a isso os atletas não conseguem alcançar níveis maiores de competência.

São inúmeros os antecedentes responsáveis por influenciar a causa atribuída e suas dimensões, sendo impossível estabelecer uma lista completa deles (Weiner, 1985). Talvez por essa dificuldade, não foram encontrados estudos que se propuseram a estudar tais variáveis.

Ainda assim, este estudo buscou investigar alguns deles e em relação àqueles que foram investigados foi encontrado que tanto atletas juniores com “maior competência” quanto aqueles com “menor competência” acreditam no mesmo respeito à profissão, acreditam que outras pessoas avaliam sua competência de forma semelhante, dizem se dedicar na mesma

proporção ao futebol e avaliam igualmente a melhor, a pior, e a atual equipe em que jogam. Portanto, não houve nenhuma diferença significativa nos antecedentes atribucionais de juniores com “maior” e “menor” competência.

Por sua vez, jogadores adultos com “maior competência” acreditam que são mais dedicados ao esporte e que outras pessoas os veem como mais competentes, quando comparados com aqueles que se veem com “menor competência”. Uma hipótese é que atletas adultos, por terem maior experiência e maturidade, têm maior capacidade que atletas mais novos para avaliarem as informações de sua situação no futebol e assim se compararem com seus companheiros de esporte.

Ainda em relação aos antecedentes atribucionais, uma outra informação encontrada mostrou que adultos dizem se dedicar menos ao esporte que juniores. Aqui, a explicação mais plausível talvez seja a de que atletas juniores visam o profissionalismo e por isso têm realmente que se dedicar mais ao esporte do que adultos amadores, caso queiram alcançar seu objetivo. Estes não parecem ter o profissionalismo como a grande meta a ser alcançada e mais que isso, como não são profissionais precisam ter outras profissões, não podendo dedicar-se com a mesma intensidade. Uma hipótese, e até mesmo agenda de pesquisa, é que se as perguntas fossem feitas para atletas adultos, porém profissionais, tal diferença não seria significativa.

Apesar das diferenças encontradas nos antecedentes atribucionais, os resultados encontrados para as dimensões das causas atribuídas foram semelhantes para jogadores juniores e adultos. Em ambos, aqueles com “maior competência” fizeram atribuições mais internas e mais estáveis quando comparados com aqueles com “menor competência”. Não houve diferenças para a dimensão controle pessoal, apesar do nível de significância ter ficado próximo ao convencionalmente aceito.

Assim, jogadores juniores e adultos dessa amostra fizeram atribuições a causas do tipo interna, estável e controlável para o maior nível de competência percebido. Atletas com “menor competência” efetuaram atribuições a causas do tipo mais externas, mais instáveis e também passíveis de controle pessoal, quando comparados às atribuições do grupo com “maior competência”.

Ambas podem ser consideradas o que a literatura (Rodrigues, 2007) nomeia como atribuições otimistas, já que no primeiro caso permitem que sentimentos positivos, boas expectativas e disposições sejam mantidos elevados e no segundo caso não deixam que sentimentos negativos, baixas expectativas e pouca disposição para ação sejam instaladas.

Russell (1982), McAuley e Gross (1983), McAuley (1985), Weiss, McAuley, Ebbeck e Wiese (1990), Benck (2002), Ventura e Sousa (2003) e Sousa, Rosado e Cabrita (2008) relataram dados semelhantes. Todos encontraram que situações ou resultados positivos em tarefas esportivas foram avaliados como mais internos, estáveis e controláveis quando comparados a situações ou eventos negativos, avaliados portanto, como mais externos, instáveis e incontroláveis.

Fullin e Mills (1995) encontraram que atletas habilidosos com histórico de sucesso fizeram atribuições mais internas e estáveis que aqueles menos habilidosos. Mark, Mutrie, Brooks e Harris (1984) verificaram em dois estudos que vencedores de partidas de squash utilizavam causas mais estáveis e controláveis (mas não mais internas) para explicar suas vitórias e mais instáveis e incontroláveis (mas não mais externas) para justificar suas derrotas. Santamaria e Furst (1994) descobriram que melhores resultados de corredores de longa distância foram atribuídos a causas mais internas e controláveis (mas não mais estáveis) que os piores resultados obtidos.

Os resultados relativos à diferença no *locus* da causalidade parecem comprovar o egotismo atribucional, uma tendência à proteção dos sentimentos através da admissão de que

apenas o que é bom está relacionado ao indivíduo, no caso o atleta. O que não é bom seria resultado de causas externas. Ball (1976) relatou essa tendência, especificamente em contexto esportivo.

Para a estabilidade, a diferença encontrada também está de acordo com a maior parte dos resultados de pesquisas que acabaram de ser apresentados. Para Weiner (1985), acreditar que resultados positivos são estáveis manteria as expectativas elevadas e acreditar que resultados negativos são instáveis implicaria na possibilidade de serem modificados.

Uma possível explicação para o fato de não ter sido encontrada diferença em relação ao controle pessoal pode ser o fato de que neste estudo as causas eram atribuídas ao nível de competência global no futebol (algo que o indivíduo carrega o tempo todo) e não a resultado específico em alguma tarefa de realização que acabara de ocorrer, como nas pesquisas relatadas. Para Santamaria e Furst (1994) a maioria das pesquisas sobre atribuição no esporte utilizou tarefas de realização, nas quais os indivíduos avaliavam se obtiveram sucesso ou insucesso após o cumprimento da tarefa.

Desta forma, acabaria sendo disfuncional admitir que a causa de um resultado negativo em uma tarefa de realização que acabou de acontecer poderia ter sido pessoalmente controlável, uma vez que isso poderia diminuir sentimentos positivos, expectativas e motivação. Já afirmar que ela é incontrolável pode ser mais funcional e evitar que sentimentos, expectativas e motivação sejam abalados.

Assim, como aconteceu neste estudo com as amostras de jogadores de futebol juniores e adultos, admitir que a causa do menor nível de competência está sob controle pessoal parece ser mais funcional do que acreditar que elas são incontroláveis. Isso se explica pelo fato de que é melhor para o jogador acreditar que se ele quiser pode fazer algo para mudar a situação e buscar maior nível de competência no futuro, ao invés de crer que ele não pode fazer nada para ser um jogador melhor. Essa última opção pode levar a um estado chamado ‘desamparo

aprendido', no qual o indivíduo, ao perceber não ter controle sobre a situação aversiva, acaba desistindo de tentar mudá-la. Rodrigues (2007) escreveu sobre isso:

Uma pessoa que fracassa e atribui seu fracasso a algo interno, estável e incontrolável certamente tenderá a sentir-se deprimido e a esperar que tal situação se repita no futuro. Esse estado de coisas levará a pessoa a aceitar o fracasso, resignar-se e não procurar superar o problema. Já outra que atribua seus fracassos a causas externas, instáveis e controláveis poderá sentir-se triste, porém terá expectativas de que as coisas mudarão no futuro, já que as causas do evento negativo não são imutáveis e podem ser controladas. Percebendo seu fracasso dessa maneira, tal pessoa será motivada a continuar se esforçando, esperando que dias melhores certamente virão. (p.214).

Estudos como os de Rudisill e Singer (1988); Rudisill (1989); Orbach, Singer e Murphey (1997); Orbach, Singer e Price (1999) e Martin-Krumm, Sarrazin, Peterson e Famose (2003) relatam que atribuições instáveis e controláveis ao insucesso se mostraram mais funcionais, levando a melhores sentimentos, expectativas e desempenho. Outros como Miserandino (1998), Le Foll, Rascle e Higgins (2006), Rascle, Le Foll e Higgins (2008), Le Foll, Rascle e Higgins (2008) entre outros objetivos, apontaram a importância de utilizar causas pessoalmente controláveis diante do insucesso ou de alguma avaliação negativa. Rees, Ingledew e Hardy (2005) afirmam que em contexto esportivo, a dimensão controle pessoal é a mais importante para os sentimentos, expectativas e desempenho dos atletas.

Outro importante resultado encontrado no presente estudo indica que para atletas juniores, quanto maior o nível de competência percebido, maior a internalidade, a estabilidade e o controle pessoal. Em jogadores adultos essas relações foram encontradas apenas em relação ao grau de estabilidade e ao controle pessoal. Ainda que moderadas, quase todas as

correlações foram significativas, o que demonstra que o nível de competência está ligado de alguma forma às atribuições que os atletas fazem.

Como de fato ficou comprovado, quando as análises de regressão mostraram que em juniores o nível de competência percebido é preditor significativo de 4% a 11% das três dimensões atribucionais e é previsto em 4% pelo grau de estabilidade e em 11% pelo controle pessoal. Em adultos o nível de competência percebido é preditor significativo de 6% do grau de estabilidade e 11% do controle pessoal e é previsto em 11% pelo grau de estabilidade.

Resultado semelhante foi encontrado por McAuley (1985). O autor descobriu que as três dimensões da causa foram capazes de explicar entre 5% e 18% da variância do nível de sucesso percebido por 52 ginastas, em quatro provas do esporte, durante uma série de eventos. A estabilidade foi responsável por explicar o nível de sucesso percebido nas quatro provas, sendo que em uma delas a controlabilidade também participou significativamente.

Weiss, McAuley, Ebbeck & Wiese (1990) relataram em seu estudo que as três dimensões causais (*locus*, estabilidade e controlabilidade) tiveram 8,29% e 16,4% de sua variância explicada pelo nível de sucesso percebido, em conjunto respectivamente com medidas de auto-estima física e social.

Ainda em relação às dimensões atribucionais, outros resultados merecem destaque. Um deles foi a descoberta de que todas as três dimensões atribucionais (*locus* da causalidade, grau de estabilidade e controle pessoal) estiveram correlacionadas positivamente entre si, sendo que o maior nível encontrado foi entre o *locus* da causalidade e o controle pessoal. Isso corrobora o que Rees, Ingledew e Hardy (2005) já haviam escrito, afirmando que as duas dimensões têm sido frequentemente observadas como estando positivamente associadas, a ponto muitas vezes de não serem facilmente distinguíveis.

De acordo com Weiner, Russell e Lerman (1978) e Dela Coleta e Dela Coleta (2006), o modelo atribucional prevê que as reações emocionais, expectativas e disposições para agir

do indivíduo são influenciadas menos pela causa explicativa em si e mais por suas dimensões. Pensando dessa forma, a combinação do *locus* da causalidade, do grau de estabilidade e da controlabilidade pessoal da causa formam tipos distintos de explicação que influenciarão de diferentes maneiras o modo como a pessoa sente, o que espera da situação no futuro e o quanto se dispõe a agir, visando ser um jogador melhor.

Neste estudo, o grupo de jogadores adultos que atribuiu causas internas, estáveis e controláveis à “maior competência” sentiu-se significativamente menos orgulhoso e com maiores níveis de depressão, angústia e vergonha se comparados àqueles que utilizaram causas externas, instáveis e controláveis para a “menor competência”. Cabe a ressalva de que tais níveis são baixos e não chegam a ser preocupantes (o que sugere a ideia de que o egotismo atribucional e as atribuições otimistas ao menor nível de competência protegem os sentimentos), mas representam importante diferença entre os grupos.

Já em relação aos atletas juniores, os que utilizaram atribuição do tipo interna, estável e controlável para explicar a “maior competência” tiveram de forma geral sentimentos positivos mais elevados que aqueles que utilizaram causas do tipo externa, instável e controlável para a “menor competência”. De forma específica, sentiram-se significativamente mais agradecidos, motivados, recompensados, surpresos e relaxados.

Uma possível explicação para este fato é que a categoria de competição influencia a avaliação dos atletas. É provável que atletas adultos acreditem mesmo que são bons por causas internas, estáveis e controláveis, mas ao avaliarem que não são profissionais e jogam campeonatos amadores, os sentimentos negativos ganham mais força. Nesse caso, o egotismo atribucional e as atribuições otimistas para a menor percepção de competência podem ter protegido as emoções de tal forma que acabaram levando ao estabelecimento de sentimentos melhores que aqueles que tiveram maior percepção de competência.

Para juniores, categoria na qual ainda há a possibilidade de profissionalismo, o tipo de atribuição otimista para a “menor competência” consegue também manter elevado os sentimentos positivos, mas como era esperado, em um nível menor se comparado ao tipo interno, estável e controlável para a “maior competência”.

Este resultado parece de acordo com o indicado por Weiner (2000) que afirmou que diante de uma situação positiva o indivíduo obviamente experimenta sentimentos positivos e diante de uma avaliação negativa de uma situação experimenta sentimentos negativos, a não ser que a atribuição interfira nesse processo e transforme essa realidade.

McAuley, Russell e Gross (1983) não relataram o tipo de atribuição efetuada, mas encontraram que vencedores de partidas de tênis de mesa se sentiram mais satisfeitos, orgulhosos, confiantes e agradecidos após o jogo, em comparação com aqueles que foram derrotados e apresentaram maiores sentimentos de raiva, depressão, incompetência e surpresa, além de uma tendência a se sentirem também mais envergonhados.

Ainda em relação aos sentimentos, foi encontrado que em jogadores juniores o controle pessoal explica entre 5% e 8% da variância dos sentimentos de competência, confiança, capacidade e segurança e o grau de estabilidade explica 5% do sentimento de relaxamento. Para a amostra de adultos, o grau de estabilidade explicou entre 6% e 12% dos sentimentos de competência, vitória, alívio, segurança e motivação. O controle pessoal explicou 14% do sentimento de capacidade e a interação da controlabilidade pessoal e do *locus* da causalidade explicou 19% da variância do sentimento de cansaço. Por fim, o sentimento de surpresa teve 19% de sua variância explicada pela interação do *locus* da causalidade, estabilidade e controle pessoal.

Interessante observar que a maior parte dos sentimentos dos jovens atletas é explicado pela dimensão controle pessoal e dos adultos pelo grau de estabilidade. Para os mais jovens, as emoções resultantes de situações como a indefinição do futuro, a pressão pessoal e ainda as

pressões externas por bom desempenho, profissionalismo e sucesso parecem moduladas pelo quanto o indivíduo acredita ou não ter controle pessoal da causa atribuída e pode ser um reflexo de sua vontade de ter o controle da situação para resolver logo todas essas questões.

Já os adultos estão com sua trajetória no futebol mais consolidada, sabem o que outras pessoas esperam deles e o que podem esperar de si mesmos e do futuro, sofrendo por isso menos pressão e conseguindo manter sentimentos mais positivos que atletas juniores diante de situações adversas. Essa estabilidade pode ser a razão para que esta tenha sido a dimensão mais decisiva na capacidade de influenciar as emoções em adultos.

Assim, o nível de controle pessoal da causa pode ser a chave para entender porque atletas mais novos que atribuíram causas internas, estáveis e controláveis à “maior competência” sentem mais raiva que jogadores mais velhos. Já o grau de estabilidade pode ser a dimensão essencial na modulação dos sentimentos e na explicação de porque jogadores mais velhos que utilizaram causas externas, instáveis e controláveis para justificar a “menor competência” se sentiram mais recompensados, orgulhosos, capazes, seguros e menos frustrados, deprimidos, angustiados, revoltados e envergonhados que os mais novos.

A descoberta de que as dimensões “controle pessoal” e “grau de estabilidade” são as maiores responsáveis por influenciar os sentimentos dos atletas, contraria o postulado geral de Weiner (1985, 2000) de que o *locus* da causalidade seria a dimensão mais ligada aos sentimentos dos indivíduos. Contudo, como o próprio Weiner (1985) admite, tais ligações não são rígidas, podendo haver percepções diferentes. Como de fato ocorreu com os jogadores deste estudo, que fizeram uma relação mais de acordo com o que Rees, Ingledew e Hardy (2005) afirmaram, que, em contexto esportivo, o controle pessoal e a estabilidade são duas dimensões mais significativas que o *locus* da causalidade,.

McAuley, Russell e Gross (1983) também encontraram que, ao invés do *locus* da causalidade, a controlabilidade e a estabilidade foram as dimensões mais importantes para os

sentimentos. Os resultados do estudo mostraram que a combinação das dimensões da causa predizem de 16 a 25% dos sentimentos positivos e de 3,2 a 16,3% dos sentimentos negativos.

De acordo com os autores, a controlabilidade foi dimensão mais importante, ao explicar de 7,6 a 18,8% da variância dos sentimentos de satisfação, orgulho, confiança, gratidão e surpresa, enquanto a estabilidade explicou até 10% e o *locus* no máximo 5% dessas emoções. Para as emoções negativas as dimensões foram menos explicativas dos sentimentos, mas o controle pessoal chegou a 13%, a estabilidade a 2% e o *locus* a 4% de explicação da variância dos sentimentos, com exceção da variável “depressão”, cujo valor chegou a 10%.

Soma-se a tudo isso o fato do *locus* da causalidade ter apresentado no presente estudo o menor índice de correlação com o nível de competência em juniores e não ter apresentado correlação em adultos, o que pode ser um indício de que o indicado por Rees, Ingledew e Hardy (2005) pode ser verdadeiro. Segundo eles, no esporte, a dimensão *locus* da causalidade parece ter uma importância menor que a estabilidade e a controlabilidade.

De acordo com McAuley, Russell e Gross (1983), esta discrepância em relação ao *locus* da causalidade pode ser uma característica do contexto esportivo, já que a maioria dos estudos de Bernard Weiner foi feito em contexto acadêmico. A hipótese é que no esporte, o nível de controle sobre o desempenho é mais valorizado por outras pessoas, que oferecem recompensas e punições ao atleta de acordo com a percepção deste nível.

No futebol, essa ausência da relação da causa com o “eu”, que é o que mede o *locus* da causalidade, parece muito clara. Em entrevistas, é bastante comum ouvir jogadores de futebol dizerem que a equipe, e não ele, jogou bem ou jogou mal e foi responsável pela vitória ou pela derrota. Frases como “A equipe está jogando bem, está conseguindo fazer os gols e isso dá tranquilidade pra trabalhar” ou “Estamos sofrendo gols que não podemos sofrer [por isso estamos mal no campeonato]” mostram isso.

O atleta não fala de si mesmo, ainda que acredite estar sendo o responsável pelo sucesso ou insucesso da equipe. Ele não é estimulado a assumir tal postura, sendo obrigado a sempre dividir os méritos com o restante do time. Essa batalha entre o que pensam e o que devem assumir publicamente pode acabar sendo refletida nas suas atribuições ao nível de competência, fazendo com que o local da causa tenha menor importância que seu grau de controle e estabilidade.

Outra grande questão a ser pensada neste ponto é em relação ao viés do egotismo atribucional. Considerando simplesmente a diferença entre as médias do *locus* da causalidade para os grupos com maior e menor nível de competência percebido, como fizeram diversos estudos anteriores, é possível dizer que ele se confirma. Verificando que o *locus* da causalidade é pouco responsável por influenciar os sentimentos de atletas, a ideia perde força. Como aparentemente nenhum estudo discutiu esse tema, uma possibilidade conciliadora poderia ser a de que mesmo que a influência seja mínima, as diferenças constatadas neste e nos diversos outros estudos existem e são suficientes para que tal tendência seja constatada. Novas pesquisas precisariam, porém, investigar mais a fundo esta questão.

O fato é que jogadores amadores adultos, ao atribuir causas externas, instáveis e controláveis à “menor competência” parecem ter conseguido proteger seus sentimentos, fazendo com que eles acabassem sendo até mais positivos que os daqueles que utilizaram causas internas, estáveis e controláveis para a “maior competência”. Afinal de contas, o fato de não serem tão bons jogadores, de jogarem campeonatos amadores e não profissionais, não têm tanto a ver com eles, pode mudar a qualquer momento, mas está sob controle pessoal. As atribuições otimistas parecem, portanto, ter sido extremamente eficientes.

Aletras juniores também utilizaram atribuições otimistas, atribuindo causas externas, instáveis e controláveis para a “menor competência”, o que permitiu a proteção de seus sentimentos e impediu o surgimento de sentimentos negativos. Tais resultados parecem ser

um indício claro de que atribuições otimistas protegem os sentimentos diante de situações indesejáveis. Contudo, mesmo que o nível dos sentimentos negativos tenha sido baixo, ainda foi maior que aquele apresentado pelo grupo que utilizou causas internas, estáveis e controláveis para a “maior competência”.

Em relação às expectativas de competência futura e profissionalismo tanto atletas juniores quanto adultos que fizeram atribuições internas, estáveis e controláveis à “maior competência” apresentaram de forma geral, médias mais elevadas que aqueles que fizeram atribuições externas, instáveis e controláveis à “menor competência”.

Tal resultado seria o normalmente esperado, afinal ter maior nível de competência deveria implicar em maiores expectativas. O interessante, contudo, é que nenhuma dessas diferenças foi significativa, ou seja, a atribuição otimista parece ter também conseguido manter suficientemente elevadas as expectativas dos jogadores que acreditam não ter um nível tão elevado de competência. Resultados semelhantes, relacionando atribuições otimistas com expectativas elevadas, foram encontrados por Orbach, Singer e Price (1999), Martin-Krumm (2003), Rascle, Le Foll e Higgins (2008), Le Foll, Rascle e Higgins (2008).

A atribuição otimista ao menor nível de competência não pareceu poderosa o suficiente para elevar as expectativas a ponto de serem maiores que aquelas experimentadas pela avaliação interna, estável e controlável do maior nível de competência, mas parece ter tido poder suficiente para colocá-las em um nível estatisticamente semelhante. Os resultados aparentemente ainda demonstram que as atribuições otimistas provavelmente servem apenas para deixar que o nível motivacional seja suficientemente mantido e não para que ele seja incrementado.

Um resultado já esperado indicou direções opostas para a expectativa de nível de competência no futuro, de acordo com a categoria jogada. Enquanto em juniores as

expectativas sobre o nível de competência tendem ao aumento progressivo, em adultos parece haver a tendência a esperar que o nível de competência vá diminuindo ao longo dos anos.

Além disso, quando comparadas as médias das expectativas de juniores e adultos foi descoberto que a médio (1 ano) e longo prazo (5 anos) juniores tem maiores expectativas que adultos de que serão mais competentes, assim como têm maiores expectativas de profissionalismo, de sucesso no profissionalismo e parecem se importar mais caso não alcancem tais metas.

Por fim, analisando a influência das dimensões da causa atribuída nas expectativas dos atletas, verificou-se que em juniores o controle pessoal pareceu ligado àquelas expectativas mais próximas. Explicou 4% da variância na expectativa de nível de competência em 1 mês e 9% na expectativa de profissionalismo. Nas expectativas a longo prazo, o *locus* da causalidade foi mais evidente e apareceu explicando 5% da variância da expectativa de competência em 5 anos e 6% da expectativa de sucesso no profissionalismo.

Em adultos, o controle pessoal explicou 12%, 9%, e 11% da variância das expectativas de nível de competência em 1 mês, 1 ano e 5 anos, respectivamente. Já o grau de estabilidade foi responsável por 8% da variância explicada da expectativa de profissionalismo e de sucesso no profissionalismo.

Mais uma vez os resultados contrariam em parte o que Weiner (1985, 2000) postulou, de que a dimensão estabilidade seria a mais ligada às expectativas do indivíduo. Novamente é importante deixar claro que o próprio Weiner (1985) ofereceu a flexibilidade em relação ao papel das dimensões como mediadoras entre a percepção de competência e as expectativas. No ambiente esportivo essa ligação pode ser distinta em relação a outros contextos.

Quanto às disposições para a ação foi possível observar que de forma geral, tanto atletas adultos quanto juniores que fizeram atribuições do tipo interna, estável e controlável ao maior nível de competência percebido tiveram médias mais elevadas que aqueles que fizeram

atribuições do tipo externa, instável e controlável ao menor nível. Com resultados inversos, a exceção, também para adultos e juniores, ficou por conta da variável “exigência do treinador”, única que envolvia disposição para aceitar algo externo (e não da própria pessoa) visando ser um jogador melhor.

Tais resultados poderiam indicar que atletas que utilizam causas internas, estáveis e controláveis para explicar a maior competência estão mais dispostos a fazer coisas que só dependem de si e menos dispostos a aceitar interferências de outras pessoas na busca por um maior nível de competência. No entanto, ainda que suas médias tenham sido, de forma geral, maiores que as dos atletas que utilizaram causas externas, instáveis e controláveis para a “menor competência”, não houve nenhuma diferença significativa, ou seja, os jogadores de futebol dessa amostra apresentaram as mesmas disposições para agir, independente do nível de competência.

Mais uma vez, a atribuição otimista parece ter protegido suficientemente as disposições para agir dos atletas com menor percepção de competência. Este tipo de atribuição protetora não conseguiu elevar as disposições a um nível acima daquelas de quem atribuiu a “maior competência” a causas internas, estáveis e controláveis, mas foi suficientemente capaz de igualá-las.

Além disso, tanto em juniores quanto em adultos, todas as variáveis que mediram disposições para ação estiveram correlacionadas entre si, ou seja, quanto mais os jogadores estão dispostos em um aspecto, mais estão dispostos em outro.

Em juniores não houve correlação entre disposições para a ação e as dimensões da causa atribuída. Em adultos, o grau de estabilidade foi responsável por explicar entre 6% e 13% das disposições para agir, sugerindo que a percepção do quanto a causa vai continuar a mesma ao longo do tempo ou tem possibilidade de mudar, pode interferir no quanto os

jogadores se dispõem a executar determinados comportamentos, com o objetivo de serem melhores atletas.

Quando comparados juniores e adultos, independente do tipo de atribuição utilizada para a maior e menor competência, atletas mais novos pareceram mais dispostos a se esforçar mais, a diminuir o tempo de lazer e a aceitar mais exigência por parte do treinador. Em relação à disposição para treinar mais não houve diferenças significativas, sendo que todos estão igualmente dispostos à maior carga de treino caso sejam exigidos.

10 . CONCLUSÃO

O objetivo desse estudo foi verificar o processo da atribuição de causas ao nível de competência percebido por jogadores de futebol juniores e amadores adultos. Para a maioria dos atletas desse esporte, alcançar um nível elevado de competência, atuar em clubes profissionais, ter sucesso e dinheiro parece ser um projeto de realização profissional e até mesmo pessoal. No entanto, a carreira é curta, todos sabem que são poucos os que realizam seus sonhos e a possibilidade de insucesso parece um fantasma que faz ameaças o tempo todo. Dentro disso, qual o papel e a influência da atribuição de causalidade? Como funciona esse mecanismo cognitivo em atletas do futebol? Enfim, como eles lidam cognitivamente com a própria percepção de competência?

As respostas dadas na prática por cada jogador levaram a importantes conclusões sobre o processo da atribuição de causalidade, estando de forma geral, de acordo com o que a teoria indica. Jogadores de futebol quando fazem a avaliação de que são bons atletas, com grande competência, parecem utilizar causas internas, estáveis e controláveis para explicar esse fato. Já quando acreditam não serem jogadores tão bons, com menor nível de competência, a explicação é focada em causas externas, instáveis e controláveis. Ambas as atribuições são consideradas otimistas, pois ajudam a manter elevados os sentimentos positivos, boas expectativas e boas disposições para a ação, o que por sua vez ajudaria a manter o comportamento motivado.

Estabelecidas as dimensões utilizadas para explicar o maior e o menor nível de competência percebida, buscou-se investigar como as diferentes combinações encontradas interferem nos sentimentos, expectativas e disposições para agir dos atletas. Como esperado, os resultados mostraram que as atribuições internas, estáveis e controláveis para a “maior competência” mantém elevados os sentimentos positivos, as expectativas e as disposições para a ação dos jogadores.

Também como esperado, descobriu-se que a atribuição externa, instável e controlável efetuada à “menor competência” parece proteger suficientemente os sentimentos, expectativas e as disposições para agir dos atletas, mantendo-os elevados, não a ponto de serem maiores que os daqueles com maior percepção de competência, mas ao menos a eles se assemelhando.

Desta forma, jogadores de futebol juniores e adultos amadores parecem atribuir ao maior nível de competência percebido causas que levem ao estabelecimento e manutenção de sentimentos positivos, boas expectativas e grande disposição para agir. Já ao menor nível de competência percebido as atribuições são feitas de forma otimista, de uma maneira que esse menor nível percebido não cause prejuízo nos seus sentimentos, expectativas e disposições para agir.

Mesmo que este estudo não tenha investigado comportamentos, mas apenas algumas disposições em executá-los, parece ter ficado clara a ligação entre o tipo de causa atribuída e os sentimentos e expectativas, justamente os dois responsáveis por influenciar a motivação e o consequente desempenho dos atletas. As dimensões “grau de estabilidade” e principalmente “controlabilidade pessoal” parecem ser as maiores responsáveis por influenciar os sentimentos, enquanto o controle pessoal também aparece como a dimensão mais próxima das expectativas do atleta.

Para Rodrigues (2007), diversas pesquisas mostram que o brasileiro parece ser um povo otimista, mas que adota muitas vezes um otimismo ingênuo, aquele em que há a expectativa de que o que é bom vai continuar e o que é ruim vai mudar e pode ser controlado, mesmo que falem evidências claras e reais de que isso seja verdade.

Os resultados encontrados nesse estudo podem ser mais uma prova desse otimismo ingênuo do brasileiro, uma vez que tanto atletas juniores quanto amadores adultos utilizaram mecanismos cognitivos de atribuição de causalidade para manter elevados seus sentimentos positivos e expectativas, além de estarem bastante dispostos a agir, mesmo sabendo das

dificuldades que enfrentarão, no caso de juniores e mesmo diante do fato de terem superado a idade para o profissionalismo, no caso de amadores adultos. Se isso para quem observa pode ser ruim, pois traz a sensação de que a dedicação é inútil, para quem vivencia é de extrema importância, pois tem a função de manter a motivação para continuar buscando o que é almejado, e isso tem grande valor pessoal.

Fica a sugestão para que os pesquisadores repliquem este estudo em outras amostras, de outros esportes, individuais e coletivos, com participantes femininos, buscando esclarecer e aprofundar pontos não atingidos, como a influência do *locus* da causalidade nos sentimentos ou a implantação de medidas de comportamentos reais e específicos no final do processo atribucional, que permitam uma real mensuração da motivação e desempenho do atleta.

Também sugere-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas com o objetivo de verificar, por exemplo, o impacto do (re) treinamento das atribuições (através de instruções otimistas diante de sucessos e principalmente de insucessos) no comportamento do atleta. E que isso seja feito em contexto esportivo real, não apenas com atletas de alto rendimento, mas também com aqueles envolvidos na prática rotineira e não profissional do esporte.

A riqueza das respostas e dos dados apresentados neste trabalho permite até mesmo pensar na possibilidade de construção de instrumentos válidos e fidedignos que possam medir como e quanto as causas utilizadas por um indivíduo para explicar algo que lhe ocorreu pode futuramente interferir nos seus sentimentos, expectativas e desempenho. Há escassez de instrumentos desse tipo, sendo que eles poderiam auxiliar aqueles que trabalham diretamente com os atletas a elaborar um melhor plano de treinamento e de aproveitamento durante as competições.

Enquanto isso, aos treinadores ou a qualquer pessoa que possa fornecer *feedback* atribucional direto aos atletas sobre seu nível de competência, sugere-se que o façam utilizando causas internas, estáveis e controláveis quando eles disserem que são bons atletas e

causas externas, instáveis e controláveis quando acreditarem que não são jogadores tão bons. E que indiquem principalmente que a causa responsável pelo maior ou menor nível de competência pode ser controlada.

Se os resultados descritos na literatura e aqui comprovados estiverem certos, os atletas terão sentimentos e expectativas positivos que os levarão a ter mais motivação e melhor desempenho durante a prática esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, P.L. & Lameiras, J. (2008). Treinamento psicológico e futebol na era da globalização. In: M.R.F.Brandão, A.A.Machado, J.P.Medina & A. Scaglia (EE.), **Futebol, psicologia e a produção do conhecimento** (33-61). São Paulo: Atheneu.
- Ball, D.W. (1976). Failure in sport. **American Sociological Review**, 41 (August), 726-739.
- Bardin, L. (1970). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- Benck, R.T. (2002). **Atribuições de causalidade em diferentes modalidades desportivas: uma aplicação da Causal Dimension Scale II- CDS II Escala de Dimensão Causal**. Tese de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Benck, R.T. (2006). **Retreinamento das atribuições de sucesso e fracasso no esporte: uma proposta de intervenção pedagógica**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Betancourt, H. & Weiner, B. (1982). Attributions for achievement-related events, expectancy and sentiments: a study of success and failure in Chile and United States. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 13 (3), 362-374.
- Borsari, J.R. (1989). **Futebol de Campo**. São Paulo: EPU.
- Brandão, M.R.F. (2000a). **Fatores de stress em jogadores de futebol profissional**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Brandão, M. R. F. (2000b). A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte. In Rubio, K.(org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brandão, M.R.F., Casal, H.M.V., Machado, A.A., Rebustini, F., Agresta, M. & Ribeiro, F.A. (2004). Futebol, esporte internacional e identidade nacional. Estudo 1: uma comparação entre Brasil e Japão. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 12 (1), 57-62.
- Brunoro, J.C. (1997). **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente.

- Buceta, J.M. (2008). O que um psicólogo pode ensinar a um treinador. In: M.R.F.Brandão, A.A.Machado, J.P.Medina & A. Scaglia (EE.), **Futebol, psicologia e a produção do conhecimento** (63-86). São Paulo: Atheneu.
- Carvalhaes, J. (1969). Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta de futebol e consequente prognóstico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 21 (3), 63-88.
- Carvalhaes, J. (1971a). Sociometria e experimentação de dinâmica de grupo no futebol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 23 (1), 73-98.
- Carvalhaes, J. (1971b). Considerações sobre a inteligência do atleta de futebol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 23 (2), 97-101.
- Carvalhaes, J. (1972). Duas experiências de descondicionamentos numa equipe de futebol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 24 (4), 49-54.
- Corrêa, D.K.A., Alchieri, J.C., Duarte, L.R.S. & Strey, M.N. (2002). Excelência na produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(2), 447-460.
- Dela Coleta, J.A. (1979). A escala de *locus* de controle interno-externo de Rotter: um estudo exploratório. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 31 (4), 167-181.
- Dela Coleta, J.A. (1980). **Atribuição de causalidade em presos, amputados e cegos: aceitação e luta contra o infortúnio**. Tese de doutorado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Dela Coleta, J.A. & Dela Coleta, M.F. (2006). **Atribuição de causalidade: teoria, pesquisa e aplicações**. Taubaté: Cabral Editora.
- Dela Coleta, J.A. & Godoy, S.A. (1986). Atribuição de causalidade ao sucesso e fracasso e reações emocionais: pesquisas brasileiras com os modelos de Bernard Weiner. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2 (2), 145-156.
- Duarte, O. (1994). **Todas as Copas do Mundo**. São Paulo: Makron Books.

- Fleury, S.F. (2004). **Estudo das faltas e condutas antidesportivas de atletas de futebol profissional em decisões de campeonato brasileiro**. Dissertação de mestrado, Universidad Autónoma de Madrid, São Paulo.
- Försterling, F. (1985). Attributional retraining: a review. **Psychological Bulletin**, 98 (3), 495-512.
- Fullin, C. & Mills, B. (1995). Attribution theory in sport: problems and solutions. Recuperado em 23 fev. 2009: http://eric.ed.gov/ERICWebPortal/custom/portlets/recordDetails/detailmini.jsp?_nfpb=tru&_ERICExtSearch_SearchValue_0=ED387439&ERICExtSearch_SearchType_0=no&accno=ED387439
- Gordon, R. (2008). Attributional style and athletic performance: strategic optimism and defensive pessimism. **Psychology of Sport and Exercise**, 9, 336-350.
- Heider, F. (1970). **Psicologia das relações interpessoais**. São Paulo: Pioneira/ Editora da Universidade de São Paulo.
- Kelley, H.H. (1972). Causal schemata and the attribution process. In E.E. Jones, D.E. Kanouse, H.H. Kelley, R.E. Nisbett, J. Valins & B.Weiner (Orgs.), **Attribution: perceiving the causes of behavior** (pp.151-174). Morristown: General Learning.
- King, N. (1995). The qualitative research interview. In C. Cassell & G. Simon, **Qualitative methods in organizational research: a practical guide** (pp.14-36). London: Sage.
- La Rosa, J. (1991). *Locus* de controle: uma escala de avaliação. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, 7 (3), 327-344.
- Le Foll, D., Rascle, O. e Higgins, N.C. (2006). Persistence in a putting task during perceived failure: influence of state-attributions and attributional style. **Applied Psychology: An International Review**, 55 (4), 586-605.
- Le Foll, D., Rascle, O. e Higgins, N.C. (2008). Attributional feedback-induced changes in functional and dysfunctional attributions, expectations of success, hopefulness, and short-term persistence in a novel sport. **Psychology of Sport and Exercise**, 9, 77-101.
- Leonhardt, L. (2003). O psicólogo auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol. In K.Rubio (Org.), **Psicologia do esporte aplicada** (pp.141-53). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Levine, R.M. (1982). Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: J.C.B.Meihy & J.S.Witter (Orgs.), **Futebol e cultura: coletânea de estudos** (pp. 21-44). São Paulo: Imprensa Oficial.
- Machado, A. (1997). **Psicologia do Esporte: temas emergentes**. Jundiaí: Ápice.
- Mark, M.M., Mutrie, N., Brooks, D.R. & Harris, D.V. (1984). Causal attributions of winners and losers in individual competitive sports: toward a reformulation of the self-serving bias. **Journal of Sport Psychology**, 6, 184-196.
- Martin-Krumm, C.P., Sarrazin, P.G., Peterson, C. & Famose, J. (2003). Explanatory style and resilience after sports failure. **Personality and Individual Differences**, 35, 1685-1695.
- McAuley, E. (1985). Success and causality in sport: the influence of perception. **Journal of Sport Psychology**, 7, 13-22.
- McAuley, E., Duncan, T. & Russell, D. (1992, oct.). Measuring causal attributions: the revised Causal Dimension Scale II (CDS II). **Society for Personality and Social Psychology**, 18(5), 566-573
- McAuley, E. & Gross, J.B. (1983). Perceptions of causality in sport: an application of the Causal Dimension Scale. **Journal of Sport Psychology**, 5, 72-76.
- McAuley, E., Russell, D. & Gross, J.B. (1983). Affective consequences of winning and losing: an attributional analysis. **Journal of Sport Psychology**, 5, 278-287.
- McClelland, D.C. (1972). **A sociedade competitiva: realização e progresso social**. Rio de Janeiro: Expansão e Cultura.
- Melo, R.S. (1997). **Qualidades físicas e psicológicas e exercícios técnicos do atleta de futebol**. Rio de Janeiro: Sprint.
- Mira y López, E. & Ribeiro da Silva, A. (1964). **Futebol e Psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Miserandino, M. (1998, sep.). Attributional retraining as a method of improving athletic performance. **Journal of Sport Behavior**, 21 (3), 286-297.

- NikeFutebol (2009). Recuperado em 05 mar. 2009: http://inside.nike.com/blogs/nikefootball-pt_BR/2009/02/07/treinamento.
- Noriega, J.A.V, Albuquerque, F.J.B., Alvarez, J.F.L., Oliveira, L.M.S. & Coronado, G. (2003, set/dez). *Locus* de controle no Nordeste. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, 19 (3), 211-220.
- Orbach, I., Singer, R.N. & Murphey, M. (1997). Changing attributions with an attributional training technique related to basketball dribbling. **The Sport Psychologist**, 11, 294-304.
- Orbach, I., Singer, R.N. & Price, S. (1999). An attributional training program and achievement in sport. **The Sport Psychologist**, 13, 69-82.
- Pasquali, L. (1999). **Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração**. Brasília: Labpam/IBAPP.
- Pereira, L. S. **História do futebol**. (2004, ago.). Recuperado em 05 set. 2007: <http://www.suapesquisa.com/futebol/>
- Rasclé, O., Le Foll, D. & Higgins, N.C. (2008). Attributional retraining alters novice golfers' free practice behavior. **Journal of Applied Sport Psychology**, 20 (2), 157-164.
- Rees, T., Ingledew, D.K. & Hardy, L. (2005). Attribution in sport psychology: seeking congruence between theory, research and practice. **Psychology of Sport and Exercise**, 6, 189-204.
- Rejeski, W.J. & Brawley, L.R. (1983). Attribution theory in sport: current status and new perspectives. **Journal of Sport Psychology**, 5, 77-99.
- Ribeiro da Silva, A. (1972). As aptidões do futebolista. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 24 (2), 07-20.
- Roberts, G. & Pascuzzi, D. (1979). Causal Attributions in Sport: Some Theoretical Implications. **Journal of Sport Psychology**, 1, 203-211.
- Rodrigues, A. (1982). Réplica: um tipo de pesquisa negligenciado em Psicologia Social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 34, 03-20.

Rodrigues, A. (1996). **Psicologia Social** (16ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Rodrigues, A. (2007). **Psicologia Social para Iniciantes**. Petrópolis: Vozes.

Rodrigues, A; Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (2002). **Psicologia Social** (22ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Rodrigues, F.X.F. (2004, jan./jun.). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, 6(11), 260-299.

Romero-García, O. (1999). **Crecimiento Psicológico y Motivaciones Sociales**. Mérida: Roga.

Rubio, K. (2000). **Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisas e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rubio, K. (2002). Origens e evolução da Psicologia do Esporte no Brasil. **Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, 7 (373), 742-798.

Rudisill, M.E. (1989). Influence of perceived competence and causal dimension orientation on expectations, persistence, and performance during perceived failure. **Research Quarterly**, 60 (2), 166-175.

Rudisill, M.E. & Singer, R.N. (1988). Influence of causal dimension orientation on persistence, performance and expectations of performance during perceived failure. **Journal of Human Movement Studies**, 15, 215-228.

Russel, D. (1982). The Causal Dimension Scale: a measure of how individuals perceive causes. **Journal of Personality and Social Psychology**, 42 (6), 1137-1145.

Salles, W. & Thomas, D. (Diretores). (2008). **Linha de Passe** [Filme]. Brasil: Videofilmes.

Samulski, D.M. (2008). **Psicologia do Esporte** (2ª ed.). Barueri: Manole.

Santamaria, V.L. & Furst, D.M. (1994). Distance runner's causal attributions for most successful and least successful races. **Journal of Sport Behavior**, 17 (1), 43-49.

Sarrazin, C. & Halliwell, W. **L'Histoire de la Psychologie du Sport**. Recuperado em 07 ago. 2007:

http://www.avantagemental.com/index.php?lang=en&rub=psycho_histoire_monde

Scanlan, T.K. & Passer, M.W. (1980). Self-serving biases in the competitive sport setting: an attributional dilemma. **Journal of Sport Psychology**, 2, 124-136.

Shirts, M. G. (1982). Futebol no Brasil ou football in Brazil?. In: J.C.B.Meihy & J.S.Witter (Orgs.), **Futebol e cultura: coletânea de estudos** (pp. 87-99). São Paulo: Imprensa Oficial.

Snyder, M.L., Stephan, W.E. & Rosenfield, D. (1978). Attributional egotism. In J.H. Harvey, W.Ickes & R.Kidd (EE.), **New directions in attributional research**. (Vol.2, pp.91-117). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Sousa, P.M., Rosado, A.B. & Cabrita, T.M. (2008). Análise das atribuições causais do sucesso e do insucesso na competição, em função do nível competitivo dos futebolistas portugueses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21 (2), 203-211.

Stemme, F. (1981). A psicologia social no futebol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 33 (1-2), 106-115.

Suárez, J.M.C. (2008). Aspectos psicológicos do jogador de futebol adolescente. In: M.R.F.Brandão, A.A.Machado, J.P.Medina & A. Scaglia (EE.), **Futebol, psicologia e a produção do conhecimento** (109-118). São Paulo: Atheneu.

Ventura, J.P. & Sousa, P.J. (2003). Da percepção de causalidade em contexto desportivo: um estudo sobre as razões do sucesso e fracasso em atletas de alta competição. **Psicologia: teoria, investigação e prática**, 8 (1), 83-113.

Weinberg, R.S. & Gould, D. (2001). **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. Porto Alegre: Artmed.

Weiner, B. (1972). **Theories of motivation: from mechanism to cognition**. Chicago: Rand McNally.

Weiner, B. (1979). A theory of motivation for some classroom experiences. **Journal of education psychology**, 71, 3-25.

- Weiner, B. (1985). Attributional theory of achievement motivation and emotion. **Psychological Review**, 92, 548-573.
- Weiner, B. (2000). Intrapersonal and interpersonal theories of motivation from an attributional perspective. **Educational Psychology Review**, 12, 1-14.
- Weiner, B., Frieze, I., Kukla, A., Reed, L., Rest, S. & Rosenbaum, R.M. (1972). Perceiving the causes of success and failure. In E.E. Jones, D.E. Kanouse, H.H. Kelley, R.E. Nisbett, J. Valins & B. Weiner (EE.), **Attribution: perceiving the causes of behavior** (95-120). Morristown: General Learning.
- Weiner, B., Russell, D. & Lerman, D. (1978). Affective consequences of causal ascription. In J.H. Harvey, W.J. Ickes & R.F. Kidd (EE.), **New directions in attribution research**, (Vol.2, pp.59-90). New York: Lawrence Erlbaum.
- Weiss, M.R., McAuley, E., Ebbeck, V. & Wiese, D.M. (1990). Self-esteem and causal attributions for children's physical and social competence in sport. **Journal of sport and exercise psychology**, 12, 21-36.
- Witter, J.S. (1982). Futebol...futebol. In: J.C.B.Meihy & J.S.Witter (Orgs.), **Futebol e cultura: coletânea de estudos** (pp. 71-85). São Paulo: Imprensa Oficial.
- Yukelson, D., Weinberg, R.S., West, S. & Jackson, A. (1981). Attributions and performance: an empirical test of Kukla's theory. **Journal of sport psychology**, 3, 46-57.

ANEXOS

ANEXO A

FUTEBOL –AVALIAÇÃO

Estou realizando uma pesquisa para investigar que nota jogadores de futebol se dão como jogadores de futebol e qual o motivo cada um usa para justificar essa nota. Também para saber como o jogador se sente como jogador de futebol, quais são algumas das suas expectativas e o quanto está disposto a fazer algumas coisas para ser um jogador melhor. Você gostaria e poderia participar? Você deve responder da forma mais sincera possível. Não existe resposta certa nem errada. Quero começar perguntando alguns dados pessoais.

DADOS PESSOAIS

1. Idade: _____ 2. Você estudou até qual série? _____
3. Sua mãe estudou até qual série? _____ 4. Seu pai estudou até qual série? _____
5. Onde passou a infância? () na roça () em cidades pequenas () em cidades grandes
6. Você joga **principalmente** em qual posição? () Defesa () Meio-campo () Ataque

Agora, você vai responder todas as perguntas de 1 a 10, sendo que 10 é muito, o máximo possível e 1 é pouco, o mínimo possível.

01. De 1 a 10, o quanto você acredita que a profissão de jogador de futebol é respeitada?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

02. Que nota você acha que as outras pessoas te dão como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

03. De 1 a 10, o quanto você se dedica ao futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

04. Que nota você dá para o melhor time em que você já jogou?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

05. Que nota você dá para o pior time em que você já jogou?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

06. Que nota você dá para o time em que você joga atualmente?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

07. Que nota você dá para você mesmo como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

08. Escreva a **principal** causa, o principal motivo que explica essa nota que você deu para você na questão anterior? (porque você tem essa nota como jogador de futebol ?)

Sabendo da nota que você deu a você mesmo na **pergunta 07** e depois de escrever a explicação na **pergunta 08**, responda:

09. De 1 a 10, o quanto esta causa está relacionada a você (tem a ver com você) ?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

10. De 1 a 10, o quanto você acredita que esta causa vai continuar ocorrendo no futuro?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

11. De 1 a 10, o quanto você acha que pode controlar (pode tomar conta) desta causa?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

12. De 1 a 10, o quanto você acha que **as outras pessoas** podem controlar (podem tomar conta) esta causa?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

Sabendo que você é um jogador nota (resposta da pergunta 07) devido ao motivo (resposta da pergunta 08), o quanto você sente (de 1 a 10) cada uma das coisas a seguir, **como jogador de futebol** ?

13. Competente pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

14. Confiante pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

15. Vitorioso pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

16. Recompensado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

17. Realizado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

18. Orgulhoso pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

19. Conformado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

20. Aliviado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

21. Arrependido pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

22. Frustrado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

23. Desanimado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

24. Capaz pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

25. Tranquilo pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

26. Deprimido pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

27. Angustiado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

28. Revoltado pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

29. Seguro pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

30. Com raiva pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

 muito

31.Surpreso	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
32.Agradecido	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
33.Relaxado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
34.Cansado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
35.Motivado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
36.Envergonhado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
37.Culpado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito

38. Se você fosse responder daqui **a um mês**, que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

39. Se você fosse responder daqui **a um ano**, que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Se você fosse responder daqui **a cinco anos**, que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

40. De 1 a 10, o quanto você acredita que um dia poderá ser jogador profissional de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

41. De 1 a 10, o quanto você vai achar ruim se nunca chegar a ser um jogador profissional de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

42. De 1 a 10, o quanto você acredita que um dia poderá ser um jogador profissional de futebol e ter sucesso?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

43. De 1 a 10, o quanto você vai achar ruim se nunca chegar a ser um jogador de futebol profissional e ter sucesso?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

44. De 1 a 10, quantas vezes mais você está disposto a se esforçar para ser um grande jogador de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

45. Se fosse preciso aumentar o tempo de treinamento para você se tornar um grande jogador de futebol, o quanto (de 1 a 10) você estaria disposto a aumentar?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

46. De 1 a 10, o quanto você abriria mão das horas de diversão (de festas, de lazer, de convívio em família) para se tornar um grande jogador de futebol de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

47. De 1 a 10, o quanto você aceitaria que o treinador fosse mais exigente para você se tornar um grande jogador de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

ANEXO B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - CURSO DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA APLICADA



Bloco 2C – Sala 46 – Campus Umuarama – Uberlândia MG – CEP 38400-902 – CP 593 - Fone: (34) 3218-2701
Site www.fapsi.ufu.br - E-mail: pgpsi@fapsi.ufu.br

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA

Meu nome é Lucas Guimarães Cardoso de Sá, sou aluno de Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof. Dra. Marília Ferreira Dela Coleta. Minha pesquisa, intitulada “ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE AO NÍVEL DE COMPETÊNCIA EM JOGADORES DE FUTEBOL DE CAMPO” tem o objetivo de identificar as causas as quais jogadores de futebol usam para justificar o quanto acreditam ser competentes como atletas e verificar como isso influencia seus sentimentos, expectativas e disposições para agir.

Gostaria de contar com sua autorização para ter acesso aos atletas do seu clube e conseguir as informações necessárias para este estudo. Será pedido a cada atleta para responder uma entrevista em que serão feitas perguntas sobre dados pessoais (idade, escolaridade, local de nascimento, posição em que joga), experiências particulares no futebol, nível de competência pessoal, causas que expliquem esse nível, sentimentos, expectativas e disposições para agir como jogador de futebol.

Para responder todas as perguntas da entrevista, cada atleta levará entre 5 e 10 minutos. O contato será feito de acordo com orientação da diretoria do clube e o consentimento do treinador, respeitando-se os locais e horários definidos e indicados previamente.

Inicialmente cada jogador receberá informação sobre os objetivos da pesquisa e o conteúdo do questionário. Será informado sobre a liberdade de querer participar ou não, sobre o sigilo dos dados coletados, sobre a entrevista não ter qualquer custo e que ele poderá desistir de colaborar a qualquer instante, sem prejuízo algum. O participante poderá também a qualquer momento pedir esclarecimentos a respeito da pesquisa, no que será prontamente atendido, mesmo que a resposta afete sua vontade de continuar participando do estudo.

O pesquisador estabelece o compromisso de lidar com as respostas de acordo com o Código de Ética dos Psicólogos, garantindo o respeito à intimidade dos entrevistados, e com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, que trata da pesquisa com seres humanos. As respostas ao questionário poderão ser utilizadas em apresentações científicas, congressos ou eventos semelhantes, reportagens da mídia impressa ou televisiva que tratem do assunto pesquisado sempre como dados gerais.

Desde já agradeço,

Lucas Guimarães Cardoso de Sá

Psicólogo – CRP 04 25.347

Telefone: (34) 9194-2771 E-mail: lucas.gcsa@yahoo.com.br

ANEXO C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - CURSO DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA APLICADA



Bloco 2C – Sala 46 – Campus Umuarama – Uberlândia MG – CEP 38400-902 – CP 593 - Fone: (34) 3218-2701
Site www.fapsi.ufu.br - E-mail: pgpsi@fapsi.ufu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE AO NÍVEL DE COMPETÊNCIA EM JOGADORES DE FUTEBOL”

Estou ciente que:

1. Os objetivos da pesquisa são estudar as causas do meu nível de competência como jogador de futebol e como elas influenciam o que sinto, espero do futuro e estou disposto a fazer em relação ao futebol.
2. Vou responder um questionário elaborado para esta pesquisa, que contém algumas questões sobre meus dados pessoais (idade, tempo de estudo), e outras sobre minha avaliação de qual é o meu nível de competência como jogador de futebol, a causa disso, como me sinto, o que espero e estou disposto a fazer em relação ao futebol.
3. As informações que eu der serão secretas, ou seja, não precisarei e nem serei de forma alguma identificado. A interpretação das respostas será feita junto com as dos outros participantes.
4. O tempo que se gasta para responder as perguntas é de 10 minutos.
5. As informações serão coletadas no melhor local, segundo o combinado entre o clube, cada jogador e o pesquisador.
6. Tenho liberdade de retirar minha permissão, e deixar de participar do estudo a qualquer momento. Se isso acontecer eu não sofrerei nenhuma punição e nem terei qualquer prejuízo.
7. A pesquisa não envolve nenhum risco. O benefício será a maior compreensão de como a percepção das causas do que me acontece influenciam a carreira esportiva.
8. Se eu precisar esclarecer qualquer dúvida, serei atendido na mesma hora, ainda que isto possa afetar minha vontade de continuar participando.
9. Autorizo a apresentação e publicação dos dados gerais deste estudo em congressos e revistas científicas, já que as informações que eu dei são secretas e analisadas junto com todas as outras.
10. O pesquisador estabelece o compromisso de lidar com as respostas, de acordo com o Código de Ética dos Psicólogos garantindo o respeito à intimidade dos entrevistados, e com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, que trata da pesquisa com seres humanos.
11. Concordo em participar desta pesquisa, declaro conhecer como ela funciona, e afirmo que minha participação é totalmente voluntária e livre.

Assinatura do pesquisador: _____

Telefone para contato com o pesquisador: (34) 9194-2771.

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Campus Santa Mônica – Bloco “J”. Fone: 3239-4531

Assim, sabendo dos termos acima, considera-se que você está de acordo com eles ao assinar abaixo. Uma cópia deste termo ficará com você.

Desde já agradecemos sua colaboração.

Assinatura do participante: _____ Data : ____ / ____ /2008

ANEXO D

Respostas dadas por jogadores de futebol da categoria juniores à pergunta: Escreva a principal causa, o principal motivo que explica essa nota que você deu para você na questão anterior? (porque você tem essa nota como jogador de futebol ?)

1. Eu tenho raça.
2. Eu me dedico.
3. Eu tenho visão de jogo.
4. Eu faço de tudo: bato, corro, faço gol.
5. Me falta técnica e agilidade.
6. Minha marcação é ruim.
7. Sou muito novo, tenho que ficar mais encorpado.
8. Não sou melhor nem pior que ninguém
9. Porque de vez em quando eu falho.
10. Porque me esforço.
11. Porque jogo pelo time.
12. O desempenho do time é ruim.
13. Por causa de alguns erros que cometo.
14. As pessoas tem muita confiança em mim, na minha capacidade.
15. Me falta habilidade e técnica.
16. Não treino e por isso canso fácil.
17. Tenho talento.
18. Preciso treinar mais.
19. Sou ágil e chuto bem.
20. Falta de talento.
21. Bom desempenho que já tive e tenho em campo.
22. Porque confio em mim, em minha habilidade.
23. Porque me dedico.
24. Porque bato muito dentro de campo.
25. Dou bons passes.
26. Minha parte física ainda não está boa.
27. Porque sou muito dedicado.
28. Porque tenho pouco tempo para treinar.
29. Sou um jogador nota 6 mesmo.
30. Ando de cabeça baixa dentro de campo.
31. Sou esforçado.
32. Sou inteligente, habilidoso.
33. Sou rápido na marcação e na recuperação.
34. Faço definições mal feitas.
35. Já tive oportunidade e não fui capaz.
36. Falta dedicação.
37. Por não treinar, não dedicar.
38. Porque ajudo o time.
39. Sou esforçado.
40. Falta de dedicação.

41. Tenho habilidade.
42. Preciso ser um pouco mais esforçado.
43. Tenho dedicação.
44. Dedico bastante.
45. Sou humilde e não brigo com ninguém.
46. Ainda estou em formação, tenho que melhorar muita coisa
47. Não treino o suficiente. Prefiro estudar que me dedicar exclusivamente ao futebol.
48. Porque treino muito
49. Porque trabalho para jogar cada dia melhor
50. Porque me dedico e esforço
51. Porque me dedico, tento fazer o melhor sempre
52. Porque batalho, corro atrás
53. Sei que não sou tão bom assim, sou um jogador nota 5 mesmo
54. Não estou em um bom ritmo, preciso trabalhar para melhorar minha parte física
55. O time não treina, não tem estrutura
56. Jogo bem
57. Porque não tem estrutura e o time não treina
58. Nem sempre consigo agradar a todos com meu futebol
59. Não sou perfeito, tenho vários defeitos
60. Tenho habilidade
61. Porque me empenho
62. Não tenho experiência
63. Sou apenas um jogador normal
64. Porque luto e me esforço
65. As vezes não consigo demonstrar meu potencial totalmente
66. Dou o máximo, faço o melhor
67. Posso me esforçar mais
68. Sou batalhador, tenho determinação
69. Sou muito vaidoso e isso me atrapalha em campo
70. Dedicação
71. Preciso me esforçar, me dedicar mais
72. Porque me dedico, me esforço
73. Porque bato bem na bola
74. Porque posso me esforçar mais
75. Porque sou dedicado, esforçado
76. Porque tenho que melhorar mais, não tenho habilidade
77. Tenho defeitos
78. Não tenho experiência
79. Porque ainda não alcancei meu objetivo, preciso melhorar mais
80. Porque me dedico e me esforço
81. Preciso treinar mais
82. Porque tenho bom futebol
83. Porque me esforço e tento sempre melhorar
84. Devo me esforçar mais

85. Trabalho muito
86. Ainda sou júnior
87. Falta estrutura ao clube
88. Não tive uma base boa, não tive uma boa formação
89. Porque tenho que melhorar para atingir a perfeição
90. A estrutura do clube é ruim
91. Me avaliando mal, mais me esforço nos treinos
92. Sempre me esforço melhorar, sem acomodar
93. Preciso melhorar meu futebol
94. O clube não tem estrutura boa
95. Falta estrutura para o clube
96. Minha parte física é ruim
97. Preciso melhorar minha parte física e minha finalização
98. Sou bom de marcação
99. Meu físico é bem desenvolvido
100. Sempre me esforcei, nunca desisti, mesmo com tudo que acontece
101. Me empenho
102. Falta aperfeiçoar algumas coisas
103. Meu desempenho, minha vontade, minha luta
104. Porque acredito e busco sempre o melhor
105. Porque tenho que aprender mais, aprimorar as técnicas
106. Porque me esforço e dou o máximo
107. Não estou sendo incentivado
108. Porque me dedico
109. Preciso me dedicar mais
110. O clube não tem estrutura
111. Não tenho experiência

ANEXO E

Respostas dadas por jogadores de futebol da categoria amadora adulta à pergunta: Escreva a principal causa, o principal motivo que explica essa nota que você deu para você na questão anterior? (porque você tem essa nota como jogador de futebol ?)

1. Me empenho
2. Sou um cara esforçado
3. Me dedico
4. Procuro sempre me aperfeiçoar
5. Tenho dedicação
6. Dedicação
7. Dedicação
8. Dedicação
9. Dedicação ao máximo
10. Procuro sempre me aprimorar
11. Sempre estou tentando me aprimorar
12. Procuro desempenhar o melhor
13. Me dedico dentro de campo
14. Dedico ao máximo
15. Me dedico
16. Sou esforçado
17. Sempre fui dedicado
18. Me dedico ao máximo
19. Sou um jogador dedicado
20. Me dedico
21. Tenho vontade
22. Tenho vontade
23. Tenho muita garra
24. Tenho garra
25. Sigo instruções
26. Faço gols
27. Sou peça que ajuda o time
28. Ajudo a equipe
29. Sou bom
30. Sou bom
31. Me acho um bom jogador
32. Sou um bom jogador
33. Meu conjunto se destaca
34. Tenho habilidade por treinar desde novo
35. Eu gosto, jogo como diversão
36. Tenho confiança
37. Sou merecedor da nota 10 pelo que tenho feito em campo
38. Tenho habilidade, trabalho com isso desde novo
39. Tenho experiência
40. Sou um jogador de grupo, jogo para o time

41. Sou habilidoso
42. Tenho características diferenciadas dos outros, isso é bom
43. Tenho auto-confiança
44. Sou bom, sou titular
45. Faço gols
46. Tenho pegada
47. Tenho habilidade
48. Falam que eu tenho habilidade
49. Sempre tive problema com lesões
50. Sempre tenho falhas
51. Tenho vontade demais, que me faz ser sempre expulso
52. Não tenho condicionamento físico
53. Precisaria de várias características que não tenho
54. Me considero comum, igual a muitos
55. Meio duvidoso falar de mim, mas sou um jogador nota 5 mesmo
56. Mesmo me esforçando ao máximo tenho falhas
57. Sou um jogador médio
58. Falta de preparo físico
59. Não dedico
60. Não dedico 100%
61. Não dedico muito
62. Falta mais empenho
63. Não dedico 100%
64. Fora de campo não dedico
65. Falta de dedicar
66. Nunca fui dedicado
67. Poderia me dedicar mais
68. Falta de dedicação
69. Falta de dedicação
70. Falta dedicação
71. A vida é difícil, não dá tempo para treinar
72. Não tem treino
73. Pouco treino
74. Falta de treino
75. Porque o time não treina
76. Não treino o necessário
77. Não tenho tempo para treinar
78. Porque não tenho tempo para treinar

ANEXO F



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
Av. João Naves de Ávila, nº 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG -
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4531

**ANÁLISE FINAL Nº 560/07 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO
REGISTRO CEP/UFU: 313/07**

Projeto Pesquisa: Atribuição de causalidade em jogadores profissionais de futebol de campo.

Pesquisador Responsável: Marília Ferreira Dela Coleta

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

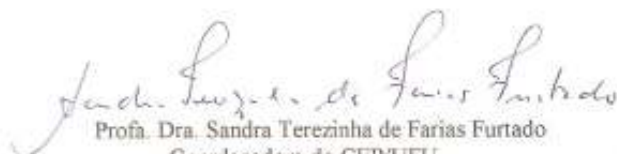
O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data para entrega do Relatório Final: novembro/2008

SITUAÇÃO: PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO.

Uberlândia, 18 de janeiro 2008 .


Profª. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador

(Para parecer Aprovado ou Aprovado com Recomendações)

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.2), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma da Res. 196/96 CNS.